UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

ISABELA ALMEIDA DE OLIVEIRA

STEFAN ZWEIG ENTRE A LITERATURA E O CINEMA: REPRESENTAÇÕES DO EXÍLIO

UBERLÂNDIA
2017

ISABELA ALMEIDA DE OLIVEIRA

STEFAN ZWEIG ENTRE A LITERATURA E O CINEMA: REPRESENTAÇÕES DO EXÍLIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, Curso de Mestrado Acadêmico em Estudos Literários do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Estudos Literários
Linha de pesquisa 3: Literatura, Outras Artes e Mídias
Orientadora: Profª. Dra. Kênia Maria de Almeida Pereira

UBERLÂNDIA
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

O48s
2017

Oliveira, Isabela Almeida de, 1988-
Stefan Zweig entre a literatura e o cinema : representações do exílio / Isabela Almeida de Oliveira. - 2017.
109 f. : il.

Orientadora: Kênia Maria de Almeida Pereira.
Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.
Inclui bibliografia.

1. Literatura - Teses. 2. Literatura austríaca - História e crítica. - Teses. 3. Zweig, Stefan, 1881-1942 - Crítica e interpretação - Teses. I. Pereira, Kênia Maria de Almeida. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. III. Título.

CDU: 82

ISABELA ALMEIDA DE OLIVEIRA

STEFAN ZWEIG ENTRE A LITERATURA E O CINEMA: REPRESENTAÇÕES DO EXÍLIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, Curso de Mestrado Acadêmico em Estudos Literários do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Uberlândia, 17 de Fevereiro de 2017.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Kênia Maria de Almeida Pereira / UFU/MG (Presidente)

Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior / UFU/MG

Prof. Dr. João Paulo Ayub da Fonseca / UFG/GO

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade de estar vivendo esse momento acadêmico tão importante, para todos que almejam seguir no caminho da Docência.

Agradeço à minha família pelo constante apoio, principalmente à minha mãe, por ter estado ao meu lado me amparando nos momentos mais difíceis e estressantes que enfrentei para chegar até aqui. Também à minha irmã, Patrícia, por sempre me auxiliar no que se faz necessário nas questões acadêmicas.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Kênia Maria de Almeida Pereira, pelas fundamentais orientações quanto à temática desenvolvida ao longo desta pesquisa.

Agradeço ao Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior (UFU) e Prof. Dr. João Paulo Ayub da Fonseca (UFG) por terem participado da minha banca de qualificação, me alertando sobre o possível melhoramento e enriquecimento de determinados aspectos da dissertação, além das sugestões de leituras de obras singulares que foram fundamentais para a contextualização desta pesquisa.

Agradeço à Profa. Dra. Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro, por ter compartilhado comigo o seu espaço em sala de aula para que eu pudesse realizar o meu Estágio de Docência.

Agradeço ao Prof. Dr. Ivan Marcos Ribeiro, pelas ótimas sugestões de leituras ao longo das aulas de *Literatura, Interartes e Intermídias: diálogos,* que muito contribuíram para o desenvolvimento de parte deste trabalho.

Agradeço ao Prof. Dr. Pedro Kalil (UFG) e à Profa. Dra. Cintia Camargo Viana (UFU) por terem feito observações fundamentais acerca do meu projeto inicial do mestrado, no evento SEPEL do ano de 2015, visando o melhoramento do mesmo, e por terem me indicado algumas obras e autores que foram de grande contribuição para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço aos secretários da coordenação do Mestrado em Estudos Literários, pela presteza com que nos auxiliaram ao longo destes dois anos de Pós-graduação.

Agradeço aos meus amigos, Fernando Motta e Paulo José, pelas inúmeras vezes que exerceram com excelência a função de amigos, me ouvindo desabafar sobre os percalços da vida acadêmica.

Agradeço também, inclusive, a alguns professores desmotivadores e colegas “não tão colegas”, pelas críticas negativas, comentários maldosos e informações erradas, afinal de contas precisamos até das pedras para construirmos o nosso caminho.

Por fim, agradeço à instituição CAPES, pelo apoio financeiro sem o qual não seria possível me manter nesse longo caminho e ter chegado até aqui.

Obrigada!

Mas toda sombra é, em última análise, também filha da luz. E só quem conheceu claridade e trevas, guerra e paz, ascensão e decadência viveu de fato. (ZWEIG, 2014, p. 385).

RESUMO

Poucas pessoas sabem quem foi Stefan Zweig e qual a sua importância para a literatura mundial. Autor de diversas obras literárias, autobiográficas, biográficas e novelísticas, o escritor judeu austríaco veio em definitivo para o Brasil, em 1941, juntamente com sua esposa, Lotte, em busca de exílio, já que naquele momento a Áustria e os demais países da Europa estavam sob o poder totalitário de Hitler. A pesquisa desenvolvida neste trabalho acadêmico tem como objetivo compreender um pouco sobre a vida e obra de Stefan Zweig, sobretudo, ao longo da sua trajetória de exílio e seus últimos dias de vida no Brasil, que terminou com a tragédia do suicídio de Zweig e Lotte, em Petrópolis, no Rio de Janeiro, dias após o Carnaval de 1942. Para melhor entendimento sobre a trajetória desse escritor foi feita uma breve análise histórica acerca do antissemitismo na Europa e no Brasil, sobretudo no período em que Zweig se exilou neste país e em algumas cidades europeias. O texto também traz ao leitor as diferentes imagens que foram construídas sobre a pessoa de Zweig na biografia *Morte no Paraíso*, escrita por Alberto Dines, em 1981, e na ótica da adaptação cinematográfica, na película *Lost Zweig*, produzida pelo cineasta brasileiro, Sylvio Back, com lançamento no Brasil no ano de 2003. A pesquisa foi se desenvolvendo em um paralelo com breves análises acerca das temáticas: biografia, autobiografia, adaptação, exílio e antissemitismo, que são as ideias centrais discutidas ao longo do texto, mantendo Stefan Zweig como objeto de estudo. Para a contextualização foram feitas leituras de diversas obras que tratam dos temas já mencionados, como *É isto um homem?*, de Primo Levi, *O Anti-semitismo na Era Vargas*, de Maria Luiza Tucci Carneiro, *Brasil, um país do futuro*, de Stefan Zweig, *Uma teoria da Adaptação*, de Linda Hutcheon, dentre outras. Além da leitura de diversas obras e análises de documentários foi feita também uma pesquisa de campo em uma visita ao *Memorial da Imigração Judaica*, inaugurado em 2016, em São Paulo, que forneceu um grande conhecimento sobre a história da imigração judaica no Brasil e contribuiu essencialmente para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Adaptação. Exílio. Stefan Zweig. Biografia. Antissemitismo.

.

ABSTRACT

Few people know who Stefan Zweig was and how important he is to world literature. Author of several literary, autobiographical, biographical and novelistic works, the Austrian Jewish writer came definitively to Brazil in 1941 with his wife, Lotte, looking for exile, because at that moment Austria and the other countries of Europe were under Hitler's totalitarian power. This dissertation aims to understand a little about the life and work of Stefan Zweig, especially during his trajectory of exile and his last days of life in Brazil, which ended with the tragedy of the suicide of Zweig and Lotte, In Petropolis, Rio de Janeiro, a few days after the Carnival of 1942. For a better understanding of the trajectory of this writer, a brief historical analysis was made of anti-Semitism in Europe and Brazil, especially during the period in which Zweig exiled himself in this country and in some European cities. The text also brings to the reader the different images that were constructed on the person of Zweig in the biography Death in the Paradise, written by Alberto Dines, in 1981, and in the perspective of the cinematographic adaptation, in the film Lost Zweig, produced by the Brazilian film director Sylvio Back, launched in the year 2003. This research is developing in a parallel with brief analyzes on the themes biography, autobiography, adaptation, exile and anti-Semitism, which are the central ideas discussed throughout the text, keeping Stefan Zweig as object of study. Several works that deal with the themes already mentioned have been read, such as “Is it a man?”, By Primo Levi, “Antisemitism in the Vargas Era”, by Maria Luiza Tucci Carneiro, “Brazil, a country of the future” by Stefan Zweig, “A theory of adaptation”, by Linda Hutcheon, among others. Various works and documentaries were studied. Besides that, a field survey was also carried out on a visit to the Memorial of Jewish Immigration, inaugurated in 2016 in São Paulo, which provided a great knowledge about the history of Jewish immigration in Brazil and contributed essentially for the development and conclusion of this work.

KEYWORDS: Adaptation. Exile. Stefan Zweig. Biography. Antisemitism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9
2 STEFAN ZWEIG: VIDA E OBRA DE UM ETERNO EXILADO 12
2.1 Stefan Zweig: o eterno exilado 30
3 O ANTISSEMITISMO NA EUROPA E NO BRASIL DO SÉCULO XX 43
3.1 Um breve relato sobre o antissemitismo na Europa ao longo das duas Grandes Guerras .. 46
3.2 A imigração Judaica no Brasil e o antissemitismo brasileiro 56
4 STEFAN ZWEIG: ENTRE A LITERATURA E O CINEMA 67
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 99
REFERÊNCIAS 103
ANEXO A – DECLARAÇÃO DE VISITA AO MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO JUDAICA DE SÃO PAULO – JULHO DE 2016. 107
ANEXO B – CARTA INÉDITA DE STEFAN ZWEIG PARA HANS ROSENKRANZ DIVULGADA À IMPRENSA EM DEZEMBRO DE 2016. 108

1 INTRODUÇÃO

Poucas pessoas sabem quem foi Stefan Zweig e qual a sua importante contribuição para a literatura mundial. Autor de diversas obras biográficas, autobiográficas, novelísticas e de ficção, Zweig nasceu no seio de uma família judaica em Viena, na Áustria, em 1881, e diante dos obstáculos pessoais que enfrentou em sua trajetória de vida foi aproveitando bem as oportunidades que surgiam e, assim, construindo o seu legado como escritor.

Zweig foi mais uma vítima da diáspora judaica fugindo do genocídio semita que se espalhava de forma assustadora pela Europa, ao longo da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Teve uma trajetória diaspórica pela Europa, como por exemplo, em Londres que chegou a ficar por um bom tempo, até partir para a América do Norte e do Sul, se estabelecendo por último no Brasil em busca de exílio e, ironicamente, se suicidou neste país que ele mesmo considerava o paraíso na terra, o país do futuro.

Assim como as personalidades biografadas por ele, Zweig viveu de forma intensa e enigmática. Alguns fatos ocorridos em sua trajetória de vida até a sua morte nos leva a fazer alguns questionamentos: Por que a segunda esposa, Lotte, se matou também? Qual o veneno realmente utilizado pelo casal? Essa tragédia teria sido mesmo um suicídio premeditado ou um assassinato encomendado? Por que o governo Getúlio Vargas não autorizou a realização de autópsia nos corpos? Enfim, ficaram no ar outras inúmeras indagações acerca dessa tragédia. Morre Zweig, mas suas obras permanecem entre nós, repletas de significados e denúncias ao nazifascismo, convidando o leitor ao estudo e à reflexão acerca desse período histórico e a conhecer um pouco sobre a vida de Zweig, renomado autor no século XX.

Esse trabalho busca através da análise de diversas obras biográficas, autobiográficas, literaturas de testemunho, produções cinematográficas, imagens, documentários, dentre outras produções bibliográficas e possíveis materiais relacionado à temática aqui estudada, analisar a vida e a morte de Stefan Zweig e comentar sobre algumas de suas produções deixadas como grande contribuição para a literatura mundial.

O objeto de estudo desta pesquisa é o escritor Stefan Zweig e o foco do trabalho é abordar dois diferents pontos de vista sobre o escritor judeu, na forma literária, por Alberto

Dines, biógrafo de Zweig, e na forma de adaptação cinematográfica, por Sylvio Back, cineasta brasileiro que produziu a película *Lost Zweig* contando os últimos dias de vida de Zweig no Brasil. Para discussão da temática proposta foram desenvolvidos três capítulos de forma isolada, mas ambos se corelacionam com o objeto de estudo desta pesquisa.

No primeiro capítulo denominado *Stefan Zweig: Vida e obra de um eterno exilado* o texto traz ao leitor algumas abordagens acerca da infância e adolescência de Stefan Zweig que, de acordo com o seu biógrafo, contribuiram consideravelmente para a sua formação adulta. Os relatos sobre a sua personalidade mostram como Zweig vivia sob um turbilhão de emoções e incertezas guardadas dentro de si mesmo e que, posteriomente, tiveram grande influencia na sua decisão de se matar. Também foi relatada nesse primeiro capítulo a trajetória de exílio desse escritor judeu, que fugiu da Europa nazifascista para o Brasil, em 1941, em busca de refúgio. Para a contextualização do capítulo foram utilizadas algumas obras, como *24 horas na vida de uma mulher* (Stefan Zweig), *Brasil, um país do futuro* (Stefan Zweig), a sua autobiografia *O mundo de ontem* (Stefan Zweig - publicação póstuma), a biografia *Morte no paraíso* (Alberto Dines), *Reflexões sobre o exílio* (Edward Said), dentre outras.

O segundo capítulo denominado *O antissemitismo na Europa e no Brasil no século XX* trouxe, apenas como uma rápida referência para o leitor, uma definição sobre antissemitismo e antijudaísmo. Posteriormente, o texto foi se desenvolvendo com breves relatos sobre a história do antissemitismo, desde antes de Cristo até os dias de hoje, mostrando ao leitor como ocorreu na prática a diáspora judaica na história mundial, sobretudo na Europa e no Brasil do século XX. Entretanto, é importante ressaltar ao leitor que o capítulo traz uma abordagem panorâmica de questões históricas e judaicas, com a intenção de facilitar o entendimento do leitor acerca da trajetória de vida do objeto de estudo desta pesquisa. Para tanto, várias obras foram utilizadas para a fundamentação teórica desse segundo capítulo, como *O Anti-semitismo na Era Vargas (*Maria Luiza Tucci Carneiro), as autobiografias de testemunho, *É isto um homem? (*Primo Levi) e *O mundo de ontem (*Stefan Zweig), *Paris, a festa continuou* (Alan Riding), *Mínima Moralia* (Theodor Adorno), dentre outras.

No terceiro capítulo denominado *Stefan Zweig: entre a Literatura e o Cinema* foi elaborada uma análise comparativa entre obra literária e obra cinematográfica usando como referencia a biografia *Morte no Paraíso*, do jornalista e escritor Alberto Dines, e a película, *Lost Zweig*, do cineasta brasileiro Sylvio Back. Ambos produziram suas obras de acordo com a trajetória de Stefan Zweig, sobretudo, os seus últimos dias de vida no Brasil. Porém, Back

produziu o longa-metragem adaptado da biografia de Dines. Logo, esse texto traz ao leitor a questão da adaptação cinematográfica enfocando alguns aspectos técnicos ocorridos nas cenas e também a questão da fidelidade na adaptação. Esse terceiro capítulo foi fundamentado a partir do posicionamento de alguns estudiosos nas obras *A ilusão biográfica (*Pierre Bourdieu), *A linguagem cinematográfica (*Marcel Martin), *A Literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação (*Robert Stam) *A linguagem secreta do cinema (*Jean-Claude Carriére), *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida* (Sergio Vilas-Boas), dentre outras. Além disso, o texto mostra ao leitor que, embora as produções citadas estejam inicialmente relacionadas, cada autor soube se posicionar e relatar em suas respectivas obras diferentes interpretações acerca da pessoa de Zweig, respeitando, inclusive, a censura ou a liberdade existente na época em que cada obra foi produzida.

Ressaltamos ainda que o estudo aproximando as duas obras, biografia e película, nos leva a refletir, com mais sensibilidade humanitária e posicionamento político, sobre as perseguições nazistas e a dor do exílio, que culminaram no suicídio de Zweig e de sua esposa Lotte.

Por fim, outros aspectos relevantes nessa pesquisa foram elaborados e trazidos para o leitor mostrando como se deu o seu desenvolvimento, como foi possível chegar a determinadas informações, a visita ao Memorial Judaico em São Paulo, e, sobretudo, quais são as considerações finais e os conhecimentos adquiridos pela orientanda ao longo da pesquisa desenvolvida.

2 STEFAN ZWEIG: VIDA E OBRA DE UM ETERNO EXILADO

> Antes de deixar a vida por vontade própria, com a mente lúcida, imponho-me a última obrigação: dar um carinhoso agradecimento a este maravilhoso país, o Brasil, que propiciou, a mim e à minha obra, tão gentil e hospitaleira guarida. (ZWEIG, 1942).

Esta foi a primeira frase proferida pelo escritor Stefan Zweig em sua declaração de despedida antes de suicidar no Brasil, na cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, em 1942, onde passou os últimos conturbados e desgastantes dias de sua vida.

Autor de inúmeros livros biográficos e de ficção, Stefan Zweig era descendente de uma culta família judaica burguesa. Nasceu na cidade de Viena, na Áustria, em 28 de novembro de 1881, numa época em que a Áustria começava a se movimentar com os primeiros impactos causados pelo antissemitismo que vinha se proliferando pela Europa.

Com apenas um irmão, chamado Alfred, Stefan Zweig era filho caçula de pai comerciante, judeu húngaro de sucesso, chamado Moritz Zweig, fluente nos idiomas francês e inglês, tocava piano e levava uma vida regrada preferindo não se arriscar financeiramente. Sua mãe alemã, Ida Brettauer, tão bem sabia se comunicar em italiano e alemão, era uma mulher carismática, intensa e de pouca paciência.

Além dos pais e do irmão, na infância e adolescência Zweig viveu junto, na mesma casa, com uma tia que tinha problemas de audição, sua avó materna que era viúva e um primo de mesma faixa etária que ele. Diante das adversidades familiares, o futuro escritor vai apresentando ao longo dos anos certa intolerância à ideia de formar uma família. Foi casado por duas vezes e não teve filhos. Desde jovem, Zweig já demonstrava seu prestígio pela área literária e foi se dedicando exclusivamente a aprender e a explorar mais o mundo literário. Estudou Literatura e Filosofia nas cidades de Viena e Berlim fazendo, então, o que mais gostava.

Ao longo de sua vida, Stefan Zweig apresentou um temperamento mais rígido, ser responsável, com convicção, sempre prestativo e preocupado lutando por aquilo que acreditava. Assim, ainda nos tempos de colégio, certa vez estava treinando para uma apresentação literária, mas seu pai, Moritz queria lhe encaminhar para trabalhar na fábrica da

família, mas, com toda sua determinação Zweig discordou do pai, o que gerou um conflito físico entre ambos, onde Moritz saiu com o saldo de um dedo quebrado. A partir de então, os pais de Zweig resolvem encaminhá-lo para a Universidade de Viena, onde ele começa a estudar filosofia e história da literatura. Nessa fase, ainda jovem, com apenas 20 anos, tem o seu primeiro livro publicado, uma coletânea de poesias: *Silberne Saiten (Cordas prateadas, 1901).*

Zweig, que escrevia e publicava poemas desde os 16 anos, começou, em 1901, a contribuir com produções no caderno cultural do jornal vienense de maior prestígio na época, *Neue Freie Presse.* Em 1902, matriculou-se para estudar um semestre na universidade de Berlim e, logo no começo, percebeu a grande diferença entre Viena e Berlim. Enquanto a cidade austríaca preservava o seu estilo e comportamento tradicional a capital alemã exaltava o novo, o contemporâneo e mesclava os escritores de poucos recursos, os geniais, os boêmios, os marginalizados, os homossexuais, os judeus ortodoxos, os exilados e até os mentalmente desequilibrados.

Em 1904, novamente na Universidade de Viena, ele obteve o título de Doutorado apresentando sua tese sobre a filosofia de Hippolyte Tayne e, no mesmo ano, publicou a sua primeira produção biográfica, que foi sobre o escritor francês Paul Verlaine. Posteriormente, em 1906, redigiu sua primeira peça teatral. Sobretudo, por experiência própria, sustentou a sua humildade deixando um conselho para aqueles recém-chegados no mundo da escrita literária:

> E, se hoje devesse aconselhar um jovem escritor ainda inseguro sobre o caminho a seguir, procuraria convence-lo a seguir primeiro a uma obra maior como representante ou tradutor. Em todo serviço abnegado há para um principiante mais segurança do que na criação própria, e nada do que alguma vez foi feito com devoção terá sido em vão. (ZWEIG, 2014, p. 121).

Na Áustria da década de 1920 as pessoas viviam relativamente bem, mesmo com suas diferentes religiões, crenças, status social e nacionalidades. Misturar alemães com tchecos, cristãos com judeus, pobres com ricos, por exemplo, não era motivo para desencadear possíveis confrontos físicos. Os desafetos existiam em algumas situações, mas ainda não se via transbordar aquele ódio e intolerância que só começaram a surgir a partir da Primeira Guerra Mundial, como ressalta Zweig em sua autobiografia:

> O ódio entre um país e outro, entre um povo e outro, entre uma mesa e outra ainda não nos assaltava todos os dias a partir das manchetes dos jornais, ainda não separava as pessoas das pessoas e as nações das nações; aquela noção de manada, de

> mera massa, ainda não era tão nojentamente poderosa na vida pública como hoje; a liberdade na ação individual era tida como algo natural, o que hoje é inconcebível; a tolerância ainda era louvada como uma força ética e não, como hoje, desprezada como fraqueza. (ZWEIG, 2014, p.39).

Através desse trecho é possível entendermos um pouco sobre como o caos se espalhou pelo mundo a partir do momento em que governantes totalitaristas de diversos países, como Alemanha, Itália e Brasil, passaram a assumir o poder, governar nações e ditar as regras, ao final da década de 1930.

Do século XIX ao início do século XX, até que as guerras se desenrolassem, as pessoas pareciam mais interessantes e carismáticas. Tinha mais saúde, mais higiene, a prática esportiva se tornava popular entre as pessoas e começava a haver uma expansão de grupos com direito a voto. As formas de comunicação, como por exemplo, o telefone, também começavam a se popularizar facilitando, assim o contato entre as pessoas. Enfim, foi um século, marcado principalmente na história da Europa, conhecido como o "século da segurança": "Ninguém acreditava em guerras, revoluções ou quedas. Tudo o que era radical e violento já parecia impossível numa era da razão.". (ZWEIG, 2014, p.20). Entretanto, à medida que foi crescendo o poder totalitário na Europa aumentou também a velocidade com que as guerras foram tomando o mundo.

Ao longo de aproximadamente 30 anos Zweig passou por várias experiências em sua vida. Realizou muitas viagens a trabalho e a passeio. Além da Índia e de vários países europeus, o escritor esteve na América pela primeira vez, em 1911, visitando países como Cuba, Panamá, Estados Unidos e Canadá. Viveu diversos encontros e teve uma ampla produção literária de gêneros diversificados. Foi uma fase da vida em que obteve êxito em seu trabalho e, como consequência, estabeleceu grandes amizades de renome, como Émile Verhaeren, Rainer Maria Rilke, Romain Rolland, James Joyce e Sigmund Freud. Tudo isso só foi possível devido ao século tranquilo, até então, em que vivera Zweig:

> Pois o século em que nasci e fui educado não foi um século das paixões. Era um mundo ordenado, com camadas nítidas e transições suaves, um mundo sem pressa. O ritmo das novas velocidades ainda não se transmitira das máquinas, do carro, do telefone, do rádio, do avião para o homem, o tempo e a idade tinham outra medida. Vivia-se com mais comodidade, e se tento despertar em mim as imagens dos adultos da minha infância noto quantos deles eram precocemente corpulentos. Meu pai, meu tio, meus professores, os vendedores nas lojas, os músicos filarmônicos aos quarenta anos já eram homens gordos, "dignos". (ZWEIG, 2014, p.40).

Passada a sua infância e acompanhando o ritmo crescente das inovações da época, em 1912, Zweig conheceu a mulher que seria sua primeira esposa, Friderike Maria von

Winternitz. Anos antes de se casar com Zweig, ela se converteu ao catolicismo, aos 23 anos, e se casou primeiro com o jovem funcionário público, Felix von Winternitz, com quem teve duas filhas. Friderike era professora de francês diplomada e colaboradora nos folhetins de Berlim e Viena. Zweig manteve um relacionamento amoroso com ela por aproximadamente sete anos, mas somente o irmão do escritor, Alfred, tinha conhecimento disso. Porém, o escritor judeu não queria mais viver omisso nesse relacionamento.

Stefan Zweig sentia vontade de assumir o compromisso com Friderike abertamente e dividir o mesmo teto, mesmo que em pouco tempo tivesse vontade de requerer a sua liberdade de volta. Se casou com ela, em janeiro de 1920, mas demonstrava sua grande dificuldade em conviver "em família", junto com as duas filhas que Friderike teve no seu primeiro casamento, Alix e Suse. Seu desinteresse ou aversão em ter filhos era tão intenso e explícito que em certa ocasião onde Friderike expôs sua vontade de ter mais um filho Zweig ameaçou se suicidar.

Na biografia *Morte no paraíso*, que escreveu sobre Stefan Zweig, com a primeira edição em 1981, o biógrafo Alberto Dines faz uma observação acerca do comportamento de Zweig:

> Tudo o que Stefan faz na idade adulta contém um antagonismo a algo da infância, rebeldia tardia e torta. Talvez por isso permaneça como a eterna criança, mimado, ávido de reconhecimento. Em casa, sofria com o bulício armado pela mãe mandona, mas nos lares que constrói impõe silencio. A opulência da família, sobretudo os luxos da mãe, sempre competindo com a tia nos vestidos e joias, provoca nele um ascetismo que, por vezes, faz com que se sinta realmente pobre, num "romance familiar" às avessas. Fascinado pela pobreza, surpreende-se com o dinheiro a seu dispor. (DINES, 2012, p. 120.).

Talvez pelas influências e exemplos comportamentais que teve na infância, principalmente vindos de sua mãe, já na vida adulta Stefan Zweig se fez um charmoso e elegante cidadão europeu vienense, de faces rosadas e se tornou um homem de hábitos finos. Gostava de frequentar bons restaurantes, fumar os melhores cigarros e beber as mais requintadas bebidas. Em termos de comportamento passou por muita influência francesa, devido à origem de sua mãe e, portanto, era um exímio cavalheiro.

Com o passar dos anos Stefan Zweig foi se tornando mundialmente conhecido através das publicações de suas diversas obras literárias, biografias, autobiografia, peças de teatro e novelas. Alguns títulos mais conhecidos são: *Amok: novela de uma paixão* (1922), *Confusão de sentimentos* (1926), *Maria Antonieta* (1931), *Maria Stuart* (1935), *24 horas na vida de*

uma mulher (1935), *Fernão de Magalhães* (1938), *Coração impaciente* (1939), *Brasil, um país do futuro* (1941), *Xadrez* (1942 – publicação póstuma), *O mundo de ontem* (1942 – publicação póstuma), *Américo Vespúcio: História de um erro histórico* (1944 – publicação póstuma), dentre tantas outras publicações.

Zweig foi se tornando um escritor renomado ao longo dos anos em que começou a escrever até o dia de seu último suspiro. Em 1926, por exemplo, quando lançou a obra *Confusão de Sentimentos* obteve trinta mil exemplares da novela vendidos até o término daquele ano. Em 1939, o romance *Coração impaciente* é publicado em inglês, pela editora Cassells, em Londres e paralelamente traduzido para o alemão e publicado em Amsterdã e Estocolmo, sendo amplamente vendido em ambos os lugares.

Diversos personagens criados por Zweig em suas obras ficcionais trazem consigo uma personalidade marcante demonstrando indivíduos melancólicos, confusos e com ideias suicidas. Alguns deles, inclusive, possuem características que nós, leitores e estudiosos de Zweig, podemos facilmente relacionar à personalidade deste escritor. Devido à coincidência de características, não é difícil imaginarmos que talvez Zweig tenha mesmo espelhado em si, nas suas vontades ocultas, na sua história, alguns de seus personagens dos romances que escreveu. Na novela *24 horas na vida de uma mulher* (1938), podemos observar essa possível caracterização espelhada, a partir da descrição que o próprio autor agrega ao principal personagem desta história, que despertara uma paixão platônica em Mrs. C.: "Ele vinha de uma família tradicional de nobres da Polônia austríaca, fora destinado à carreira diplomática, estudara em Viena, e havia um mês fizera seus exames com extraordinário sucesso.". (ZWEIG, 2013, p. 36). Coincidência ou não, essa descrição ficcional relata, praticamente, um período da vida de Zweig.

Outra observação acerca de uma possível escrita autorepresentativa de Zweig em *24 horas na vida de uma mulher* está presente em diversos fragmentos da narrativa em que o escritor usa palavras, como "morte", "suicídio", "caixão", trazendo ao público leitor a possibilidade de identificar os pensamentos que desolavam a pessoa de Stefan Zweig na vida real, como na seguinte reflexão da personagem Mrs. C. sobre a morte:

> Mas afinal o tempo tem um poder profundo, e a idade, um singular domínio sobre todas as emoções. A gente sente a morte mais próxima, sua sombra escurece o caminho e as coisas aparecem menos nítidas, não perturbam tanto os nossos sentidos e perdem muito de sua perigosa força. [...] (ZWEIG, 2013, p. 52).

Nessa envolvente novela feminina Zweig prende a atenção do leitor com sua riqueza de detalhes ao descrever as cenas, os protagonistas e, principalmente, os diálogos dos personagens. O desenvolvimento dessa narrativa novelística em si deixa uma possibilidade de interpretação para o leitor de que Zweig parecia tentar projetar em seus personagens a intensidade vivida por ele próprio na vida real, como mostra a fala reflexiva de Mrs. C.: "Então tinham-se passado exatamente 24 horas desde aquele horrendo encontro, 24 horas tão cheias de mudanças e sentimentos contraditórios que meu mundo interior estava destruído para sempre. [...]". (ZWEIG, 2013, p. 51).

Em seu *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida* Sérgio Vilas-Boas traz ao longo do texto algumas análises sobre Zweig, a partir de um diálogo com Alberto Dines, e faz questão de ressaltar que "Zweig e o suicídio são velhos companheiros, pelo menos no campo literário: a morte voluntária está presente em pelo menos oito de suas histórias. [...]". (VILAS-BOAS, 2014, p. 134).

Ressalto aos leitores que essa relação dos personagens de Zweig com a sua vida pessoal são apenas possibilidades e não verdades absolutas. Diversas são as possíveis interpretações acerca de uma obra. Tudo depende do ponto de vista de quem lê, de quem escreve e da verdade que se faz necessária ser apresentada ao público leitor. Entretanto, principalmente devido à sua trajetória que o levou ao suicídio, essas relações entre *perfil do personagem X perfil do autor* se tornam mais tendenciosas e os detalhes que facilmente passariam insignificantes ao leitor comum se tornam detalhes essenciais na interpretação do leitor que lê Zweig e estuda sua vida e obra.

Outro aspecto relevante a ser observado na supracitada novela de Zweig, e que também tem a possibilidade de causar no leitor a ideia da projeção de si próprio em seus personagens, é o fato de ele agregar ao perfil do protagonista uma feminidade a partir do destaque que ele dá à descrição dos delicados traços físicos do jogador:

> E novamente me assustei, pois aquele rosto falava a mesma linguagem desenfreada, fantasticamente tensa das mãos [...] e da mesma delicada beleza quase feminina. [...] Ele pertencia a um homem moço, de uns 24 anos, era estreito, delicado, um pouco alongado e por isso tão expressivo. Exatamente como as mãos, não era inteiramente viril, antes o de um menino apaixonadamente estregue a um brinquedo. [...] A boca estreita levemente entreaberta revelava um pouco os dentes [...]. (ZWEIG, 2013, p.20)

Percebemos que a delicadeza do personagem se equipara aos traços da fina pessoa de Zweig. Além disso, a descrição delicada sobre um protagonista masculino deixa nas entrelinhas da novela uma possível tentativa de Zweig expressar seus desejos mais ocultos, sugerindo, talvez, que ele tinha uma apurada observação acerca de seu gênero, deixando por conta do leitor a interpretação de uma possível bissexualidade do escritor, como posteriormente Sylvio Back irá sugerir nas cenas de seu longa-metragem, *Lost Zweig*.

A novela de Zweig, *24 horas na vida de uma mulher* (1927), foi apenas uma das tantas obras do escritor judeu escolhida como referencia nesta pesquisa, para mostrar traços de uma possível representação de si próprio. Entretanto, em outras produções de sua autoria, como *Amok: Histórias de Paixão* (1922), *Carta de uma desconhecida* (1922), *Confusão de sentimentos* (1927), dentre outras, também é possível que o leitor, que já conhece fatos sobre a vida e personalidade de Zweig, tenha uma interpretação semelhante a essa. Ainda sobre a questão da bissexualidade de Zweig, outro fato relevante que pode contribuir para sustentar essa possibilidade é que no século XX, principalmente na França, de onde Zweig teve influencias que moldaram a sua personalidade e comportamento, era comum a busca pela liberdade sexual, o homossexualismo, o bissexualismo e, também, casos extraconjugais.

Na autobiografia *O mundo de ontem* (1942) Zweig relata desde a sua infância em Viena aos acontecimentos observados (e lastimados) por ele até os dias de seu exílio no Brasil, no início da Segunda Guerra Mundial. Sempre preocupado em explicar os fatos a partir dos detalhes, Zweig utiliza as mais de trezentas páginas de sua autobiografia para retratar o cenário sociopolítico da época em que viveu (1881-1942). Seu testemunho autobiográfico deixa claro os derradeiros problemas ocorridos naquele presente momento e que levam o leitor a imaginar um esboço do futuro que estava por vir.

Stefan Zweig, que se importava mais com os problemas da humanidade do que com ele próprio, expõe ao leitor em uma espécie de autocrítica o que o levou a escrever uma obra em que ele mesmo é o protagonista:

> Foi preciso acontecer muita coisa, infinitamente mais do que costuma ocorrer numa única geração em termos de eventos, catástrofes e provações, para que eu encontrasse a coragem para começar um livro cujo protagonista – ou melhor, centro – sou eu mesmo. Nada mais distante de mim do que me colocar em primeiro lugar, salvo como um palestrante que faz uma apresentação com dispositivos; o tempo fornece as imagens, eu me encarrego das palavras, e nem será tanto a minha trajetória que pretendo contar, e sim a de uma geração inteira – nossa geração única, carregada de vicissitudes como poucas outras no curso da história. (ZWEIG, 2014, p.13)

Contudo, mesmo sendo denominada autobiografia, o que Zweig produziu nessas páginas foi uma espécie de acervo memorialístico de uma época controversa, regada com o sangue de milhares de pessoas inocentes, que morreram vítimas da intolerância de um governante totalitarista, dominado pelos sentimentos de ódio, vingança e preconceito: "Nem em suas noites mais negras sequer sonharam quão perigoso pode se tornar o homem, mas tampouco de quanta força dispõe para ultrapassar perigos e superar provas.". (ZWEIG, 2014, p. 41).

Zweig descreve a antiga Paris, que a todos encantava, que era segura e tranquila para viver, cujo metrô, trânsito pesado e excesso de automóveis ainda não existiam para assolar *la belle vie*[1] dos tantos parisienses. Destacou também que a Paris existente antes da guerra era uma cidade que se identificava com a juventude, a beleza e a felicidade. Porém, o escritor deixa seu testemunho acerca do período de terror que começa a contrastar com a, até então, tranquila Paris:

> Na mesma hora em que comecei a redigir essas linhas, os exércitos e tanques alemães avançavam como uma massa cinzenta de cupins a fim de destruir na raiz as cores divinas, a felicidade abençoada, o verniz e a flor, que nunca fenece desse conjunto harmônico. E agora tudo já aconteceu: a bandeira com a suástica tremula na Torre Eiffel, as tropas de choque negras marcham em desafio pelos Champs-Élysées de Napoleão, e, à distância, eu sinto como nos lares os corações se contraem, como estão humilhados os olhares burgueses antes tão benevolentes, quando os coturnos marcham pelos seus queridos bistrôs e cafés. Raras vezes uma desventura pessoal me atingiu tanto, deixando-me tão abalado e desesperado quanto o aviltamento dessa cidade, que tem como nenhuma outra a graça de tornar feliz qualquer pessoa que dela se aproxime. Será que algum dia ela voltará a dar a outras gerações o que deu para nós: a lição mais sábia, o exemplo mais maravilhoso de ser ao mesmo tempo livre e criadora, aberta para todos e enriquecendo-se cada vez mais nesse belo esbanjamento? (ZWEIG, 2014, p. 123).

Mais de setenta anos se passaram e, lamentavelmente, a resposta que temos para dar a essa pergunta que Zweig deixou no ar não é exatamente a que ele gostaria de ler sobre a atual Paris. Agora, no século XXI, vem acontecendo por toda a França diversas perseguições de cunho religioso. Os ataques ocorridos em janeiro de 2015 levaram à morte o diretor, Charb, do jornal francês de sátira política, *Charlie Hebdo*, um dos maiores cartunistas franceses, Cabu, o famoso cronista e acionista do jornal, Bernard Maris, dentre outras vítimas como o também cartunista, Phillipe Honoré, de 73 anos. Devido à fixação e intolerância religiosa, os assassinos destes ataques intencionavam matar para se vingar dos criadores das charges que faziam sátiras referentes ao profeta Maomé, o mensageiro de Deus na religião islamita, que é a religião mais popular, principalmente nos países árabes e em várias outras partes da Ásia e

[1] Tradução do francês: "a bela vida".

da África. Dias depois do ataque ao jornal *Charlie Hebdo*, os mesmos terroristas invadiram um mercado judaico em Paris, na França, levando pelo menos quatro reféns à morte.

O desenvolvimento artístico de Stefan Zweig e o seu estabelecimento como escritor popularmente conhecido ocorreu em paralelo às duas grandes Guerras Mundiais. Em 28 de julho de 1914 se iniciou a Primeira Guerra Mundial a partir de um confronto entre a Sérvia e a Áustria. Ao longo dos dias de guerra vários países iam se aliando e mais difícil se tornava o estabelecimento da paz mundial. O que mais se ouvia nesse período eram discursos e pregações em defesa do nacionalismo. Entre 1914 e 1918 aconteceria, então, uma guerra que finalizaria um século e iniciaria outro sem que até os dias de hoje nenhum historiador, antropólogo ou estrategista conseguissem chegar a uma sólida conclusão acerca dos motivos que realmente desencadearam essa guerra.

Nos primeiros dias de atentados que deram início à Primeira Guerra Mundial Stefan Zweig, e a maioria da população europeia, não acreditavam que ali se iniciaria uma guerra dessa proporção. A princípio, achavam que eram apenas alguns desafetos políticos. No dia 2 de agosto a Alemanha confirma seu confronto à Rússia. Enquanto isso, no dia seguinte, o até então desconhecido cidadão austríaco, Adolf Hitler, se inscreve no exército alemão como voluntário, após profunda decepção por não ter conquistado seu espaço nas vias artísticas mais prestigiadas de Viena. A partir de então, se mostrou um belo observador, estrategista e disposto a se entregar inteiramente em defesa da pura raça ariana. Nesse período, Zweig manifestava certa preocupação: “Stefan não se preocupa com a mãe-pátria, mas com a pátria cultural. Dá no mesmo: entrega-se à vibração patriótica austro-alemã e exorta os compatriotas a selar um pacto de solidariedade germânica num texto nem guerreiro nem antiguerreiro, ambíguo.”. (DINES, 2012, p. 147).

No início do século XX a população em geral começava a se espalhar pelos grandes centros urbanos, mas as opções de lazer e socialização mais requintadas, como por exemplo, os modernos salões artísticos, não eram frequentados por pessoas comuns. Porém, o então insignificante Hitler conseguiu uma brecha entre as pessoas comuns e as de renome e foi essa a oportunidade que ele encontrou de se inserir em ambientes frequentados por pessoas da alta sociedade e começar a propagar seu discurso nacionalista.

Muito diferente de Zweig fisicamente e intelectualmente, Hitler era um jovem de baixa estatura, muito simples, hóspede de albergues e que sonhava em se tornar um renomado

pintor, mas foi desclassificado, por duas vezes, pela Academia de Belas Artes de Viena. Posteriormente, começou a fazer pinturas de paisagens de Viena e a vender para os comerciantes e, assim, começou a ganhar uma razoável quantia mensal que lhe permitia viver bem. Apesar dos perfis diferentes, Hitler conseguiu estar em um mesmo ambiente que Stefan Zweig frequentava, em apresentações de Richard Wagner, que era um grande ídolo musical de Hitler. Nessa época, meados de 1908, Zweig traduzia Paul Verlaine enquanto Hitler se imergia no universo da astrologia, da magia, do esoterismo nas prateleiras da Biblioteca Pública de Viena. Começara a Primeira Guerra Mundial. Zweig se mantinha pacifista e contra o patriotismo enquanto Hitler, nacionalista, exercia sua grande capacidade de observação acerca dos acontecimentos e se estruturava para se tornar o futuro *Führer*[2].

Ao longo da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) até 1938, Stefan Zweig manteve um relacionamento com sua primeira esposa, Friderike Maria, a qual permaneceu sua amiga confidente até os últimos dias de sua vida. Ao término de 1917, Zweig partiu rumo à Suíça, onde ficou até a guerra acabar. Em 1919, ao voltar para a Áustria decidiu ficar em Salzburgo até 1934, período, inclusive, no qual ele redigiu suas mais renomadas obras, que foram transformadas em filmes a partir dos anos 1920.

Com tantas mudanças de localidades pelas quais passava dentro de um curto espaço de tempo, Zweig sempre estava com sua agenda assoberbada de compromissos para cumprir: “Por causa desta perseguição esqueço uma coisa em cada hotel.”. (ZWEIG, 1933, apud DINES, 2012). Assim, em 1934, Friderike selecionou Charlotte Elisabeth Altmann (Lotte) para ser a secretária particular de seu marido na época em que moravam em Londres. Zweig chegou a viajar com Lotte para a Escócia em um trabalho de pesquisa biográfica a respeito de Maria Stuart, sobre a qual ele estava escrevendo uma biografia. Em 1935, em um hotel em Nice, na França, Friderike dá um flagrante: encontra Zweig abraçado com a secretária, Charlotte Elisabeth Altmann, uma mulher discreta, relativamente alta e magra, 27 anos mais nova do que ele e que, posteriormente, se tornaria a segunda senhora Zweig. O escritor se separa de Friderike em 1938 e se casa com Lotte em 1939.

O período compreendido entre 1924 a 1933 foram anos de relativo recomeço. Sobretudo na Europa, as pessoas tentavam encontrar a paz que lhes foi tirada com os anos de ocorrência da Primeira Guerra Mundial. Era uma busca constante pela reaproximação, já que

---

[2] *Führer*: Expressão utilizada na língua alemã para se referir ao líder, ao chefe, ao comandante.

o conflito ocorrido afastou várias pessoas, famílias e amigos. As pessoas trabalhavam muito, mas não sentiam aquela sensação de estarem sendo pressionadas, viajavam mais e, enfim, tentavam a medida do possível redescobrir a Europa. Com Zweig não foi muito diferente, porém ele trazia consigo uma popularidade que crescia junto com suas obras:

> Também eu viajei muito naquele tempo, mas era um viajar diferente dos dias da minha juventude. Pois eu já não era mais um desconhecido nos países que visitava, por toda parte tinha amigos, editores, um público. Chegava como autor dos meus livros, e não mais como o curioso anônimo de antes. Isso proporcionou várias vantagens. Pude agir com mais ênfase e influência mais ampla em prol da ideia que havia muitos anos se tornara a verdadeira ideia da minha vida: a união espiritual da Europa. (ZWEIG, 2014, p.291).

Stefan Zweig que, até então, viajava de país a país quase sempre a trabalho, para fins artísticos e literários, começa a viver uma verdadeira diáspora a partir do momento em que Hitler assume a liderança na Alemanha nazista e decide exterminar do mundo diversos povos, principalmente os judeus, considerando-os uma "raça-impura". Em 30 de janeiro de 1933 Hitler é nomeado chanceler e assume o poder. A partir de então, Zweig que era de origem judaica, se viu indiretamente ameaçado pelos nazistas e, por isso, começou a sua peregrinação por vários países na tentativa de fugir do alcance dos olhos de Hitler e de seu exército: "Cresci em Viena, a metrópole supranacional de dois mil anos, e tive de deixá-la como um criminoso, antes de ser rebaixada a uma cidade provincial alemã.". (ZWEIG, 2014, p.14).

Zweig tinha origem judia, porém não era religioso. Era um homem que tinha um sentimento humanitário, uma grande vocação de ajuda ao próximo. Entretanto, desolado com o caos que começava a se espalhar na Alemanha, já enxergava a represália que sofreria por ser judeu e começou a organizar a sua partida rumo à liberdade em outra nação. Mas, antes mesmo de partir, todas as suas obras foram descartadas das bibliotecas alemãs, em abril de 1933, o que lhe rendeu uma grande indignação e, agora mais do que nunca, uma necessidade de continuar contribuindo para o intelecto de seus leitores espalhados pelo mundo: "Escreverei meus livros mesmo que estejam proibidos na Alemanha: o mundo é grande, e depois de tanto tempo libertei-me da fascinação pela 'pátria'. Agora, como em 1914, veremos quem tem caráter e quem tem coragem.". (ZWEIG, 1933, apud DINES, 2012, p.225).

No dia 10 de maio de 1933 uma massa de estudantes nazistas se espalha no interior da Universidade de Berlim, carregando consigo tochas em chamas e colocam fogo em aproximadamente 20 mil livros retirados da biblioteca. A mesma ação ocorre em diversas outras cidades alemãs. Dentre os autores censurados estão grandes nomes conhecidos na

nossa literatura: Albert Einstein, Sigmund Freud, Marcel Proust e Stefan Zweig. O poeta alemão judeu, Heinrich Heine (1797-1856) já havia profetizado um século antes da 2ª Guerra Mundial que "Aqueles que queimam livros logo acabarão queimando seres humanos." (HEINE apud DINES, 2012, p.231).

O Ministro da Propaganda Nazista, Paul Joseph Goebbels, articulou bem a divulgação das fotos do momento da destruição do intelecto literário alemão, que saíram em destaque nos principais jornais do mundo: "A alma do povo alemão pode voltar a se expressar. Essas chamas não apenas iluminam o fim de uma era, anunciam a nova." (GOEBBELS, 1933, apud DINES, 2012, p.231). Zweig observava as chamas um pouco assustado, um pouco desapontado. Contudo, Goebbels na sua postura conservadora alemã justifica o ato público como uma forma de proteger a pureza da raça ariana, principalmente dos jovens leitores que ainda estão em fase de formação de opinião e não devem ser contaminados pelas ideologias de autores judeus.

Amenizando de uma forma irônica, o Ministro ainda destacou que a produção de materiais artísticos e culturais de origem judaica poderia continuar existindo, desde que os judeus os fizessem em um espaço isolado, de forma a não se misturar nem interferir na cultura e aprendizagem alemã. Sobretudo, Zweig fez questão de ressaltar: "Não sou um polemista. Toda minha vida escrevi a favor de coisas e pessoas e nunca contra uma raça, uma classe, uma nação, um ser humano.". (ZWEIG, 1933, apud DINES, 2012, p.232).

Zweig saiu da Áustria a caminho da Inglaterra, onde morou até 1940. Nesse meio tempo, em agosto de 1936, esteve pela primeira vez no Brasil, que o recebeu como uma celebridade. Em 1938, Zweig e os demais judeus que viviam na Alemanha deixaram de ter nacionalidade austríaca e, nessas condições de perda de identidade forçada, começou a lutar para adquirir cidadania britânica. A diáspora de Zweig se intensifica: enquanto esperava uma resposta do governo inglês, Zweig também tentou adquirir cidadania com o governo brasileiro. Contudo, seu desespero na Europa aumentava com o passar dos dias, pois como bem ressalta Pereira (2011): "Zweig tuvo la vivencia de una Europa estragada por la guerra y por las abominables investidas de Hitler.".

O termo *Diáspora* tornou-se um termo valise, popularmente mencionado nos dias de hoje. Significa a separação de povos ou de muitas pessoas em diversos lugares do mundo. É retirar um povo de sua cultura nata e os espalhar por múltiplas localidades. Geralmente, essa

condição ocorre devido a perseguições políticas, étnicas, religiosas e também por preconceitos variados. De forma mais específica, o termo *Diáspora* representa na essência a separação do povo judeu que, por muitos séculos, devido às perseguições que sofriam se disseminou por várias partes do mundo.

Na obra *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*, na perspectiva do autor Stuart Hall, o termo *Diáspora* se presta a dar conta especialmente dos fenômenos relativos a migrações humanas dos ex-países coloniais para as antigas metrópoles. Para o teórico: "O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um "Outro" e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora.". (HALL, 2003, p.33).

A luta pela sobrevivência em um mundo entreguerras se fazia com as armas que eram possíveis ter às mãos. Muitas vezes, essas armas significavam abdicar de sua própria identidade, colocando-a sujeita a tranformações temporárias ou, na maioria das vezes, definitivas, através das imigrações, das diásporas vividas ou do exílio forçado:

> As pessoas que mais me comoviam – como se já me tocasse uma intuição do meu próprio destino futuro – eram as sem pátria, ou pior ainda: as que, em vez de uma só pátria, tinham duas ou três e não sabiam em seu íntimo a qual pertenciam. Em um canto do Café Odeon costumava ficar sozinho um jovem com uma pequena barbicha castanha, óculos de lentes muito grossas diante dos olhos penetrantes e escuros; diziam que era um poeta inglês muito talentoso. Quando alguns dias mais tarde, conheci pessoalmente Jame Joyce, este recusou de maneira decisiva qualquer relação com a Inglaterra. Disse que era irlandês. Que escrevia em língua inglesa, mas que não pensava e nem queria pensar em inglês: "Quero", disse-me então, "uma língua que esteja acima das línguas, uma língua a que todas sirvam. Não posso me expressar totalmente em inglês sem, com isso, encerrar-me em uma tradição.". (ZWEIG, 2014, p. 247).

Hall (2003) também observa que as identidades dos indivíduos se tornam múltiplas, em condições diaspóricas. Ao mesmo tempo em que estes indivíduos têm uma ligação com suas origens, há paralelalemte uma tendência da sua nova condição de vida influenciar na modificação da sua identidade primária. Um exemplo são os imigrantes caribenhos que, após a Segunda Guerra Mundial, foram para a Inglaterra e aprenderam a ser caribenhos em terras britânicas, adquirindo os costumes daquela região e também transferindo para o novo meio um pouco da sua cultura de origem. O autor explica que:

> Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. E impermeável a algo tão "mundano", secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades — *os* legados do Império

> em toda parte — podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento — a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor. (HALL, 2003, p. 28).

Contudo, o retorno para casa é duramente sentido por vários imigrantes. Eles passam por certa dificuldade em reestabelecer laços com sua comunidade de origem. Ficam pesarosos e sentem falta, inclusive, do clima de diversidade urbana e agitado ao qual tiveram que se adaptar para sobreviver nos lugares para onde migraram. Até se sentem alegres por retornarem ao seu ambiente de origem, mas não reconhecem mais a sua terra natal e são tidos como indivíduos que, devido às suas vivências diaspóricas, tiveram a sua ligação natural rompida com suas origens.

Hall demonstra a partir dos seus estudos culturais, e sobre as diásporas e hibridismo, como as identidades das pessoas interagem, tornando-se fundamentais para decifrar as sociedades contemporâneas e para afirmar que não há como evitar que existam diferentes sociedades e as múltiplas cidadanias. Hall (2003) destaca que, embora o termo *hibridismo* vem sendo muito utilizado para caracterizar as culturas que se tornam frequentemente mais mistas e diaspóricas, ele não se refere especificamente à composição racial mista de uma população. "Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade." (HALL, 2003, p.74).

Em setembro de 1939, teve início a Segunda Guerra Mundial e Zweig começou a se organizar para sair da Inglaterra, juntamente com sua segunda esposa, Charlotte Elizabeth Zweig, que também era uma refugiada de origem judaica, em direção aos Estados Unidos. Chegaram à América do Norte e, em junho de 1940, logo partiram para o Brasil, onde permaneceram no Rio de Janeiro, até janeiro de 1941, decidindo retornar aos Estados Unidos permanecendo por lá mais sete meses. Nos anos de 1936 e 1940 Zweig também fez duas rápidas visitas à Argentina, que lhe renderam muitas amizades, trabalhos e histórias. Em agosto de 1941 Zweig e sua esposa Lotte voltam para o Brasil em busca de exílio definitivo para se protegerem dos ataques nazistas que se espalhavam pela Europa e também para o lançamento do livro que Zweig escrevera, *Brasil, um país do futuro* (1941).

Antes de vir para o Brasil, Zweig acreditava que o então "País do futuro" era apenas mais uma simples república sul-americana sem diferença das outras, castigada por um calor infernal impossível de se viver. Achava que o Brasil tinha uma situação financeira e política duvidosa e variável fruto de uma insatisfatória administração, acreditando, então, que apenas

as cidades litorâneas eram civilizadas, mas com pouco aproveitamento de sua beleza e possibilidades. Diante desses tantos rótulos, Zweig tinha a certeza de que o Brasil serviria apenas para refugiar emigrantes desesperados, jamais sendo visto como um lugar possível de ascensão intelectual. Enfim, achava que o máximo de dez dias era o suficiente para ficar no Brasil e depois retornar para o seu país. Assim como ele, era dessa forma que pensava a maioria da população europeia e norte-americana daquela época:

> [...] Em termos culturais, o Brasil é, até hoje, a mesma terra incógnita que, no sentido geográfico, foi para os primeiros navegantes. Volta e meia me surpreendo com os conceitos confusos e insuficientes que mesmo pessoas eruditas e politicamente interessadas têm acerca desse país o qual, no entanto, indubitavelmente está fadado a ser um dos fatores mais importantes do desenvolvimento futuro do nosso mundo. [...]. (ZWEIG, 2013, p. 13-14).

A obra de Zweig sobre o Brasil obteve grande ascensão nas vendas, mas foi injustamente submetida a críticas difamatórias, tanto da população que achava que Zweig tinha algum pacto político com o governo Vargas, quanto de diversos escritores e políticos críticos que desacreditavam do trabalho de Zweig e de seu sincero apreço pelo Brasil. Algumas pessoas achavam que era no mínimo estranho tanta estima por uma pátria, por um povo, por uma cultura que não eram seus de origem, como mostra Dines em *Morte no Paraíso,* com a reprodução de uma fala do crítico literário, Tristão de Athayde à edição de 19 de outubro de 1941 de *O Jornal*:

> "...Muito se discutiu se tratava de obra espontânea ou encomendada...Houve dúvidas sobre a sinceridade de um escritor de renome universal que viesse assim, sem mais nem menos, escrever graciosamente um livro sobre o Brasil. Publicado, romperam as críticas, cada qual mais incisiva e algumas até de tal violência que levaram a ruidosas retratações... Devo dizer que o livro não me surpreendeu... mas não correspondeu de modo algum ao que diziam os críticos... Obra muito sincera que absolutamente não denota qualquer constrangimento... Visão impressionista e otimista da nossa terra... grande simpatia e compreensão de vários traços de nossa psicologia coletiva... A crítica que faz, sempre com luvas de pelica, a certos hábitos e modos de nosso povo está muito longe daquelas que diariamente nos fazemos...". (ATHAYDE, 1941, apud DINES, 2012, p. 450).

Brasil, um país do futuro foi uma obra escrita a partir das observações e vivência de Zweig em solo brasileiro. Sua postura demonstrava grande satisfação em estar no Brasil, admirava a paisagem das cidades que visitava e considerava longínqua a guerra por aqui. Logo na introdução da obra, deixa claro aos leitores suas emoções iniciais em seu primeiro contato com o Brasil:

> Chegamos ao Rio: foi uma das impressões mais poderosas que eu experimentei em toda a minha vida. Fiquei fascinado e, ao mesmo tempo, estremeci. Pois não apenas me defrontei com uma das paisagens mais belas do mundo, esta combinação impar

> de mar e montanha, cidade e natureza tropical, mas ainda com um tipo completamente diferente de civilização. (ZWEIG, 2013, p.14).

A obra foi dividida em dezessete partes que abordam os seguintes aspectos: fez uma introdução expondo sua primeira impressão ao pisar em terras Tupiniquins e o pré-conceito sobre o Brasil que ele trazia arraigado em sua mente. Depois, Contou sobre a história do Brasil desde a invasão portuguesa e logo partiu para as ressalvas sobre a economia e a geografia do país naquela época (1940) em que o livro foi escrito:

> O Brasil, cujo território é de longe o maior da América do Sul, maior até do que os Estados Unidos da América do Norte, é hoje uma das mais importantes reservas – se não a principal – do futuro do nosso mundo. Aqui temos uma riqueza inestimável em solos que jamais conheceram o cultivo e, no subsolo, minérios e tesouros que não foram explorados ou quase não foram descobertos. No Brasil, há possibilidades de assentar gente em dimensões que um idealista talvez soubesse estimar melhor do que um estatístico. A diversidade dos cálculos para saber se este país, que hoje conta aproximadamente cinquenta milhões de habitantes, poderia comportar quinhentos, setecentos ou novecentos milhões com uma densidade populacional normal dá uma noção para avaliar o que o Brasil poderia ser daqui a um século, talvez já daqui a algumas décadas, no nosso cosmo. (ZWEIG, 2013, p. 78).

Zweig era um visionário, que soube identificar perfeitamente como seria o futuro do país que lhe servira de exílio naquele momento. Em seguida, o escritor retrata em sua obra aspectos da cultura brasileira, destacando ao público o nome de Euclides da Cunha, como "o mais genial conhecedor do povo brasileiro" que, quando se tratava do termo *raça*, o poeta afirmava de forma convicta que "Não há um tipo antropológico brasileiro.". (ZWEIG, 2013, p.125).

Posteriormente, reservou longas páginas apenas para retratar sobre o estado do Rio de Janeiro (sobretudo, a capital fluminense). Ressaltou a beleza das paisagens observadas em seus passeios pela capital, contou a história do Rio antigo, explicou que à medida que o Rio de Janeiro se modernizava suas avenidas iam se alargando, assim como nas cidades europeias, como Paris, Berlim e Londres. Em paralelo, falou também das ruas pequenas da cidade que lembravam a época colonial, uma espécie de volta ao passado. Destacou a questão do contraste populacional existente na cidade, porém vivendo todos misturados, sem a necessidade de segregá-los em bairros distintos, como ocorria em Nova York: "[...] negros, brancos, mestiços, italianos, brasileiros, japoneses. Tudo se mistura e, com a variedade das fisionomias, a rua se torna um quadro em constante mutação. [...]". (ZWEIG, 2013, p.179).

Dentre as coisas que Zweig tinha receio que futuramente desaparecesse do cenário carioca – e que desapareceram mesmo – estavam os populares bondes abertos, que muito

contribuíram para a organização e desenvolvimento do espaço urbano no Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX. Já as favelas, que começaram a surgir naquele tempo, se multiplicaram como pontos coloridos em meio à urbanização, e não foram extintas como temia Zweig. Aumentaram cada vez mais e, inclusive, a energia elétrica e o saneamento básico começaram a chegar ao morro, que foi se modernizando e algumas comunidades foram se transformando em pequenas "cidades" alocadas dentro do Rio de Janeiro, como por exemplo, a Favela da Rocinha, que é hoje a maior favela do país com aproximadamente 70 mil moradores.

Em seguida, Zweig fala um pouco da paisagem exotérica, rica em palmeiras, arbustos, flores, ilhas, jardins e morros que integram e permeiam a capital fluminense: "Não se passa um minuto sequer sem olhar para o verde.". (ZWEIG, 2013, p.185). Por fim, o autor de *Brasil, um país do futuro* explica sobre o verão carioca, período este em que algumas famílias optam por se mudar temporariamente para as cidades serranas próximas à capital, como Teresópolis e Petrópolis, para não sofrerem muito com o demasiado calor dessa época. Como desfecho da estação mais quente do ano, Zweig destaca a famosa ocorrência do carnaval do Rio de Janeiro, que é uma das festas mais famosas do mundo, ressaltando que "[...] Durante meses todos poupam e ensaiam, pois cada ano o carnaval traz novos sambas e novas danças. [...]". (ZWEIG, 2013, p.193).

Posteriormente, Zweig começa a relatar sobre a sua experiência em São Paulo. Ele observa que o que dá consistência e caracteriza a capital paulista é o trabalho. Lá, tudo evolui e se modifica constantemente: "[...] Nenhuma cidade do Brasil e poucas do mundo inteiro podem ser comparadas em impetuosidade à evolução dessa que é a cidade mais ambiciosa e mais dinâmica do país.". (ZWEIG, 2013, p.195). Além disso, também falou sobre dois grandes estabelecimentos que são referências em São Paulo: o Museu do Ipiranga, fundado em 1890, e o Instituto Butantan, fundado em 1901.

Em seguida, Zweig conta sobre a sua visita à cidade de Santos (SP), que tem o maior porto exportador de café do país, e explica detalhadamente a verdadeira origem do café no mundo. O escritor ressalta que Santos tem o maior porto de exportações do Brasil e que a economia do país girava entorno do café: "[...] Dezesseis das 24 milhões de sacas que o nosso mundo consome são plantadas e embarcadas no Brasil. Em última análise, são esses minúsculos grãos pardos ou marrons a verdadeira moeda do país. [...]". (ZWEIG, 2013, p.205).

Stefan Zweig segue agora contando a história da sua visita pelas cidades perdidas do ouro, que corresponde ao território de Minas Gerais e destaca que a antiga e famosa cidade de Vila Rica, do século XVIII, era agora a cidade de Ouro Preto, e não passava de "uma cidadezinha romântica provincial com algumas dúzias de ruas pedregosas.". (ZWEIG, 2013, p.205).

Zweig vai chegando às últimas páginas finalizando a sua trajetória com o relato sobre sua estadia no Norte do país destacando na Bahia as festas, a fidelidade à tradição e as igrejas nomeando-a carinhosamente de "Roma brasileira". Em seguida, falou brevemente sobre seu contato com as regiões produtoras do açúcar, do cacau e do tabaco usando de um tom sarcástico para se referir à visita às fábricas que produziam o tabaco:

> [...] Como velho devoto da Santa Nicotina eu tinha que agradecer pelos prazeres proporcionados por diversos charutos saborosos e, consciente da minha culpa, queria discretamente calcular quantos daqueles campos verdes com milhares de folhas eu tinha transformado em fumaça ao longo de tantos anos de vício. [...] (ZWEIG, 2013, p.243).

Por fim, o escritor austríaco relata em poucas linhas sua passagem por Recife e depois o seu sobrevoo pela Amazônia, demonstrando grande satisfação em fazer este percurso, já que desde a infância sonhava em conhecer o Rio Amazonas, considerando-o o rio mais poderoso do mundo. Para finalizar a sua quase biografia sobre o Brasil, Zweig escreve uma singela frase que resume o apreço que ele sentia por esse país: "Quem realmente é capaz de sentir o Brasil viu beleza suficiente para a metade da vida." (ZWEIG, 2013, p.250).

Brasil, um país do futuro é uma obra que, assim como tantas outras escritas por Zweig, prende a atenção do público. Faz com que o leitor tenha, a cada página, mais vontade de acompanhar os relatos do escritor e, dessa forma, conhecer um pouco mais a fundo a história e as curiosidades sobre o Brasil. Na época de seu lançamento, em 1941, a obra se tornou polêmica, pois foi encarada como fruto de acordos políticos entre o governo Getúlio Vargas e Stefan Zweig e não como uma contribuição cultural para a nação.

A obra de Zweig mostrando o Brasil do início do século XX não limita as palavras a favor de Vargas e nem vai contra o governo. Simplesmente descreve a trajetória geográfica brasileira percorrida pelo casal judeu e ressalta alguns aspectos históricos do país em uma espécie de "homenagem ao Brasil", destacando o seu povo hospitaleiro, sua cultura, as paisagens deslumbrantes e a simplicidade de uma gente considerada por Zweig demais otimista. A forma como Zweig descreveu o Brasil enfureceu muitos intelectuais daquela

época (1941), que se mostravam irredutíveis acerca do apreço que ele, um democrata e liberal, tinha pelo Brasil. A polêmica envolvendo a obra que acabara de produzir contribuiu muito para a diminuição da sua autoestima. Colocara em questão, inclusive, a sua habilidade como escritor. Começara a sofrer naquele momento conturbado o início de uma depressão que lhe gerou uma espécie de bloqueio literário.

2.1 Stefan Zweig: o eterno exilado

> O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. (SAID, 2003).

É verdade que a literatura, a história e o cinema muitas vezes nos trazem uma imagem heróica, de superação ou romanceada sobre a vida de um exilado. Entretanto, aproveitando, inclusive, um dos temas desta pesquisa percebermos que essa estratégia utilizada é quase uma "adaptação" da vida real do exilado para a vida que se torna mais interessante de ser mostrada ao público. Exaltar um exilado agregando a ele uma imagem de "vencedor" é uma tentativa de amenizar a perda do "eu", da identidade, e do rompimento de laços com suas origens.

Ao longo do tempo a sociedade ocidental foi constituindo um perfil cultural que se formou a partir das influencias de tantos refugiados, expatriados, exilados e emigrantes. Inclusive, poucas pessoas têm esse conhecimento, mas até o desenvolvimento intelectual da maior potencia mundial - os Estados Unidos - foi se desenvolvendo e se destacando a partir da contribuição e investimentos dos cidadãos exilados, principalmente judeus, que migravam pra este país na esperança de escaparem do nazifascismo que acometia a Europa. E se observarmos pela ótica da proporção, ao que tudo indica, essas influências parecem ter sido muito boas para este país!

O exílio ocorrido em diversas épocas, sobretudo no século XX, chega a ser uma condição quase insuportável de imaginarmos. Quantas pessoas, famílias, casais, crianças, foram separadas de sua pátria e forçosamente destinadas a (sobre)viverem sem um local específico e seguro para fincarem suas raízes?! Mas, talvez o mais repugnante quando paramos pra pensar é que a condição de exílio foi produzida por seres humanos para os

próprios seres humanos, estando o exílio estreitamente ligado ao nacionalismo e seu sentimento de pertencimento exclusivo e restrito a algo ou a algum lugar:

> O nacionalismo é uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. Ele afirma uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes e, ao fazê-lo, rechaça o exílio, luta para evitar seus estragos. (SAID, 2003, p.49).

Assim, o exílio gera um estado de solidão, que se preocupa com a inconstância das coisas e do seu lugar no mundo, e também se dispõe em refazer suas vidas com certa urgência e seguridade. E foi exatamente o que aconteceu com Stefan Zweig na sua diáspora em busca de um lugar tranquilo para se estabelecer. O exímio jogador de xadrez não imaginou, a princípio, que essa tranquilidade ele só encontraria após o maior xeque-mate de sua vida, o suicídio:

> O exílio jamais se configura como o estado de estar satisfeito, plácido ou seguro. [...] O exílio é a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística, mas, assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente. (SAID, 2003, p.60).

Em 1930, Zweig já havia se mudado para Londres antes do período em que a Áustria começou, vagarosamente, a ser invadida pelos nazistas. Sua residência em Salzburgo ficava localizada em uma parte alta da região, de onde dava pra avistar a casa em que morava Adolf Hitler. Então, sempre que voltava à Salzburgo podia acompanhar de longe com os olhos os arredores da residência do *Führer*.

Não apegado a bens materiais – exceto aos seus livros – Zweig mantinha com ele uma pequena mala com os pertences dos quais precisava aonde quer que ele fosse. Estava sempre pronto para eventuais mudanças de localidade em busca de tranquilidade e inspiração. Quando se mudou temporariamente para Londres começou a pensar que talvez tivesse encontrado um lugar tranquilo para continuar produzindo os seus livros. Agora, trinta anos após ter ido à Inglaterra na juventude, considerava Londres uma cidade de população mais pacífica, mais preocupada em cuidar de sua própria vida do que da vida do vizinho:

> Depois de alguns dias, sentia-me indescritivelmente bem em Londres. Não que Londres tivesse se modificado essencialmente. Eu é que mudara. Estava trinta anos mais velho e, depois dos anos de guerra e pós-guerra, de tensão e super tensão, ansiando por voltar a viver quieto, sem ouvir nada de política. [...] Contudo, a verdadeira benção foi que por fim voltei a sentir uma atmosfera cívica, bem educada, sem emoções, sem ódio ao meu redor. Nada me envenenara tanto a vida nos últimos anos quanto sentir sempre ódio e tensão no país e na cidade ao meu redor, ter que me defender sempre de ser arrastado para dentro dessas discussões. (ZWEIG, 2014, p. 337-338).

No início de 1934, quando retornou à Áustria, sentiu uma decepção profunda ao ver que em poucos meses a situação daquele país havia piorado muito. O nacional-socialismo estava pressionando o país, sobretudo o governo, a igreja e a burguesia. A decadência econômica ia tomando conta da situação e a Alemanha cada vez mais coagindo aquele país. O Governo (Dollfuss) intencionava manter a Áustria neutra para evitar que o país caísse no comando de Hitler. Tentou uma parceria com a Tchecoslováquia, Inglaterra e França, mas não obteve êxito. Como última opção, restou a Itália, mas Mussolini impunha condições estritas para fechar um possível apoio: A Áustria teria que incorporar as ideias fascistas, dissolvendo o Parlamento – ou seja, a democracia. Assim, consequentemente, o tão organizado e sólido partido social-democrata da Áustria teria que ser extinto. Entretanto, nenhum acordo foi fechado.

Nesses dias históricos de Fevereiro de 1934, Zweig Viajou de Salzburgo para Viena. Na capital Austríaca começou a acontecer os primeiros ataques com armamento pesado, desaparecimento de corpos das vitimas e ocupação e vistorias de casas em busca de armas. Porém, tudo acontecia na periferia de Viena, de maneira que os moradores da região central demoravam horas para serem informados sobre o que estava acontecendo ali, por baixo de seus olhos:

> Qualquer leitor de jornal em Nova York, Londres, Paris, tinha mais conhecimento do que de fato aconteceu do que nós que, no entanto, aparentemente éramos testemunhas. Mais tarde, confirmou-se para mim inúmeras vezes esse surpreendente fenômeno de que, na nossa época, a dez quadras de distância sabe-se menos de certas decisões do que a milhares de quilômetros. (ZWEIG, 2014, p. 341).

Após os dias de invasão e lutas na periferia de Viena Zweig retornou para sua casa em Salzburgo, quando na manhã seguinte foi acordado por agentes da polícia batendo à sua porta com a ordem de averiguar os cômodos de sua casa sob a suspeita de ter escondido lá armas da Liga de Defesa Republicana. Transtornado, Zweig argumentou enfurecido com os policiais, alegando não ter nenhuma ligação com partidos político. Entretanto, achou melhor se acalmar e concordar logo com a averiguação que, aliás, já estava virando rotina em algumas regiões da Europa, mas ainda não tinha se popularizado na Áustria:

> Desde 1933, buscas domiciliares, detenções arbitrárias, confiscos de propriedade, expulsões do lar e do país, deportações e toda outra forma imaginável de humilhação se tornaram coisas quase triviais; raros são os meus amigos europeus que não passaram por algo semelhante. Mas na época, no início de 1934, uma busca domiciliar ainda era uma afronta imensa na Áustria. (ZWEIG, 2014, p. 343).

A partir dessa situação, Zweig começou a analisar as ocorrências diárias com olhos mais atentos. A começar pela ousadia do partido nacional-socialista que já começara a espalhar o terror: enviavam cartas ameaçando as autoridades locais que tentassem agir contra os nacionais-socialistas. Entretanto, as ameaças passaram do dito para a realidade: Hitler invadiu a Áustria e, na primeira oportunidade, mandou que os melhores oficiais austríacos fossem levados para o campo de concentração. Infelizmente, os campos de concentração não funcionavam como um local isolado e aprazível para as pessoas ficarem refletindo sobre o que fizeram (ou deixaram de fazer). Sua funcionalidade era escravizar, torturar, fazer experimentos científicos usando os prisioneiros como cobaias sem nenhum tipo de assepsia ou anestesia e, por fim, exterminar diversos indivíduos, principalmente os judeus.

Acerca dos Campos de Concentração, uma figura marcante na história mundial que sobreviveu a esse inferno foi Primo Levi. De origem judia, Levi nasceu na cidade italiana de Turim, onde morava e se formou em Química. Com apenas 24 anos, o Químico fazia parte de um pequeno grupo de Guerrilheiros, cujo lema era "*Giustizia e Libertà*"[3], mas nesse grupo faltavam armas, faltavam homens capazes de tomar frente nas situações de guerrilha, faltava estrutura. Diante disso, foi capturado pelos fascistas e deportado para o Campo de Concentração de Auschwitz, em 1944, junto com outros 650 judeus. Anos após o término da guerra e da tortura, à qual inexplicavelmente conseguiu sobreviver, Primo Levi publicou o livro *É isto um homem?* com o seu testemunho detalhado sobre o que acontecia dentro do Campo de Concentração de Auschwitz.

Acerca das produções de literaturas de testemunho atreladas ao estudo da Memória, Márcio Seligmann faz a seguinte colocação:

> O discurso testemunhal é analisado neste contexto como tendo a *literalização* e a *fragmentação* como as suas características centrais (e apenas à primeira vista incompatíveis). Ele é ainda marcado por uma tensão entre oralidade e escrita. A literalização consiste na incapacidade de *traduzir* o vivido em imagens ou metáforas. A fragmentação de certo modo também literaliza a psique cindida do traumatizado e a apresenta ao leitor. A incapacidade de incorporar em uma cadeia contínua as imagens "vivas", "exatas" também marca a memória dos traumatizados. [...] O testemunho também é de certo modo uma tentativa de reunir os fragmentos do "passado" (que não passa) dando um nexo e um con*texto* aos mesmos[4].

Assim, se torna fundamental que as literaturas de testemunho resssaltem ao longo do texto a temática a ser abordada, dialogando com a questão do trauma de forma que a literatura

---

[3] *Giustizia* e *Libertà* = Justiça e Liberdade.

[4] *Testemunho da Shoah e literatura*. Disponível em: <http://diversitas.fflch.usp.br/files/active/0/aula_8.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2017.

possa falar por si só, independente de uma representação, e sempre buscando o equilíbrio entre o descritivo, o fictício e o literário.

Quando parei para refletir deixei escapar um ar de incredulidade ao contabilizar o fato de 650 judeus terem sido deportados no mesmo trem com Levi para o Campo e, depois de toda a tortura que passaram por lá, desses 650 ainda restaram três sobreviventes. Inacreditável! Proteção Divina? Ou será que devemos chamar isso de "sorte"? Aliás, será que foi mesmo uma sorte ter escapado da morte? Levi (1988), ainda dentro do Campo de Concentração, já se questionava sobre como seria a vida se acaso sobrevivessem à barbárie: "Não sabemos, porém, para onde vamos. Talvez sobrevivamos às doenças e escapemos às seleções, talvez aguentemos o trabalho e a fome que nos consomem, mas, e depois?".

Sobretudo, caro leitor, não me leve a mal em conseguir exprimir certo ar de ironia diante de um fato histórico que nasceu da barbárie, mas até mesmo Levi, vítima da então barbárie, usou um tom sarcástico no seu testemunho ao descrever um anão, que também estava confinado em Auschwitz, que devido às suas características físicas peculiares e alta disposição para trabalhar, prendia a atenção até dos soldados da SS[5]. Discurso com presença de humor cabe até na temática do antissemitismo, talvez numa intenção de amenizar a dor e as angústias vividas:

> Elias Lindzin, 141.565, apareceu de repente, ninguém sabe como, no *Kommando* Químico. É um anão, que não passa de um metro e meio; nunca, porém, vi musculatura como a dele. Nu, distingue-se cada musculo trabalhar por baixo da pele, possante e móvel como um animal com vida própria. Aumentado sem alterar suas proporções, seu corpo serviria de modelo para um Hércules, desde que não se olhasse a sua cabeça. (LEVI, 1988, p.140).

Nas trágicas páginas do testemunho de Levi fica claro ao leitor o quanto dentro dos campos de concentração o ser humano era reduzido a nada. Qualquer resquício de bons hábitos e bons modos que os prisioneiros pudessem ter foi diluído ao longo dos meses de confinamento em nome da sobrevivência. Na fase mais crítica já não existiam mais as mínimas condições de higiene e nem de idoneidade. O que cada um achasse pelo caminho era seu por direito, o que conseguisse roubar do outro também. A moeda de troca que tinham à disposição era a sua mísera ração de pão, como era chamada a comida.

Um episódio descrito por Levi e que, particularmente, é impressionante demonstra o quanto estrategista pode ser o homem diante de uma luta contra o tempo para sobreviver. A

---

[5] *Schutzstaffel* = Uma organização militar que defendia exclusivamente os interesses do partido nazista.

experiência adquirida pelos prisioneiros depois de longos meses sofrendo com a fome, fez com que eles passassem a observar (e a forjar) até a posição na qual deveriam entrar na fila da sopa para que a concha lhes fosse servida mais cheia de legumes e menos caldo. Ao que tudo indica, nem o castigo, o trabalho escravo, o confinamento e o medo da morte torturavam mais do que a fome:

> [...] Sonham que comem; esse também é um sonho de todos, um sonho cruel; [...] Não apenas se vê a comida; sente-se na mão, clara, concreta; percebe-se seu cheiro, gordo e penetrante; aproximam-na de nós, até tocar nossos lábios; logo sobrevém algum fato, cada vez diferente, e o ato se interrompe. Então o sonho se dissolve, cinde-se em seus elementos, mas recompõe-se logo, recomeça, semelhante e diverso; e isso sem descanso, para cada um de nós, a cada noite enquanto a alvorada não vem. (LEVI, 1988, p. 86).

Em busca de exílio, nas escritas de Zweig percebemos o seu desalento e, ao mesmo tempo, desespero em fugir na esperança de nunca ser alcançado pelo exército nazista. Preferia a morte a ser confinado em um Campo. Por isso resolveu se adiantar para um fato que naquele momento parecia ser a melhor estratégia de fuga, como já refletia Theodor Adorno em sua *Mínima Moralia*:

> A liberdade contraiu-se na pura negatividade, e aquilo que à época do "Estilo Juvenil" chamava-se morrer belamente reduziu-se ao desejo de abreviar a infinita humilhação do existir, bem como o infinito sofrimento de morrer em um mundo no qual há muito tempo há coisas piores a se temerem do que a morte. (ADORNO, 1993, p. 31).

A partir do episódio de invasão da sua casa a ser revistada, pelo simples fato de ser judeu, Zweig passou a viver mais apreensivo, com medo que intervenções de maiores proporções e violência pudessem vir a acontecer. Então, tomou uma importante decisão: se despedir definitivamente daquela casa, daquela cidade, de tudo o que viveu até ali, pegar a sua mala – quase sempre pronta – e partir para nunca mais voltar. Começava ali a grande diáspora de sua vida.

A tristeza de ter que abandonar sua pátria sendo obrigado a viver permanentemente em estado de exílio lhe causava uma frequente angústia. Zweig voltou para a Inglaterra, mas já não sentia a mesma emoção de outras épocas. Dessa vez, havia um motivo específico que o forçava a viver ali por tempo indeterminado. Justamente por isso não quis adquirir imóveis. Preferiu alugar um pequeno apartamento, pois como ele mesmo disse: "sem querer, a minha vida já estava preparada para o provisório e não mais para o definitivo." (ZWEIG, 2014, p.346).

Observando a trajetória diaspórica de Zweig percebemos que ele foi, aos poucos, mergulhando nas incertezas de tudo aquilo que lhe cercava: sua moradia, sua cultura, seus amigos e sua língua. Levando uma vida de improvisos, sem ter chance de refutar lhe tomaram até a pátria. Já não sabia mais quem ele era. Ou melhor, sabia. Agora ele era um estrangeiro para ele mesmo, pois vivendo passivo às influências de tantos refúgios já não se reconhecia mais. A cada novo exílio, uma nova pátria temporária:

> O exilado sabe que, num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias. Fronteiras e barreiras, que nos fecham na segurança de um território familiar, também podem se tornar prisões e são, com frequência, defendidas para além da razão ou da necessidade. O exilado atravessa fronteiras, rompe barreiras do pensamento e da experiência. (SAID, 2003, p.58).

Entre os anos de 1934 e 1940 o exílio de Zweig se limitou à Inglaterra. Ele e qualquer outro cidadão comum sobreviveram a esses anos praticamente sob os mesmos sentimentos: inquietos com as notícias divulgadas pela imprensa, mas também tentando acreditar que haveriam dias melhores por vir. Entretanto, só Zweig conseguia enxergar que a Áustria era uma espécie de "peça-chave" e assim que ela fosse descoberta a Europa toda iria a declínio.

Em seus poucos mais de cinquenta anos era compreensível Zweig mostrar sua indignação com procedimentos burocráticos. Com o declínio da Áustria, Zweig acabou perdendo o seu passaporte austríaco. Foi obrigado a solicitar na Inglaterra um documento para estrangeiros, uma espécie de passaporte para apátridas. Ele mesmo lembra que antes de 1914 a Terra não tinha delimitações, não tinha dono. Todos podiam ir e vir para qualquer lugar sem a necessidade de permissões ou vistorias. Inclusive, ele mesmo já foi para os Estados Unidos e Índia, antes desta data, sem possuir nenhum tipo de visto ou passaporte. Não existia a obrigatoriedade de preencher nenhum dos diversos formulários e declarações, primordiais já naquele tempo:

> Quando calculo quantos formulários eu preenchi nesses anos [...] então sinto quanto se perdeu da dignidade humana nesse século que, quando jovens, credulamente sonháramos como sendo o século da liberdade, da era vindoura, do cosmopolitismo. Quanto tempo se tomou à nossa produção, nossa criação, nosso pensar por essa lereia improdutiva e ao mesmo tempo humilhante para a alma![...] (ZWEIG, 2014, p.363).

Fazendo um paralelo com os dias de hoje, não parece nada demais ter um passaporte. Inclusive, eu, particularmente, acho importante a existência de um documento que controle a entrada e saída de pessoas de todos os países. É verdade que isso poderia ocorrer de uma forma mais universal, com um único passaporte funcionando para todos os países do mundo,

mas, enfim, esse assunto daria discussão para uma tese. Então, voltando ao século XX, naquele período em que Zweig estava (sobre)vivendo, um tanto já fragilizado com os percalços das perseguições nazistas, qualquer acontecimento tinha a chance de tomar grandes proporções sentimentais. No caso dele, a melancolia foi maior: além de ser obrigado a ter um passaporte, que já lhe causava uma sensação de aprisionamento, agora ele tinha um passaporte de estrangeiro, ou seja, não tinha mais pátria: "No dia em que perdi o meu passaporte, descobri, aos 58 anos, que ao perder a pátria perde-se mais do que uma área delimitada de terra.". (ZWEIG, 2014, p. 364).

Entre uma viagem e outra, Zweig costumava trocar cartas com um amigo muito especial: Freud. Conversavam sobre as mazelas do mundo, sobretudo, acerca do ditador nazista, Hitler, que imperava naquela época, e os transtornos que vinham transformando o mundo em grandes campos de batalhas. Em seu íntimo, Freud também se sentia decepcionado com as atrocidades que vinham acontecendo no mundo, principalmente, com o que diz respeito aos seres humanos. Mas, como cientista, ele não estava tão surpreso com a sucessão de abusos de poder que vinha acontecendo:

> Disse que sempre o haviam censurado como pessimista por negar a preponderância da cultura sobre os impulsos; agora se via confirmada da maneira mais atroz a sua opinião de que a barbárie, o impulso elementar de destruição na alma humana, era inextirpável – claro, não se orgulhava disso. (ZWEIG, 2014, p. 374).

Zweig, popularmente dizendo, começava a dar sinal de quem estava querendo entregar os pontos. Já com os seus sessenta anos muito bem vividos, estava ficando cansado daquelas idas e vindas, das mudanças de cidade, pra não dizer de continente. Começava a garantir seu lugar nos navios, reservando antecipadamente suas passagens, toda vez que ouvia no rádio ou através de alguém que o "perigo" estava por perto, antes mesmo que o caos se instaurasse na cidade onde ele estivera. Essa "preparação para a fuga" foi ficando cada vez mais constante.

Na manhã de 1º de setembro de 1939 Zweig resolveu ir até o cartório da cidade de Bath (Inglaterra) para marcar o seu casamento com a segunda esposa, Lotte, pois ele sabia que seu futuro como exilado era incerto. Sua vida atual não lhe permitia fazer planos a longo prazo e, então, pensava que talvez fosse mais interessante se casar logo com Lotte para ter a oportunidade de viver alguns dias a mais com a esposa, no caso de inesperadamente ser arrastado pelos nazistas e levado para os campos de concentração.

Com essa sensação de que a perseguição eterna e a sua captura seriam certamente o seu destino, Zweig marcou o seu casamento com Lotte para o dia seguinte. Enquanto o funcionário do cartório, até então, tranquilo e bastante solícito, recolhia seus documentos para a marcação entrou rapidamente um funcionário na sala ao lado, com um tom de desespero, e segundo Zweig (2014, p.382), anunciou: "Os alemães invadiram a Polônia. É a guerra!". O escritor austríaco tinha consciência dos riscos que estava correndo ali, mas também tinha consigo o peso dos anos vividos no improviso:

> Por todas as leis da razão, eu deveria juntar rapidamente os meus livros e meus manuscritos e abandonar a ilha britânica como possível país de guerra, pois na Inglaterra eu era estrangeiro e, em caso de guerra, seria imediatamente um estrangeiro inimigo ameaçado de toda restrição imaginável da liberdade. Mas algo inexplicável dentro de mim se opunha a salvar a minha pele. Em parte, era teimosia em não querer fugir de novo, uma vez que o destino vivia me perseguindo por todo lado, e em parte já era cansaço. (ZWEIG, 2014, p.382).

Naquele momento o clima começou a pesar e o funcionário, que já estava atendendo o futuro casal, parou de preencher seus documentos matrimoniais para pensar se ainda seria permitido realizar ali aquele casamento, cujos noivos se tornariam automaticamente estrangeiros inimigos no caso de uma guerra entre a Inglaterra e a Alemanha. O atendente do cartório decidiu aconselhar-se primeiro com as autoridades de Londres, deixando Lotte e Zweig ansiosos e apreensivos por mais dois dias até que, então, ocorreu a oficialização. Agora, casados!

Contudo, mais uma vez Zweig se viu decepcionado com o que estava acontecendo. Ele, que era um exímio pacifista, ficava indignado de ser visto como um "estrangeiro inimigo" sendo indiretamente obrigado a partir de mais um lugar, quando tudo o que ele mais queria era a igualdade entre as raças e a paz definitiva na Europa:

> Poderia haver situação mais absurda para uma pessoa que já fora expulsa há muito tempo de uma Alemanha que a marcara como antialemã, por causa da sua raça e da sua maneira de pensar, do que agora ser obrigada em um outro país, por um decreto burocrático, a pertencer a uma comunidade à qual, como austríaca, jamais pertencera? Como uma penada, o sentido de uma vida inteira se transformara num contrassenso; eu escrevia e pensava ainda em língua alemã, mas cada pensamento que eu tinha, cada desejo que sentia, pertencia aos países que estavam em armas em prol da liberdade do mundo. Todos os outros vínculos e todo o passado estavam rompidos e destruídos, e eu sabia que depois dessa guerra teria de haver um novo recomeço. Pois a tarefa mais intima na qual eu empenhara toda a força da minha convicção ao longo de quarenta anos, a união pacífica da Europa, fora aniquilada. Aquilo que eu temera mais do que a própria morte – a guerra de todos contra todos – desencadeara-se agora pela segunda vez. E aquele que, durante uma vida inteira, esforçara-se apaixonadamente pela concórdia no aspecto humano e intelectual, nesse momento que exigia a comunhão indissolúvel sentia-se, por essa súbita exclusão, inútil e sozinho como nunca antes em sua vida. (ZWEIG, 2014, p. 384).

Zweig, que sobreviveu aos estragos da Primeira Guerra, sentia profundamente que um novo conflito com a mesma dimensão não seria igual ou mais brando que a guerra ocorrida. Ele já não era mais aquele jovem cheio de convicções, as coisas mudavam a cada novo dia, o mundo evoluiu e com ele evoluíram também as estratégias dos governantes, as restrições, os preconceitos e, inevitavelmente, a barbárie. E sobre tudo o que já se passou ele demonstra à qual conclusão chegou:

> No entanto, foi preciso passarem alguns anos até eu compreender que a provação desafia, a perseguição fortalece e o isolamento eleva o indivíduo, se não o destrói. Como todas as coisas essenciais da vida, não se aprende isso com experiências alheias, e sim, sempre, só com o próprio destino. (ZWEIG, 2014, p.305).

Essa maturidade que Zweig mostrou ter a partir das suas experiências como exilado seria ótima se terminasse para todos os exilados (inclusive para o próprio Zweig) nesse momento de reflexão. Entretanto, nós, leitores de tantos testemunhos, sabemos que em grande parte das situações, sobretudo para os que fugiam da zona nazifascista na Segunda Guerra Mundial, o final não foi feliz, não terminou em uma simples reflexão sobre o que aprenderam com a experiência do exílio. Assim como Zweig, alguns optaram por escrever livros de testemunhos na expectativa involuntária de diminuir a angústia vivida nos tempos difíceis. Além disso, vários exilados e torturados que sobreviveram e tiveram a oportunidade de deixar registros na história se sentiram, inclusive, culpados por terem essa chance, por terem sobrevivido, enquanto não puderam fazer nada para ajudar outras pessoas ou salvar seus familiares.

O sentimento de culpa de quem sobreviveu a um exílio, a uma tortura, a um campo de concentração, a uma ditadura, levou diversos personagens da nossa história ao ápice de seus refúgios: a morte. Zweig, por exemplo, nutria em si uma sensação de insignificância, de não poder fazer mais pelo mundo. Naquele episódio em que viu seus livros sendo queimados em praça pública por estudantes em Berlim, sentiu a mais profunda falta de reconhecimento da sua pessoa, das suas obras, de seu trabalho e a falta de reconhecimento do ser humano em vida é um dos caminhos que o leva ao suicídio. Se matar passa a ser mais interessante, pois garante que o morto se torne mais vivo na fala do outro e nas lembranças que não poderão ser apagadas.

É possível entendermos que no período entre guerras o que não faltou foram personagens para se destacar na história. Cada um com uma trajetória peculiar, mas que em um todo compuseram o drama do Holocausto (Shoah), da ditadura, do antissemitismo.

Entretanto, embora sejam considerados em geral como “exilados” ou “fugitivos”, há uma nuance que diferencia cada um dos casos de pessoas que fogem de uma perseguição, de uma ditadura ou de uma condição política em seu país.

Os exilados são pessoas expulsas de seu país e carregam consigo o rótulo de não pertencimento a lugar nenhum. Consequentemente, passam a viver dias instáveis e infelizes. Os expatriados são aqueles que moram em outro país por livre e espontânea vontade, que resolveram habitar outra nação devido às condições sociais ou políticas desfavoráveis ocorrendo em seu país de origem. Os emigrados são aqueles que também mudam para outro país por conta própria, geralmente em busca de melhores condições para si ou em detrimento de uma causa maior, como no caso dos missionários, assessores, dentre outros. Já os refugiados são considerados pessoas sem rumo específico, isentas de culpa e fugindo de perseguições. São ligados a uma causa política e o termo está relacionado a um grande número de pessoas que precisam de asilo político e ajuda internacional.

A experiência do exílio faz uma grande transformação no exilado em diversos aspectos, principalmente no emocional. Assim, o exilado não consegue se encontrar em nada, nem cria expectativas em relação a retornar às suas origens, se sente sem chão, sem um ponto de equilíbrio. “O *páthos* do exílio está na perda de contato com a solidez e a satisfação da terra: voltar para o lar está fora de questão.”. (SAID, 2003, p.52).

Contudo, na tentativa de uma perspectiva otimista sobre o exílio – e sim, isso é possível – tivemos na história mundial personalidades que escreveram grandes obras críticas e de testemunho enquanto estavam exilados: Freud, Zweig, Adorno são apenas alguns deles. “Compostura e serenidade são as últimas coisas associadas à obra dos exilados. Os artistas no exílio são decididamente desagradáveis, e a teimosia se insinua até mesmo em suas obras mais elevadas.”. (SAID, 2003, p.55). A escrita e a produção de outras formas de arte, como a pintura e a música, são algumas maneiras quase que indispensáveis para se tratar a angústia vivenciada no exílio.

Não é por acaso que os exilados são em sua maior parte ativistas políticos, escritores de romances, jogadores de xadrez e intelectuais, pois são atividades de pouco investimento material, mas que lhes dão maior possibilidade de expressão e de raciocinar estrategicamente, já que a vida de um exilado é quase toda destinada a raciocinar para manter o equilíbrio diante

da falta de uma estabilidade. Assim, o exilado necessita de um novo universo para responder aos seus comandos.

Zweig era um artista afetado pessoalmente por ele mesmo. Sofria com as atrocidades que estavam acontecendo com os judeus na Europa e parecia se sentir culpado por ele estar vivo. Veio para o Brasil junto com Lotte acreditando que Getúlio Vargas estava lhe dando exílio e, depois, ajudaria também seus vários amigos judeus. Em suas cartas para a ex-esposa, Zweig desabafava e dizia que, por aqui, a única certeza que teve era de que a guerra ainda iria durar anos. Ele acreditava que qualquer nação seria uma boa escolha para o exílio dos judeus, contando que eles conseguissem sobreviver ao nazifascismo. Talvez o grande erro cometido por Zweig tenha sido subestimar o regime político brasileiro, onde o governo, juntamente com o apoio de alguns críticos do então escritor exilado, teve tempo suficiente para lhe desestabilizar emocionalmente, contribuindo para a sua decisão de se suicidar:

> [...] Durante muitos anos, pareceu-me um erro esse "educar-me para o provisório", mas depois, quando inúmeras vezes me vi obrigado a abandonar cada lar que eu montava e vi ruir à minha volta tudo o que se havia formado, esse estranho sentimento de não querer me prender tornou-se útil para mim. Por ter aprendido cedo essa atitude, ela me facilitou toda perda e toda despedida. (ZWEIG, 2014, p. 153).

Inicialmente, a imprensa brasileira de 1942 levantou a hipótese de que Zweig tinha sido ameaçado de morte por grupos nazistas, pois foram encontrados em sua casa alguns papéis com textos escritos em alemão que continham os nomes de Hitler e Goebbels. Posteriormente, ficou constatado que se tratava de suicídio.

Apesar de Lotte e Zweig serem judeus, Getúlio Vargas não cedeu ao pedido dos rabinos para os corpos serem enterrados no cemitério judeu do Rio de Janeiro. Mandou providenciar todas as honras fúnebres para o funeral e enterro do casal em cemitério tradicional na cidade de Petrópolis. Apesar da escolha imposta por Vargas, as homenagens prestadas foram praticamente ecumênicas: Carauta de Souza proferiu um discurso ao redor dos caixões, em nome da Academia Petropolitana de Letras; o rabino Dr. Henrique Lemle leu uma parte da obra *Jeremias*, escrita pelo próprio Zweig; o cantor Fleischmann cantou em hebraico uma parte dos Salmos e, depois, fez a oração fúnebre, *Kadish*. O funeral do casal judeu foi acompanhado por aproximadamente cinco mil pessoas. Os corpos foram enterrados em jazigos próximos ao da família imperial de origem brasileira com ligações aos Habsburgo, família imperial de Viena.

No último ano Zweig teve muitas oportunidades de se salvar, de se libertar da sensação de insignificância, de incapacidade. Poderia ter se juntado aos tantos refugiados de mesma origem que chegavam ao "país do futuro" e formado uma base de resistência. Porém, sabia que esse caminho seria longo. Resolveu abreviá-lo:

> A solidão foi decisiva, mas também contribuíram a passividade de Lotte, a futilidade da Academia de Letras, a fúria do *Correio da Manhã*, o carteiro omisso, a pobreza da biblioteca de Petrópolis, as firulas de Montaigne, as cobranças dos amigos em 1933 e o alto pedestal onde a fama o colocara e donde a angústia o derrubou. (VILAS-BOAS, 2014, p.135).

No meio do seu turbilhão de emoções e incertezas sobre o futuro, Zweig e sua esposa Lotte, influenciada pelo marido, decidiram se suicidar tomando uma dose letal de veneno, no dia 23 de fevereiro de 1942, na casa em que estavam vivendo em Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro. Assim, partiram para o último e definitivo refúgio de suas vidas: a morte.

3 O ANTISSEMITISMO NA EUROPA E NO BRASIL DO SÉCULO XX

Entender o conceito de antissemitismo e conhecer a história de suas marcas espalhadas pelo mundo requer muito mais do que apenas relacionar esse termo ao preconceito contra os judeus. Antissemitismo é o termo utilizado para relacionar o ódio ao povo judeu; enquanto que antijudaísmo é a expressão relacionada ao ódio à religião judaica. Portanto, é importante entendermos, a princípio, essa diferença de conceitos para que possamos compreender efetivamente a história desses povos e dessa religião e como aconteceram as diversas perseguições a eles em diferentes épocas.

A religião judaica (Judaísmo) se originou no Oriente Médio através de Moisés e Abraão. De acordo com algumas escrituras judaicas, Deus fez um pacto com os hebreus tornando esses povos os escolhidos para habitar Canaã, a sagrada "Terra Prometida". No século VI a.C. o rei Nabucodonosor conquista Canaã (Israel), apodera-se de Jerusalém e destrói o Templo de Salomão levando os judeus para um cativeiro na Babilônia. A diáspora do povo judeu continuou até o século XX, com o genocídio e a dispersão dos judeus no continente europeu.

O Cristianismo se posicionava como pilar religioso da maior parte da sociedade. Sendo assim, a igreja católica começou a perseguir quem se negasse a adotar as crenças cristãs. Os judeus não eram seguidores do cristianismo, pois não acreditavam que a salvação do ser humano viria através de Cristo, tão pouco na essência e importância do batismo. Por isso, sofreram diversos julgamentos ao longo de sua história, sendo apontados, inclusive, de serem os responsáveis pela morte de Cristo. Assim, a igreja católica iniciou uma espécie de "caça aos judeus" na intenção de forçosamente cristianizar esses povos, que eram vistos pela igreja, e também por outras doutrinas teológicas, como o protestantismo, como seres hereges, impuros, demoníacos e inimigos.

A perseguição aos judeus foi ocorrendo de forma assustadora tomando grandes proporções a partir da propagação de uma lenda que pregava que os judeus alimentavam em si um imenso ódio inexplicável ao cristianismo. Por isso, praticavam um ritual que consistia em raptar e matar crianças cristãs e depois misturar o sangue das vitimas à hóstia eucarística das igrejas para tornar impuro o alimento sagrado.

A partir de então, outros pensamentos conspiratórios contra os judeus foram surgindo. Talvez o mais absurdo tenha sido a ideia de que a pandemia da peste bubônica, ocorrida entre os séculos XIV e XVII, teria sido premeditada e espalhada pelos judeus que levaria à contaminação de poços, lagos, rios e demais fontes de água para o consumo da população. Além disso, diversas pessoas acreditavam que os judeus estavam imunes ao contágio da doença, que a cada dia exterminava grande quantidade de cristãos. Com essa imagem, os judeus seguiam sendo acusados de quase todos os fatos negativos que ocorriam na sociedade, como ressalta Delumeau em *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*:

> Usurários ferozes, sanguessugas dos pobres, envenenadores das águas bebidas pelos cristãos: assim os imaginam frequentemente os burgueses e o povo miúdo urbano no final da Idade Média. Eles são a própria imagem do "outro", do estrangeiro incompreensível e obstinado em uma religião, dos comportamentos, de um estilo de vida diferente daqueles da comunidade que os recebe. Essa estranheza suspeita e tenaz aponta-os como bodes expiatórios em tempos de crise. (DELUMEAU, 1989, p.278).

Os judeus – ou povo escolhido – não demonstram tendência à passividade. Geralmente são pessoas questionadoras, que vão à busca da verdade, da explicação dos fatos e não se intimidam se os preceitos vieram de um meio ou representante superior. Enfim, questionar é uma condição dos seguidores da religião judaica.

Os judeus permaneceram perseguidos ao longo de muitos séculos. Um dos episódios mais conhecidos na história de massacre aos hebreus foi a implantação da Santa Inquisição em Portugal, ao longo dos séculos XV à XIX. Com o objetivo de enfrentar o sincretismo entre diferentes grupos religiosos, que faziam adorações a bichos e objetos e a fim de evitar a heresia exterminando qualquer grupo que não fosse fiel ao catolicismo, pois representavam um risco à fé cristã, a Inquisição punia de diversas formas. As penalidades podiam variar entre perda de liberdade, tomada de bens materiais e até a queimá-los vivos na fogueira, como aconteceu com milhares de judeus:

> É nos fins do século XV que se pode fixar o estabelecimento da Inquisição como tribunal permanente, com superintendência exclusiva sobre todas as aberrações da doutrina católica e revestido dos caracteres e tendências que nos séculos seguintes lhe conciliaram tão triste celebridade. (HERCULANO, Alexandre, 2009, p. 47)[6].

O judaísmo é ligado a três principais pontos: à Torah, à prática do bem e à crença em um Deus absoluto. É uma religião conservadora, pautada na moralidade e que, por isso, preza

---

[6] HERCULANO, Alexandre. *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/inquisicao.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2017.

por costumes e comportamentos exemplares, para que não haja desvio de conduta. Foi a religião que pregou pela primeira vez na história o monoteísmo, que significa a crença em um Deus único e que é responsável por todo o universo. A partir do judaísmo surgiram outras religiões: o Cristianismo e o Islamismo. No entanto, como ressalta Kênia Maria de Almeida Pereira: "Os judeus, em sua grande maioria, não se converteram nem ao cristianismo, nem ao islamismo, garantindo sempre a transmissão de suas crenças às gerações futuras.". (PEREIRA, 1998, p.44).

Assim como no Cristianismo existem as igrejas que são locais destinados à pregação da palavra bíblica, no Judaísmo os templos para orações chamam-se Sinagogas e seus representantes não são os Padres, são os chamados Rabinos ou Rabbis. O livro sagrado da religião judaica é denominado Torah ou Tanakh, contendo os cinco primeiros livros do antigo testamento (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) formando a Bíblia Hebraica. Também, dentro da própria religião judaica, existem algumas subdivisões que classificam os judeus, partindo das diferenças entre esses povos em relação à sua etnia e costumes religiosos, como os judeus ortodoxos, ultra-ortodoxos, conservadores e reformados.

Os judeus ortodoxos têm a crença de que as escrituras da Torah foram reveladas por Yaveh (Deus dos judeus) diretamente ao povo israelita. Assim, eles tomam a palavra de Deus contida na Torah como a mais alta referência para os ensinamentos da doutrina judaica. Em sua autobiografia, Zweig traz uma reflexão sobre o comportamento desse grupo de judeus:

> Já no judaísmo oriental ortodoxo, em que tanto as fraquezas quanto os méritos de toda a raça se desenham com mais intensidade, essa supremacia da aspiração intelectual em contraposição à aspiração meramente material encontra expressão plástica: dentro da comunidade, o crente, o erudito da Bíblia, vale mil vezes mais do que o rico; mesmo o mais abastado preferirá dar sua filha como esposa a um intelectual miserável do que a um comerciante. Entre os judeus, essa supremacia do intelecto perpassa de maneira uniforme todas as camadas sociais; mesmo o vendedor ambulante mais pobre, que carrega seus pacotes debaixo de vento e de chuva, não poupará sacrifícios para tentar fazer com que ao menos um filho consiga estudar, e a família inteira considera uma honraria ter entre os seus alguém que se notabilize no campo intelectual, um professor, um sábio, um músico, como se ele, com suas realizações, enobrecesse a todos. (ZWEIG, 2014, p. 28).

Existem no mundo aproximadamente 15 milhões de seguidores do judaísmo e alguns pesquisadores calculam que se não tivesse acontecido o temido episódio sanguinário do Holocausto (Shoah) entre os anos de 1930 e 1945, hoje em dia existiriam aproximadamente 30 milhões de fiéis da religião judaica por todo o mundo, sendo que boa parte desses judeus provavelmente residiria no continente Europeu. Atualmente, a maior concentração de povos

hebraicos se localiza em Israel e nos Estados Unidos. No continente europeu, o maior grupo judaico reside na França. Na América do Sul, a maior concentração de povos judeus está em Buenos Aires (Argentina) e, em seguida, no Brasil.

O antissemitismo europeu teve mais visibilidade na história mundial do que o ocorrido em outras partes do mundo, como no Brasil, na era Vargas, por exemplo, devido ao Holocausto (Shoah) ocorrido na Segunda Guerra Mundial. Entretanto, para os antissemitas existia uma única e onipresente definição acerca dos judeus:

> Tanto no anti-semitismo tradicional como no moderno o judeu é identificado como um estrangeiro, incapaz de se adaptar e de se integrar nos países onde se instala. Ele é apresentado sempre como um indivíduo hostil, anti-social, depredador e de espirito revolucionário: uma anomalia social e racial. O judeu, do ponto de vista econômico, é visto sempre como um homem rico e poderoso, detentor do capital. (LAZARE, 1982, apud CARNEIRO, 2001, p.10).

Assim, ao tomarmos conhecimento desse conceito que os antissemitas formaram sobre os judeus conseguimos entender (mas sem compreender) o porquê da disseminação de tanto ódio por esse povo. Porém, O que não foi possível entender, até então, é como os antissemitas conseguiam adjetivar tão negativamente os judeus? De onde veio todo esse ódio e essa visão distorcida sobre um ser humano que apenas queria seguir a sua própria religião? Parece que essas e outras tantas perguntas vão continuar pairando de geração em geração sem respostas. Quando pensamos que as ocorrências contra os judeus ficaram no passado, apenas numa parte obscura da nossa história, surgem atualmente novos casos de ataques aos judeus na França e investigações jornalísticas acerca de possíveis grupos neonazistas ganhando força no sul do Brasil e até um dos principais jornais online do país veiculando a seguinte manchete: “Brasil tem 180 mil leitores de ideologias neonazistas na internet”. Enfim, parece que o passado está bem presente.

3.1 Um breve relato sobre o antissemitismo na Europa ao longo das duas Grandes Guerras

O antissemitismo deixou marcas irreversíveis em diversos países do mundo. Entretanto, no continente europeu teve maior destaque mundial, não só pela Europa representar uma vantajosa posição econômica mundialmente, mas, principalmente, pelo

terrível episódio do Holocausto (Shoah), que exterminou milhões de judeus dos países europeus.

No século XX, quase nenhum ser humano conseguia demarcar com precisão e convicção qual seria o seu destino a longo prazo, independente de se tratar de um cidadão comum ou da elite. Isso porque eram tempos de total instabilidade entre os acordos comerciais, econômicos e políticos entre diversos países, que influenciavam a vida de todas as pessoas e que deram energia às guerras e crises que ocorreram ao longo do século. Principalmente na Europa, a população já fragilizada com a crise econômica que vinha se arrastando do fim do século XIX ao início do século XX esperava por uma solução para aquele dramático momento que estavam vivendo:

> Aparentemente, só era preciso um sinal para os povos se levantarem, substituírem o capitalismo pelo socialismo, e com isso transformarem os sofrimentos sem sentido da guerra mundial em alguma coisa mais positiva: as sangrentas dores e convulsões do parto de um novo mundo. (HOBSBAWM, 2003, p.62).

Antes de Hitler assumir o poder em definitivo, em 1933, dez anos antes os europeus não davam credibilidade para esse nome. Hitler era visto nas redondezas de Munique e Salzburgo como apenas mais um dos vários agitadores agressivos, que surgira momentaneamente pela Alemanha tentando de alguma forma impor alguma política não muito interessante, principalmente contra a República e contra os judeus.

Hitler foi um perfeito articulador, com objetivos a seguir e que soube esperar a hora exata para atacar. Entretanto, no meio do caminho que vinha projetando, ele não esperava por uma prisão. Em 1923, foi preso na Alemanha, sob a acusação de comandar um golpe de estado. Dos cinco anos que recebeu de pena cumpriu apenas nove meses, que foi tempo suficiente para ele iniciar a produção da sua obra mais famosa: *Mein Kampf* (Minha Luta), no qual ele relatava as suas intenções políticas,,

Ao término da Segunda Guerra Mundial os direitos de reprodução de *Mein Kampf* foram proibidos. Entretanto, o longo período de proibição expirou no final do ano de 2015 e a obra do ditador voltou a alcançar os holofotes midiáticos em todo o mundo. De forma rápida, a obra começou a circular entre as mais vendidas mundialmente e em alguns países, como Portugal, teve reedições acompanhadas de análises sobre o texto por especialistas. Aliás, nesse momento frágil de insatisfação e instabilidade política que estamos vivendo no Brasil, também seria essencial ter a análise de um especialista junto à reimpressão desta obra de

Hitler, sob o risco de uma leitura não muito bem interpretada influenciar atos e pensamentos de possíveis leitores e que estes possam se voltar negativamente para a nossa sociedade. Em sua polêmica obra, Hitler elabora diversos comentários antissemitas, como mostra o trecho a seguir:

> Que eles não eram amantes de banhos podia-se assegurar pela simples aparência. Infelizmente não raro se chegava a essa conclusão até de olhos fechados, muitas vezes, posteriormente, senti náuseas ante o odor desses indivíduos vestidos de caftan. A isso se acrescentem as roupas sujas e a aparência acovardada e tem-se o retrato fiel da raça. Tudo isso não era de molde a atrair simpatia. Quando, porém, ao lado dessa imundície física, se descobrissem as nódoas morais, maior seria a repugnância. Nada se afirmou em mim tão depressa como a compreensão, cada vez mais completa, da maneira de agir dos judeus em determinados assuntos. Poderia haver uma sujidade, uma impudência de qualquer natureza na vida cultural da nação em que, pelo menos um judeu, não estivesse envolvido? Quem, cautelosamente, abrisse o tumor haveria de encontrar, protegido contra as surpresas da luz, algum judeuzinho. Isso é tão fatal como a existência de vermes nos corpos putrefatos. (Main Kampf – Adolf Hitler)[7].

Em fevereiro de 2016, a obra *Mein Kampf* foi proibida de ser vendida e divulgada no estado do Rio de Janeiro, com medida acatada pelo Tribunal de Justiça do estado, pois a obra faz incitação ao crime, racismo e extermínio de pessoas na era nazista e a Legislação Brasileira considera crime a propagação de ideias ou símbolos relacionados ao nazismo. As editoras Saraiva, Geração e Centauro já estavam comercializando a obra. No entanto, para nós estudiosos da temática antissemita, a leitura e pesquisa da obra se faz necessária para compreendermos melhor esse período de barbárie comandado pelas ideias nazifascistas.

A possibilidade de apologia ao nazismo vem se tornando uma assustadora realidade. No dia 08 de dezembro de 2016 a Polícia Civil do Rio Grande do Sul realizou neste estado oito mandados de busca e apreensão de indivíduos suspeitos de integrarem células neonazistas. Nos locais das buscas os policiais encontraram grande quantidade de recursos que fazem apologia ao nazismo, como exemplares de *Mein Kampf* e uma divulgação de um grupo chamado "White Power Sul Skin", que é considerado um grupo neonazista de forte atuação no Sul do país, mas que também conta com integrantes em outras localidades, como em São Paulo e Brasília. Parece que o "gigante" da barbárie está apenas adormecido ao nosso redor, mas que ao menor barulho pode acordar e novamente causar tristezas e estragos por todo o mundo.

---

[7] HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. Disponível em: <http://sanderlei.com.br/PDF/Adolf-Hitler/Adolf-Hitler-Mein-Kampf-PT.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2017.

Em 1925, quando já estava em liberdade, Hitler retomou a liderança do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, que havia fundado em 1921, e continuou pacientemente preparando as manobras políticas que iria aplicar na Alemanha. Em 1933 foi nomeado chanceler da Alemanha e em pouco tempo implantou o III Reich e começou a liderar a partir de um regime totalitário e sangrento contra aqueles que ousassem não respeitar a ditadura nazista.

A partir do momento em que alcança o poder, Hitler impõe uma série de regras e medidas a serem tomadas. Dentre elas, a eliminação de homossexuais, ciganos, negros, comunistas e, principalmente, de judeus. Esse extermínio teve inicio a partir da implantação das *Leis de Nuremberg*, que foram sugeridas por Hitler em um congresso do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, em setembro de 1935. As leis eram compostas pela *Lei da Bandeira do Reich*, *Lei da Cidadania do Reich* e a *Lei da Proteção do Sangue e Honras Alemãs*. As *Leis de Nuremberg* eram a base de toda a ideologia e práticas do nazismo. Além de impor o extermínio desses povos, essas leis proibiam qualquer tipo de relação afetiva, sexual, profissional, entre alemães e judeus, sendo estes últimos considerados povos de segunda classe.

O exército nazista foi treinado por Hitler seguindo o mesmo método fascista do ditador italiano Mussolini. Entretanto, na Alemanha o treinamento era mais intensificado e cuidadosamente observado todos os possíveis detalhes e estratégias que pudessem interferir na exímia atuação dos militares.

As crises na Alemanha e a necessidade urgente de um líder para colocar ordem naquele país tiveram contribuição fundamental para que Hitler chegasse rapidamente ao poder. Porém, os alemães não imaginavam que estariam contribuindo involuntariamente para o maior desastre humanitário da história mundial:

> Ele só ressurgiu depois de alguns anos, e agora a onda ascendente da insatisfação o elevou com rapidez. A inflação, o desemprego, as crises políticas e, não menos importante, a insensatez dos países estrangeiros haviam revolucionado o povo alemão; havia uma enorme demanda por ordem em todos os círculos do povo alemão, para quem a ordem desde sempre valeu mais do que a liberdade e a justiça. E quem prometia ordem – até Goethe disse que a desordem lhe era mais desagradável do que uma injustiça – desde já podia contar com centenas de milhares de seguidores. (ZWEIG, 2014, p. 321).

Ainda em 1934, a Áustria e a Alemanha não acreditavam que Hitler dominaria toda a Europa nos próximos anos e colocaria em prática todas as ordens que premeditou. “Hitler não

realizou nada mais genial do que essa tática de ir experimentando devagar, aumentando cada vez mais a intensidade contra uma Europa cada vez mais fraca moral e também militarmente." (ZWEIG, 2014, p.324). Assim, o quanto lhe foi possível, o ditador deixava suas marcas de um ser humano frio e calculista.

A imprensa conservadora e a extrema direita não aceitavam a possibilidade de existir um governante judeu em nenhuma das localidades da Europa. Vários alemães começaram a se juntar ao partido nazista, acreditando na ideia propagada por Hitler de que os judeus tinham uma espécie de "conspiração global secreta", e colaborando na propaganda contra o povo judeu. O antissemitismo em si não era punido. Um crescente número de obras antissemitas começaram a se propagar pela a Europa, como a *Le péril juif* (O perigo judaico), *L'école de cadavres* (Escola de cadáveres), dentre outras. Essas obras alcançavam um alto número de vendas, algumas venderam mais de 80 mil cópias.

Hitler foi dominando a Europa aos poucos. A França, que se saiu bem na Primeira Guerra Mundial, vinha se mostrando resistente, até que o Führer ordenou que o exército nazista invadisse Paris e ocupasse as ruas. O país vinha enfrentando alguns problemas, como a baixa taxa de natalidade devido ao grande número de soldados em idade produtiva que foram mortos na Primeira Guerra Mundial, decepções políticas em sua República, dentre outros aspectos que contribuíram efetivamente para a ocupação alemã:

> Num país que desde muito se vangloriava da originalidade de suas ideias políticas, uma sequencia de governos ineficientes corroeu a confiança pública na democracia e encorajou a simpatia pelo nazismo, pelo fascismo e pelo comunismo. E o mais grave de tudo é que, com a Grande Guerra produzindo uma nação de pacifistas, a França preferiu ignorar os sinais cada vez mais alarmantes de que o país não demoraria a entrar em guerra com a Alemanha outra vez. [...] Quando o exército de Hitler varreu a Europa Ocidental na primavera de 1940, as defesas francesas foram reduzidas a pó em questão de semanas. A França nunca fora tão humilhada, nem nas guerras de 1870 e de 1914. (RIDING, 2012, p. 16).

Entretanto, no meio desse cenário de submissão da França, Paris vinha se destacando e sendo o destino de diversão mais escolhido entre os integrantes da elite francesa. As óperas, museus, teatros e galerias estavam em constante movimentação: "Paris tinha um amplo leque de escolhas a oferecer, tanto do ponto de vista da ilustração quanto do entretenimento. Intelectuais, pintores, músicos e outros artistas circulavam pela cidade como cortesãs desenvoltas." (RIDING, 2012, p. 16-17).

Muitos escritores, pintores, músicos e bailarinos vinham de outros países para Paris buscando fugir da ditadura de seu país de origem e também à procura de liberdade sexual. Acerca dessa liberdade, várias obras literárias sobre esse período francês permite ao leitor observar o quanto naquela época, em Paris, era comum os relacionamentos homossexuais e extraconjugais. No livro *Paris, A Festa Continuou*, do escritor Alan Riding, por exemplo, têm diversas ressalvas entre uma informação e outra, que permite ao leitor ter essa visão da "liberdade" existente em Paris naquele período.

Renomados nomes da literatura mundial, como Antoine Saint-Exupéry (1900-1944), Simone de Beauvoir (1908-1986), Jean-Paul Sartre (1905-1980) viviam em Paris no período em que a cidade luz foi ocupada pelo exército nazista. Sartre, que chegou a ser preso, mas depois libertado, esteve na frente de batalha defendendo a França e lutando contra os ideais nazifascistas, além de permanecer escrevendo suas reflexões políticas, filosóficas, literárias e históricas, além de trocar correspondências frequentemente com a também escritora Simone de Beauvoir. Já Saint-Exupéry, além de ser um conhecido escritor era também aviador, mas não pode ser piloto do exército francês por ter se machucado em acidentes aéreos e, então, contribuiu através de seus conhecimentos em aviação para uma divisão de reconhecimento da força aérea francesa, para a qual foi escalado.

Apesar de a guerra estar em pleno acontecimento, Paris ainda contava com 105 cinemas, 25 teatros, 14 casas de espetáculo e 28 cabarés em funcionamento. Isso tudo porque a elite francesa – e depois também até alguns soldados nazistas – contribuíam com suas presenças assíduas para o funcionamento desses entretenimentos, não muito preocupados com a guerra acreditando que o exército francês seria suficiente para combater os soldados alemães. Mesmo quando houve um breve momento em que ocorreu uma decaída no funcionamento do entretenimento na cidade luz, que foi quando a tensão começou a atingir e expulsar grande parte da população parisiense, logo os artistas, músicos, dançarinos e outros profissionais retomaram em 1940-1941 às suas atividades artísticas, pois esses profissionais precisavam trabalhar para sobreviver:

> A responsabilidade pela desastrosa situação em que o país se encontrava não era deles, e eles também não tinham nenhum poder para remediá-la. [...] O governo de Vichy, que mantivera a responsabilidade pelas instituições culturais do país, também estava ansioso para mostrar que, embora arrasada do ponto de vista militar, a França não estava derrotada culturalmente. (RIDING, 2012, p. 68).

Hitler demonstrava certa cobiça pela cultura francesa. Queria de qualquer forma apagar a luz, a arte e o encanto daquele país e, por isso, escolheu destruir principalmente Paris, que era o centro da divulgação cultural da França. Aliás, os nazistas ficavam indignados com essa capacidade que a França tinha de se manter nesse apogeu, já que era uma cultura "contaminada" com influencias de negros, judeus e maçons.

Na indústria cinematográfica havia um grande número de judeus. Alguns deles eram donos de aproximadamente quarenta cinemas em Paris e outros atuavam como produtores cinematográficos, inclusive, alguns desses judeus já haviam trabalhado na Alemanha nesse ramo. A perda da qualidade de serviços e produções diminuiu consideravelmente após a ocupação nazista, que confiscou e "purificou" essa indústria proibindo os experientes produtores e roteiristas judeus da França e da Alemanha de atuarem nessa área cinematográfica.

No período entre 1940-1941 os teatros, cinemas e casas de concertos se reabriram em Paris. Era uma ponta de otimismo que impulsionava aqueles profissionais que precisavam trabalhar. As bilheterias desses locais de lazer voltaram a crescer, pois a população parisiense sempre estava presente, mesmo com a preocupação do toque obrigatório de recolher: "Frequentar teatros passou a ser visto como um saudável antídoto para a depressão." (RIDING, 2012, p. 245).

Enquanto a elite francesa aproveitava todas as possibilidades que tinha de lazer e cultura, paralelamente acontecia por toda a Europa a captura, exploração e execução de judeus, e demais povos perseguidos pelo exército de Adolf Hitler, em vários campos de concentração minuciosamente organizados pelos nazistas. Pensar nos dois momentos de forma isolada chega a causar uma revolta. Como pode alguns desfrutar de momentos de distração e alegrias enquanto outros morrem torturados e humilhados? Enfim, podemos dizer que esse momento foi a maior representação do significado de "choque de realidade".

O discurso antissemita de Hitler, sugerindo a possibilidade de nascimento de uma nação puramente ariana e imbatível só foi possível porque ele estava apoiado em uma eficiente ferramenta de alcance das massas: a propaganda. Através dela, o Führer conseguiu atingir um grande público alemão, que já estava fragilizado com a crise econômica e social que acometia a Alemanha e, a partir da dominação e apoio ariano, ele conseguiu expandir seu plano de "desinfetar" todo o continente Europeu através do extermínio dos judeus:

> Nesse contexto de "renascimento" recupera-se a imagem de que o judeu é o símbolo do mal, contraposto ao ariano, expressão do bem. A atenção do povo, submisso e amedrontado pela figura do ditador, foi desviada para o bode expiatório de todos os males, transformando-o em perigo, em indesejável. Difama-se todos: artistas, escritores, cientistas, comerciantes etc., bastando para isso ser judeu e/ou bolchevista. (CARNEIRO, 2001, p.16).

Sendo assim, os comerciantes estavam autorizados a não venderem nada para os judeus, nem comidas, a não fecharem negócios, nem alugarem casas. Eles foram proibidos, inclusive, de frequentar lugares públicos, como teatros e cinemas para não incomodarem ou "infectarem" as demais pessoas. Era uma política de segregação para total isolamento do povo judeu.

Em 1936, para não correr o risco de cancelamento do XI Jogos Olímpicos, que aconteceria em Berlim, os nazistas decidiram dar uma pausa na propaganda antissemita. Após o término dos jogos retomaram fortemente a propaganda e inauguraram outros grandes Campos de Concentração. A partir de 1938 até os médicos israelitas passaram a ser proibidos de entrar em contato com qualquer paciente alemão e logo foram destituídos de seus cargos.

Nos Campos de Concentração, a ordem era de torturar e explorar ao máximo os judeus. Mas, em relação aos judeus considerados doentes irremediáveis ou incuráveis, os militares do exército nazista deveriam exterminá-los para esvaziar os Campos para caber os próximos comboios de judeus capturados, que estavam no trem a caminho dos Campos, seja fuzilado, ou nos fornos crematórios ou na câmara de gás. Aproximadamente, 6 milhões de judeus teriam sido exterminados nas câmaras de gás.

Entretanto, a exterminação dos judeus ao longo de toda a trajetória da guerra não foi uma tarefa fácil e agradável para todos os militares designados para esse serviço. O próprio Primo Levi descreve em seus testemunhos que em alguns momentos no seu confinamento em Auschwitz ele tinha a impressão de que alguns soldados não queriam lhes maltratar, nem fisicamente nem verbalmente, mas o faziam para resguardarem a sua própria vida. Em *Inferno: O Mundo em Guerras 1939-1945* Max Hastings relata o depoimento de alguns policiais que não conseguiram permanecer muito tempo nesse trabalho pesado e chocante de execução e acabavam pedindo aos seus superiores mudança de função:

> Outro homem que desistiu após iniciado o massacre explicou que a falta de pontaria de um camarada o estressara: "Ele sempre erguia a arma demais, produzindo ferimentos terríveis nas vítimas. Em muitos casos, a parte de trás da cabeça era completamente arrancada, de tal modo que os miolos espirravam por toda a parte. Simplesmente não consegui mais assistir." (HASTINGS, 2012, p.541-542).

Com o extermínio de judeus em massa ficou quase impossível contabilizar a quantidade desses povos que conseguiu sobreviver à guerra. Alguns pesquisadores afirmam que houve um número expressivo de sobreviventes. No entanto, o grande problema foi outro e, aliás, bastante compreensível. Os ataques aéreos, as torturas físicas e psicológicas, a fome, os combates, a luta para sobreviver às doenças que proliferavam ao longo dos dias, as agressões físicas, a separação de suas famílias e o medo que lhes acompanhavam diariamente fizeram com que muitos dos sobreviventes se tornassem seres humanos inválidos, mesmo tendo sobrevivido. Após saírem do ambiente de holocausto e descobrirem que estavam libertados, muitos judeus enlouqueceram de forma irreversível e alguns chegaram a se suicidar, pois todo aquele que foi torturado em Campo e conseguiu sobreviver permaneceu mentalmente torturado pelo resto de sua vida:

> Piolhos, bichos, mosquitos, bichos,
> Mais bichos, mais piolhos
> Ratos, pulgas, mosquitos, moscas
> E camundongos devoradores de pão
>
> Sujeira, lama, sem sabão
> Aguentar fedor, imundície
> Sem fé, sem esperança
> No escuro, tateamos
>
> Nossas camas, tábuas nuas
> Nossos colegas, doidos varridos
> Nossos sonhos, longas filas
> De tanques americanos[8].

Hitler conseguiu causar grandes estragos físicos e sociais na Alemanha, Áustria, Polônia, União Soviética, França, dentre tantas outras localidades. O governo da França, inclusive, enviou alguns franceses para trabalharem na Alemanha em troca da libertação de aproximadamente 90 mil prisioneiros de guerra, além de o país ter disponibilizado sua própria indústria aeronáutica para os alemães. Ter domínio sobre a França, que na Primeira Guerra foi um dos países a derrotar a Alemanha, lhes parecia uma perfeita revanche. Porém, essa ocupação com gosto de vingança durou o quanto foi possível.

Logo depois os chamados Países do Eixo (Itália, Alemanha e Japão) começaram a se desestabilizar. A Itália se mostrava completamente derrotada e impossibilitada de prosseguir na guerra. Sua retirada do combate enfraqueceu a Alemanha, que em seguida teve seu exército detonado pela União Soviética. Assim, os chamados Países Aliados (Estados Unidos,

---

[8] HASTINGS, Max. *Inferno, o mundo em guerra: 1939-1945.* Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012, p.517.

Inglaterra e União Soviética) caminhavam para um “cessar fogo” definitivo, em agosto de 1945, quando o exército americano sobrevoou as cidades de Hiroshima e, posteriormente Nagasaki, ambas no Japão, lançando bombas atômicas nessas cidades, que ficaram completamente destruídas e com um alto número de mortos e feridos gravemente.

Apesar do grande número de alemães que contribuíram de alguma forma para o massacre dos judeus, ao longo dos anos de guerra algumas pessoas em suas casas e comércios se arriscavam a socorrer e a esconder judeus em suas residências, seja por afinidade, por comoção ou por não se identificar com aquela onda de extermínio por ódio que vinha ocorrendo sob seus olhos:

> August Kossman, jovem sapateiro comunista de Berlim, escondeu por dois anos, em seu pequeno apartamento, Irma Simon, seu marido e seu filho. A mãe do adolescente Erich Neumann, dona de uma cafeteria, abrigou um jovem judeu, amigo da família, em Charlottenburg, por cinco meses. No fim da guerra, um fugitivo judeu chamado Max Krakauer compôs uma lista com os nomes de todos os berlinenses que o ajudaram em sua longa luta para escapar da morte e lembrou-se de 66nomes. [...]Essas pessoas de coragem extraordinária preservaram um farrapo da honra da civilização alemã. (HASTINGS, 2012, p.544).

Às vezes lemos tantas coisas que nos deixa incrédulos com tanto horror ocorrido nesses anos de guerra e um pensamento quase que involuntário e inerente ao ser humano nos vem à cabeça: “nenhuma vítima pensou em se vingar dos carrascos que ainda estavam vivos?”. Pois bem. No fim da guerra muitos tribunais militares franceses começaram a ordenar que fossem exterminados centenas de militares traidores, que atuaram até como informantes para o exército Alemão. A partir desse momento a cada nova libertação de cidades, comunidades e vilarejos mais soldados começavam a ser assassinados por cidadãos comuns extremamente revoltados e também por aqueles que conseguiram resistir às perseguições. Contudo, outra vingança ocorrida foi contra algumas mulheres acusadas de “colaboração horizontal”, ou seja, de se deitar com o inimigo:

> Milhares tiveram a cabeça raspada em público, enquanto outras eram despidas e obrigadas a desfilar perante uma multidão enfurecida. Ocorreram cenas medonhas. “Vi um grupo de arruaceiros que empurrava e golpeava uma mulher de cabeça raspada”, recordou Michel Francini. “Ela estava nua, e haviam pintado uma suástica na altura dos seios. Eles estavam embriagados.”. Algumas das mulheres eram prostitutas, mas outras mantiveram relacionamentos mais estáveis. (RIDING, 2012, p. 356-357).

O prazer natural que o ser humano sente pela vingança, sobretudo em casos que envolvem injustiças, não implica que algo estará solucionado. Pelo contrário. Em casos de guerras, catástrofes, perseguições a vingança pode se tornar uma extensão do problema,

fazendo com que este se perpetue. Em casos de tragédias humanitárias, como o Holocausto (Shoah), a punição deve existir para que a existência de um acontecimento desses nunca seja apagada da memória coletiva, mas sem o estereótipo de vingança. Em relação à possibilidade de vingar as atrocidades cometidas pelo nazismo e fascismo na Segunda Guerra, Adorno faz a seguinte colocação:

> Se igual número de pessoas do outro lado forem agora liquidados, o terror torna-se instituição e o esquema pré-capitalista da vingança pelo sangue [...] será reintroduzido de maneira ampliada [...]. Entretanto, se os mortos não forem vingados e não se usar a clemência, então o fascismo, deixado impune, é quem sai ganhando apesar de tudo, e uma vez que tiver mostrado como tudo foi fácil, recomeçará tudo em outros lugares. A lógica da história é tão destrutiva quanto os homens que ela engendra: para onde quer que tenha sua força de gravidade, ela reproduz o equivalente da calamidade passada. Normal é a morte. (ADORNO, 1993. p. 47).

Assim, o movimento antissemita ocorrido no início do século XX, que tinha como objetivo a chamada "Solução Final", pretendendo acabar com a raça judia em toda a Europa, teve maior força na Alemanha, França, Rússia e Polônia, sobretudo nos anos da Segunda Guerra Mundial. Foi a maior tragédia da história judaica, levando ao extermínio de 2/3 dos judeus europeus. Cerca de 6 milhões de judeus foram exterminados nos Campos em Auschwitz, através de fuzilamento, asfixia nas câmeras de gás, experiências médicas fatais, fome, doenças que proliferavam e torturas diárias. Além dos Campos, também houve aqueles tantos judeus que se suicidaram para não serem torturados, e os que foram executados nas ruas onde eram capturados ou a caminho dos Campos de Concentração.

3.2 A imigração Judaica no Brasil e o antissemitismo brasileiro

Há muitos anos que o Brasil estabeleceu uma forte ligação com o povo judeu. Os primeiros semitas desembarcaram no país junto com a tropa marítima de Pedro Álvares Cabral. Inclusive, dois grandes nomes muito importantes no processo de colonização do Brasil, Caramuru e João Ramalho, também eram de origem judaica. Foi na cidade de Recife, ao longo da ocupação holandesa, que se instalou a primeira Sinagoga do nosso país, em 1642. Com o passar dos anos e da necessidade de se estabelecer em um novo lugar por causa das perseguições religiosas, alguns desses judeus optaram por migrar para a América do Norte. Passaram por alguns transtornos e não receberam nenhum tipo de auxílio financeiro do

governo local, mas, posteriormente, se estabeleceram e juntamente com os ingleses, que naquela época dominavam a região, fundaram Nova York e passaram a fazer parte do futuro grupo de maior poder aquisitivo daquela cidade.

No século XIX, os judeus habitavam o Brasil majoritariamente nas regiões da Amazônia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. A partir do século XX, centenas de famílias judaicas fugiram da Europa, por causa das grandes guerras e perseguições que aconteciam lá naquele momento, procurando refúgio em uma cidade que pudesse lhes oferecer condições seguras e dignas de trabalho para sobreviverem, estudos para os seus filhos terem melhores condições de vida futuramente e liberdade para seguirem sua religião.

Em busca desse perfil de cidade, as famílias judaicas começaram a migrar para São Paulo, que já caminhava para um rápido progresso, e que em alguns anos tornou a capital paulista a maior cidade do Brasil, onde se concentra e faz girar a economia do nosso País. Rapidamente, os judeus que chegavam ao Brasil conseguiam se adaptar à rotina brasileira, aos costumes, ao povo e, em pouco tempo, foram progredindo se tornando detentores de grandes conhecimentos e engajando em profissões mais rentáveis, como médicos e comerciantes.

A cidade de São Paulo foi se expandindo em volta da Estação da Luz, localizada no bairro Bom Retiro. Os imigrantes que chegavam ao país pela zona portuária de Santos e queriam seguir para Minas Gerais ou outras cidades do interior, tinham que passar por esta estação ferroviária e, assim, muitos deles resolveram ficar por São Paulo mesmo. Então, aquela região foi crescendo e, por muitos anos, acolheu os judeus com escolas de idiomas, comércio local têxtil e, principalmente, com as suas sinagogas. Atualmente, o bairro Bom Retiro conta com diversos centros culturais de destaque na capital e, dentre eles, está localizado o *Memorial da Imigração Judaica*, inaugurado em fevereiro de 2016, com previsão de expansão em 2017.

Dentro da extinta casa, que foi transformada em um edifício, em 1954, e que hoje abriga o Memorial da Imigração Judaica, localizado na Rua da Graça, nº 160, no bairro do Bom Retiro, região central da capital paulista, se encontra a *Sinagoga Kehilat Israel* (Comunidade Israelita), que foi construída em 1912, e com a construção do Memorial passou a se chamar *Sinagoga Mendel e Dora Steinbruch*, em homenagem à família judia Steinbruch (Imagem 1).

Fotografia 1 – Entrada da Sinagoga Mendel e Dora Steinbruch.
Memorial da Imigração Judaica.

Fonte: a autora.

Ela já faz parte do patrimônio histórico da cidade, sendo a primeira Sinagoga construída no Estado de São Paulo. O Templo se encontra originalmente preservado, passando apenas por pequenas restaurações para manutenção do patrimônio. O edifício do Memorial dispõe do térreo e mais três andares, onde cada uma das repartições apresenta um pouco da história da imigração judaica no Brasil, através de áudios, bibliotecas digitais, testemunhos, documentos, imagens e objetos originais preservados (Imagens 2 e 3).

Fotografia 2 – Memorial da Imigração Judaica

Fonte: a autora.

Fotografia 3 – Retratos de algumas famílias de imigrantes judeus que passaram pelo Bom Retiro. Memorial da Imigração Judaica

Fonte: Página institucional do Memorial da Imigração Judaica. Disponível em: http://www.memij.org.br

O Memorial da Imigração Judaica é, sem dúvidas, um local extremamente interessante para quem estuda fatos da história mundial, sobretudo, para quem pesquisa e escreve sobre o judaísmo e suas marcas no Brasil. Confesso que visitar as dependências do Memorial, poder ler e ouvir as explicações históricas contidas em todos os cantos do local, poder ver de perto objetos originais que relatam a história da cultura judaica daquela época (sec. XX) foi uma experiência pessoal enriquecedora, que me proporcionou mais conhecimentos sobre a cultura judaica e seu povo me fazendo refletir sobre a difícil trajetória de perseguições e torturas enfrentadas pelos judeus, que só tinham como refúgio abandonar suas origens e fugir pelo mundo em busca de exílio.

O antissemitismo também deixou muitas marcas no Brasil, tanto por nazistas que viviam por aqui disfarçados e enviando informações à cúpula alemã, quanto pelo próprio governo Vargas, que alimentava uma ditadura disfarçada de "governo para o povo". Essa ditadura camuflada fez milhões de vítimas no Brasil, dentre elas se destacam Olga Benário e Stefan Zweig, que se tornaram figuras marcantes nesses lamentáveis anos da história do país.

Olga Benário nasceu na cidade de Munique, na Alemanha, em 1908. Era uma jovem militante, judia e comunista, que veio para o Brasil esquivando-se de Hitler e seu exército. Tinha a missão de ser a líder do episódio denominado Intentona Comunista, no ano de 1935, juntamente com o então brasileiro Luís Carlos Prestes, que posteriormente se tornaria seu marido. O desfecho trágico desta história é conhecido mundialmente: após o insucesso da Intentona Comunista, Olga Benário e Carlos Prestes foram presos e a líder revolucionária, que estava com sete meses de gravidez, foi cruelmente entregue pelo governo Vargas à Alemanha nazista, sendo recebida pela temida Polícia Alemã, a Gestapo. Ao retornar forçosamente para a Europa, Olga foi despachada para a prisão feminina de Barnimstrasse, na capital Berlim, onde nasceu sua filha Anita Leocádia. Em fevereiro de 1942, Olga foi executada na câmara de gás do campo de extermínio de Bernburg, na Alemanha, junto com, aproximadamente, duzentas outras mulheres judias.

Esse episódio da deportação de Olga foi apenas uma das crueldades autorizadas pelo governo Vargas. Foi praticamente um ato vingativo de Vargas contra Luís Carlos Prestes, que naquela época estava alcançando grande destaque nas manifestações revolucionárias e "agitando" o país de Vargas com ideias comunistas, e isso colocava seu governo autoritário em perigo.

Ressaltando a importância histórica das biografias produzidas sobre Olga Benário e Stefan Zweig, a autora estudiosa da etnicopolítica da Era Vargas, Maria Luiza Tucci Carneiro, destaca logo nas primeiras páginas de seu livro, *O Anti-semitismo na Era Vargas,* que:

> Não estaríamos fazendo justiça se deixássemos de mencionar na área da crônica jornalística, se assim podemos classificar, os nomes de Alberto Dines e Fernando Morais, cujas obras biográficas sobre as vidas de Stefan Zweig e Olga Benário Prestes são hoje reconhecidas nos meios acadêmicos e pelo público em geral. Estes trabalhos, fortemente marcados por uma metodologia de pesquisa histórica, resgatam parte significativa deste período conturbado e ainda desconhecido da nossa história contemporânea. (CARNEIRO, 2001, p.5.).

O período da história do Brasil popularmente denominado de “Era Vargas” teve seu início em 1930 e só terminou em 1945, quando Vargas foi deposto. Nesses 15 anos ininterruptos de governo autoritário o Brasil sofreu muitas perdas humanas e materiais com o recorrente preconceito e ódio contra os judeus. Entretanto, as produções historiográficas brasileiras raramente se voltavam especificamente para o antissemitismo ocorrido aqui. Alguns autores contemporâneos brasileiros comentavam em suas obras essa difícil fase do país, mas sem dar muito enfoque ou apurar detalhes daquele período, preferindo considerar o ocorrido com os judeus apenas um caso de “imigrantes estrangeiros”.

Isso nos leva a pensar que talvez o assunto “antissemitismo” tenha sido desconsiderado por alguns, mas considerado por outros como uma espécie de tabu, ou algo intocável, no qual se devesse apagar da história do nosso país, quiçá do alcance das novas gerações. Lamentável essa postura de omissão, pois esconder da memória histórica fatos ocorridos numa nação é o mesmo que apagar uma parte de cada indivíduo desta nação, que se formou a partir daqueles mesmos fatos históricos omitidos.

Contudo, outro aspecto interessante que nos leva à reflexão acerca desse suposto “desinteresse” em se produzir obras que retratassem mais especificamente o antissemitismo ocorrido na Era Vargas foi a barreira imposta pela própria legislação brasileira, que limitava o acesso de possíveis estudiosos ao conteúdo diplomático e policial daquela época considerando-os confidenciais até meados de 1994. Mas, se a diplomacia nos impedia de ter acesso a conteúdos oficiais desse período, os testemunhos e as investigações de diversas outras fontes contribuíram significativamente para a produção de obras que relatassem os acontecimentos da Era Vargas, como, por exemplo, o livro *O Anti-semitismo na Era Vargas*, de Maria Luiza Tucci Carneiro.

Vargas governou o país sob um regime totalitário, simpatizando com as posturas nazifascistas e adotando ideias e atitudes antissemitas. Em um período em que a nação ainda estava fragilizada devido à crise mundial de 1929, o presidente discursava para o povo reforçando aquele nacionalismo que pulsava dentro dos cidadãos naquele momento. Assim como os demais governos totalitários daquela época, como Hitler na Alemanha e Mussolini na Itália, Vargas fez uso da propaganda para alienar as pessoas e conseguir se popularizar como uma espécie de “salvador da pátria”, que estava ali para governar para todos e com a participação do povo. Na ocasião, ele achou a brecha que precisava para a implantação do Estado Novo.

A burocracia é um dos destaques dos regimes totalitários. Dificultando as ações das pessoas comuns ou daquelas que possam representar algum tipo de ameaça fica mais fácil o governante manter o controle sobre o povo e, assim, se manter no poder. Nessa perspectiva, uma das medidas tomadas na Era Vargas foi a emenda constitucional que proibia estrangeiros de raças negras e amarelas entrarem no país para residirem. Essa "precaução" foi tomada na intenção de conservar os valores raciais, sociais e religiosos natos brasileiros evitando possíveis misturas de povos, que, futuramente, poderiam gerar raças inferiores, de intelecto menos desenvolvido colocando em risco a nossa população futura. Foi praticamente a mesma coisa que Hitler tentava fazer naquele momento na Alemanha, exterminando determinados povos, como os Judeus, ciganos, mulçumanos, negros, na intenção de no futuro gerar somente descendentes de raça ariana pura.

Essa postura eugênica e racista me leva involuntariamente a fazer um paralelo com os dias atuais, claro, respeitando as particularidades de cada época. Apesar de termos avançado um século no calendário, alguns indivíduos da contemporaneidade parecem ter nascido no século passado e aguardado até os dias de hoje para importunar cidadãos de bem com seus preconceitos e ataques expostos nas redes sociais e/ou pessoalmente, seja com o preconceito contra a cor, raça, condição financeira ou religião. Além disso, a grande maioria das perseguições e ataques xenofóbicos, eugênicos, racistas e homofóbicos dos dias de hoje possuem as mesmas raízes ideológicas do século passado: uma elite (ou uma pessoa) bem convicta de sua superioridade sobre algum indivíduo de raça, cor ou condição financeira diferente da sua; seguidores fervorosos de determinada religião, que querem impor a sua crença ao resto do mundo; e indivíduos bem articulados que tentam através da alienação das massas alcançarem algum tipo de poder, status, cargo ou posição política. Enfim, ao que tudo indica, parece que a evolução foi mesmo só na folha do calendário.

A tentativa de eugenia ocorrida na Era Vargas não se restringiu apenas aos povos negros e amarelos. Rapidamente, aquele preconceito também atingiu os judeus. O próprio Preâmbulo da Constituição brasileira de 1934 exibia em suas linhas iniciais que o Brasil era um país cristão:

> Nós, os representantes do Povo Brasileiro, pondo a nossa confiança em Deus, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para organizar um regime democrático, que assegure à Nação a unidade, a liberdade, a Justiça e o bem-estar social e econômico, decretamos e promulgamos a seguinte Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. (Preâmbulo. Constituição brasileira de 1934.).

A inserção de “Deus” nesse contexto surgiu a partir do retorno da ligação entre a Igreja Católica e o Estado. Antigos paradigmas conservadores sustentados pela Igreja voltaram à tona, inclusive a figura do judeu como o “anticristo”, o Judas traidor, o explorador dos fracos e oprimidos e, enfim, diversos outros adjetivos que possam denegrir a imagem dos judeus. Assim, nesse momento crítico no qual se tentava reerguer a política brasileira, as ideias antissemitas encontraram no Estado Novo ambiente ideal para progredirem e espalharem as projeções nazifascistas, através das células e espiões nazistas no Brasil:

> O leitor realista sabe que, havia pouco mais de cinco anos, os integralistas exibiam nas ruas seu entusiasmo por Hitler e Mussolini. Para gente derreada como Zweig, saber que uma célula nazista funcionava na Rua Paissandu, 93, 3º andar (sede da embaixada alemã, a poucos metros do hotel onde se hospedou) injeta uma dose letal de pânico. (DINES, 2012, p. 554).

As perseguições aos judeus no Brasil estavam apenas começando. Judaísmo e Comunismo passam a ser termos inteiramente relacionados um ao outro. Em 1935, com o aumento dos protestos e manifestações que estavam acontecendo e colocando a estabilidade do governo em risco, Vargas aprovou a Lei de Segurança Nacional. Em 1936, fez um pronunciamento tratando negativamente da questão do comunismo e propôs que fosse feito uma espécie de “limpeza ambiental”, afastando de seus cargos todos os comunistas que trabalhavam com salários pagos pelo governo.

Nesse cenário brasileiro, os comunistas eram vistos pelo governo como potenciais desenvolvedores de uma “guerra civil” e, por isso, era necessário impedi-los e afastá-los dos imigrantes que chegavam ao Brasil, na intenção de manter a originalidade da nacionalidade do povo brasileiro e evitar uma possível guerra. Então, a única forma que o governo achou de colocar o seu plano em dia foi através do autoritarismo.

Vargas era um perfeito político. Antes de tomar qualquer atitude tinha o hábito de apurar os fatos e interpretar ambos os lados da moeda. Governava com autoritarismo, mas sabia manter-se na neutralidade diante de outros países, como Alemanha, Estados Unidos e Itália, sabendo exatamente a hora certa de assumir a postura de “amigo fiel” com cada um deles. Por conta desse jogo político de Vargas, as ideias nazifascistas foram sendo incorporadas na política brasileira e encontrando simpatizantes. Os imigrantes judeus que aqui chegavam tinham que aceitar o acordo de se dedicar ao trabalho na agricultura, se capacitar como técnico-industrial e não podia ter relação com nenhum tipo de política ou ideologia, sob a pena de ser considerado como mais um comunista da sociedade.

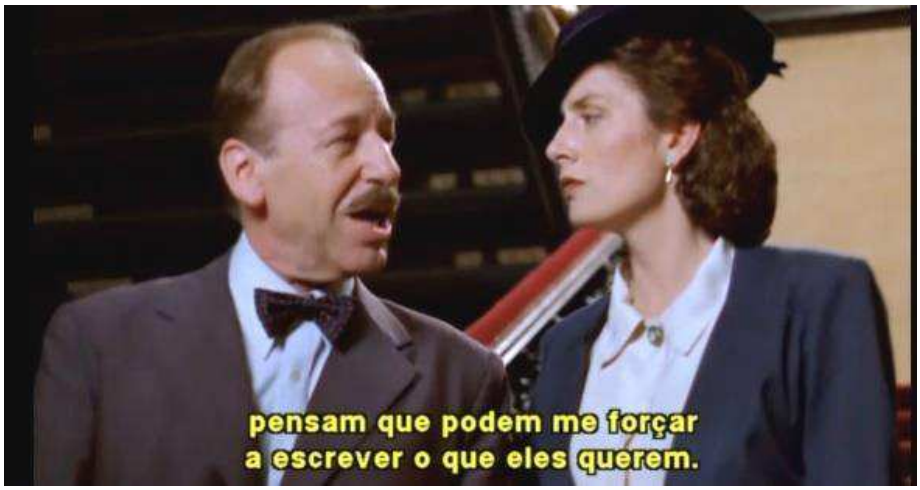
Diante do que era ideal no cenário político da Era Vargas, cuja intenção primordial era "homogeneizar a população", o governo se empenhou na elaboração de um projeto que barrasse a entrada geral de estrangeiros. Contudo, alguns casos particulares eram tratados isoladamente, mas só puderam ser analisados devido à forte autoridade daquele governo, inclusive para punir os judeus que atentassem contra as suas ordens.

Por conta da postura diplomática de Vargas, e da sua capacidade de analisar casos isoladamente, que Stefan Zweig e Lotte conseguiram se manter no Brasil até decidirem se suicidar. Poderíamos pensar no fato de como eles conseguiram entrar no país e se estabelecerem aqui sendo estrangeiros e judeus? Talvez essa resposta esteja em um fato já mencionado em linhas anteriores. Vargas sabia analisar os dois lados da moeda. Naquele momento seria interessante para o cenário político e econômico do Brasil que Vargas tivesse em suas mãos um renomado escritor mundialmente conhecido, que pudesse escrever um livro sob sua recomendação apenas ressaltando coisas positivas sobre o governo, sobre o país em si e seus personagens ilustres na época, como Santos Dumont. Porém, as coisas não saíram exatamente como Vargas planejou e nem como Zweig, inocentemente, acreditou que Vargas faria. Tudo girava em torno de um jogo de interesses:

> Zweig e Santos Dumont são peças de um plano de promoção do país no cenário internacional. [...] O governo quer mostrar ao mundo um país pujante, tecnologicamente avançado. [...] Através de um de seus heróis recentes, os propagandistas oficiais pretendiam substituir o exotismo pela modernidade. (DINES, 2012, p. 560).

Nas cenas abaixo Sylvio Back representou em seu longa-metragem a indignação do escritor judeu e sua esposa logo após saírem de um almoço com Vargas (Imagens 4, 5, 6 e 7).

Figuras 4, 5, 6 e 7 – Sequência de cenas de Zweig e Lotte após almoçarem com Vargas na casa do então Presidente.



Fonte: Filme *Lost Zweig*, longa metragem do cineasta Sylvio Back, lançado em 2003.

A expectativa de negociação entre Zweig e Vargas foi frustrante para ambas as partes. Zweig se sentiu "usado" pelo governo e decidiu não escrever a biografia sobre Santos Dumont que Vargas tanto almejava para colocar o país em evidência. Em resposta, Vargas deixou à mostra toda sua indiferença em relação à situação delicada de perseguição e exílio que o judeu e sua esposa estavam sofrendo naquele período e não lhes deu o visto definitivo para permanecerem no Brasil. A partir de então, com a mídia noticiando que tropas nazistas estariam invadindo o país pelo mar, Zweig imaginou que o seu fim, e de todos os outros judeus que por ali se exilavam, estava perto e aconteceria da forma mais cruel possível. Se antecipou. Sua ansiedade e tristeza não lhe permitiu esperar. Aconteceu exatamente como ele mesmo já havia profetizado: "Os nazistas jamais me pegarão vivo." (ZWEIG, 1940, apud DINES, 2012, p.655).

4 STEFAN ZWEIG: ENTRE A LITERATURA E O CINEMA

A diáspora e o exílio vividos pelo judeu Stefan Zweig foram descritos nas mais de seiscentas páginas da biografia denominada *Morte no Paraíso* (1981), do jornalista e escritor brasileiro, Alberto Dines. A partir dessa biografia, a história dos últimos dias de vida de Zweig no Brasil também serviu de inspiração para a produção da obra cinematográfica *Lost Zweig* (2003), do diretor e cineasta brasileiro Sylvio Back.

Stefan Zweig, que foi também escritor de peças de teatro e novelas, algumas posteriormente, adaptadas para as telas do cinema, se torna nessa obra cinematográfica o personagem protagonista do enredo, que conta uma parte da própria história dele: a sua última semana de vida no Brasil.

Sylvio Back começou a pensar na possibilidade de produzir o longa-metragem *Lost Zweig* há aproximadamente dez anos antes do lançamento do mesmo, em parceria com Nicholas O'Neill, um produtor e roteirista irlandês. Nesse período adquiriu o direito de filmagem, já que a obra cinematográfica foi adaptada das duas primeiras edições da biografia *Morte no Paraíso,* de Alberto Dines.

Back também tinha uma relação pessoal com o tema suicídio e judaísmo, já que seus pais eram imigrantes, sua mãe alemã e seu pai um judeu húngaro que também se suicidou. Além disso, ele conviveu com muitos imigrantes e familiares de imigrantes. Como se não bastasse, coincidência ou não, Back colocou o nome de sua filha de Charlotthe, o mesmo nome da segunda esposa de Zweig.

Lost Zweig não foi a primeira produção do cineasta brasileiro envolvendo casos de exílio de judeus, nazismo e ditadura militar. Em 1976, Sylvio Back lançou a produção cinematográfica *Aleluia, Gretchen,* que traz um enredo voltado para um dos temas que, até hoje, é raro nos cinemas brasileiros: o nazismo no Brasil.

As filmagens de *Aleluia Gretchen* aconteceram entre Curitiba e Blumenau devido à arquitetura com traços europeus que estas cidades exibiam. O longa-metragem mostra a história de imigrantes alemães que, fugindo da Alemanha nazista, resolvem ficar no sul do

Brasil ao invés de seguirem para o Uruguai, Argentina ou Paraguai que, naquela época, eram os países que recebiam o maior número de imigrantes judeus na América do Sul (Imagem 8).

Figura 8 – Cena do filme Aleluia, Gretchen.

Fonte: Cartaz de lançamento do filme Aleluia, Gretchen, lançado em 1976, pelo cineasta Sylvio Back.

Essa produção cinematográfica foi criada em plena ditadura brasileira do governo Médici (1969-1974), retratando o exílio dos imigrantes europeus que habitavam o sul do Brasil. Contudo, naquele momento conturbado e de repressão em que viviam milhões de brasileiros também havia calorosas manifestações no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul em apologia ao nazismo. Vários alemães fiéis ao regime nazista vinham para o Brasil por ordens de Hitler para disseminar o terror, vigiando e perseguindo os judeus exilados, bem como os brasileiros que apoiavam o regime comunista, mostrando que a devoção de alguns alemães ao regime nazista definitivamente atravessava continentes:

> O fanatismo dos membros dos movimentos totalitários, cuja intensidade difere tão claramente da lealdade dos membros dos partidos comuns, resulta exatamente da falta de egoísmo interesseiro dos indivíduos que formam as massas e que estão perfeitamente dispostos a se sacrificarem pela ideia. Os nazistas demonstraram que se pode levar todo um povo à guerra com o lema "de outra forma pereceremos" [...] (HANNAH, 2013, p. 307).

Nesse período da Ditadura Militar e da montagem de *Aleluia Gretchen* Sylvio Back esteve no Sul do país buscando por fatos e acontecimentos que representassem o início do nazismo no Brasil. Back considera essa produção como uma forma de "acerto de contas às suas origens étnicas", sendo ele filho de mãe alemã e pai judeu húngaro, cuja família também

buscou exílio no Brasil. Foi uma produção de grande sucesso nacional e internacional contemplada com mais de 20 premiações cinematográficas, sendo vista pela imprensa como uma representação de momentos da Segunda Guerra Mundial, que foi um acontecimento histórico que também marcou intensamente a história do Brasil.

Posteriormente, em 1995, oito anos antes do lançamento do longa-metragem *Lost Zweig* no Brasil, Sylvio Back fez um documentário chamado *Zweig: A* M*orte em Cena,* considerado por ele próprio como um "ensaio geral" para a produção de *Lost Zweig*. O curta-metragem conta com o depoimento de pessoas que tiveram considerável relação com o próprio Zweig ou com fatos diretamente relacionados a ele, como Abrahão Koogan, Gerhard Metsch, Alberto Dines, Anibal Monteiro, Elias Davidovich, Samuel Malamud e Anita Malamud. Nessa produção, o renomado editor de diversos autores internacionais, Abrahão Koogan, fala a respeito de Zweig e declara que:

> Ele gostou muito do Brasil. Lourival Fontes deu-lhe todas as facilidades. Ele só aceitou as facilidades de comunicação. Não aceitou dinheiro nenhum e nem precisava. Eu acredito que naquele momento Zweig jamais escreveria um livro por dinheiro ou por interesse. A ótica dele sobre o país é uma ótica diferente[9].

No documentário em questão, o biógrafo de Zweig, Alberto Dines, relata que o livro de Zweig, *Brasil um país do futuro* (1941)*,* é um verdadeiro hino ao país e que em diversos momentos nas entrelinhas da narrativa é possível perceber que o escritor demonstrava certa convicção de que "o Brasil podia fazer a felicidade de milhões de refugiados". Em seu depoimento, Dines também deixa claro que Zweig não era a favor de nenhum nacionalismo, sobretudo o nacionalismo judeu e ele não acreditava que adotar uma postura nacionalista resolveria o problema dos judeus na Europa entre guerras.

Os diversos depoimentos dos entrevistados em *Zweig: A Morte em Cena,* juntamente com a seleção de imagens do Rio de Janeiro e de Petrópolis de1941-1942 fizeram com que esse curta-metragem, de Sylvio Back, se tornasse uma ponte para a introdução de Stefan Zweig nas telas dos cinemas, mas dessa vez como protagonista.

Lost Zweig é uma produção cinematográfica, de aproximadamente 113 minutos, que resume bem a experiência em terras brasileiras cheias de incertezas que Zweig viveu durante os seis meses que esteve exilado no Brasil. O enredo se inicia no domingo de carnaval de

---

[9] STEFAN Zweig (documentário de Sylvio Back, 1995). Canal Youtube. A Morte em Cena. <https://www.youtube.com/watch?v=NmACHd8yHjs>. Acesso em: 20 jan. 2016.

1942, quando Stefan Zweig juntamente com sua esposa Lotte vão descendo de Petrópolis para as praias do Rio de Janeiro para prestigiar o desfile de carnaval. Termina na segunda-feira da outra semana, quando ele e sua esposa, em um pacto sigiloso, decidem se suicidar na casa em que estavam morando em Petrópolis.

A produção em si tenta ir fundo na exploração do personagem, que era um judeu intensamente perturbado com a existência do nazifascismo que estava dominando a Europa naquele momento e, como imaginava Zweig, logo chegaria com força total ao Brasil. Além disso, a película traz ao público um Zweig perturbado com o "fantasma" ou memória afetiva da ex-mulher Friderike, que sempre surgia à sua frente e dialogava com ele, com a diferença de idade entre ele e a atual jovem esposa, Lotte, 27 anos mais nova que Zweig e com o controle indireto que sofria a cada passo seu por ter escrito e divulgado o livro *Brasil, um país do futuro*.

A obra que Zweig escreveu sobre o Brasil, em 1941, se tornou polêmica na época de seu lançamento. A população em geral, que já demonstrava certa insatisfação com o governo Vargas, começou a achar que Getúlio estava pagando Zweig para escrever um livro relatando apenas coisas boas sobre o país para camuflar a ditadura que estava acontecendo. Inclusive, o redator-chefe do prestigiado jornal *Correio da Manhã* (RJ) escreveu sucessivos depoimentos ultrajantes direcionados a Stefan Zweig, pois igual a tantas outras pessoas, ele acreditava que "o rico escritor vendera-se ao Estado Novo de Getúlio Vargas" (ZWEIG, 2013b, p. 8). Em sua última entrevista a um jornal brasileiro Zweig se manifestou em uma tentativa de defender o próprio nome: "Em quarenta anos de vida literária, me orgulho de nunca ter escrito um livro por outra razão que a da paixão artística, e jamais visando uma qualquer vantagem pessoal ou interesse econômico." (ZWEIG, 1941 apud DINES, 2012, p. 610).

Lost Zweig demonstra para o público, com grande destaque, a dor do exílio, deixando claro através do protagonista judeu que esta é uma dor que nunca se apaga. A introdução narrativa do longa-metragem é feita pelo próprio Zweig, que mais parecia ser um trecho de uma carta-testemunha. Nos minutos finais a produção deixa nas entrelinhas uma nuance de humor póstumo com a enunciação da morte de Zweig, ao som da ópera *O Guarani* (1870), no programa *Hora do Brasil*, criado pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) de Vargas, em 1938, e que posteriormente passou a se chamar *A Voz do Brasil*, e era exibido em todas as rádios do país naquela época. No início do pronunciamento o radialista, Luís Jatobá, observa que o ministro de Imprensa e Propaganda do governo de Getúlio Vargas,

Dr. Lauro Pontes, era “amigo pessoal” de Zweig e, por isso, representando o governo Vargas, prestava sua última homenagem ao ilustre escritor. Porém, ao longo da obra cinematográfica podemos perceber que Lauro Pontes e Zweig nunca foram amigos.

O caráter do personagem de Stefan Zweig – devidamente caracterizado e muito bem representado pelo ator alemão, Rudiger Vogler – é uma característica que também chama a atenção do público. O judeu representa a questão do exílio político, em sua constante fuga da mira dos nazistas. Também impressiona a natural atualidade com a qual ele se configura a partir de suas modernas e detalhadas criações literárias, seus gestos de preocupação com o próximo, seu pensamento humanista e seu comportamento pacifista, dentre outros aspectos considerados muito à frente de seu tempo. No documentário intitulado *Sylvio Back fala sobre Lost Zweig*, exibido no canal online *Youtube* Back declara que “fazer um filme hoje sobre esse personagem é como se a gente estivesse falando sobre todos os tempos e sobre todos os homens que alguma vez deram a sua vida pela liberdade de expressão, pela liberdade de ir e vir e pela liberdade religiosa[10].”.

O longa-metragem *Lost Zweig* foi inteiramente produzido no Brasil a partir de um orçamento estimado em R$5,5 milhões de reais. É uma mistura de drama-documentário, que conta com um elenco nacional e internacional, sendo totalmente filmado no idioma inglês. Foi lançado no Brasil no ano de 2003 e rendeu premiações em festivais, como o de Melhor Atriz para Ruth Rieser, que interpretou a personagem Lotte, Melhor Roteiro e Melhor Direção de Arte, no Festival de Brasília/2003; Melhor Fotografia, no Festival de Cinema de Cuiabá/2004; Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Fotografia e Melhor Trilha Sonora, no Cine-Ceará/2004.

A produção cinematográfica conta com a atuação de grandes artistas brasileiros em seu elenco, como Ana Carbatti (personagem Yollanda), Cláudia Netto (personagem Dorothea), Daniel Dantas (personagem Lauro Pontes), Denise Weinberg (personagem Friderike), Juan Alba (personagem Alberto D’Ávilla), Kiko Mascarenhas (personagem Sr. Jonas Faerman), Odilon Wagner (personagem Rabbi Sholem Pech), Renato Borghi (personagem Getúlio Vargas) e Thelmo Fernandes (personagem Orson Welles). Como protagonistas, as participações foram do alemão, Rudiger Vogler, interpretando Stefan Zweig e da austríaca, Ruth Rieser, interpretando Lotte, a segunda esposa de Zweig.

---

[10] SYLVIO Back fala sobre Lost Zweig. Canal Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EKwyE8A_7Zw>. Acesso em: 20 jan. 2016.

No vídeo intitulado *Cláudia Netto fala sobre o filme Lost Zweig,* também exibido no canal online *Youtube*, a referida atriz brasileira Cláudia Netto, que participou do filme *Lost Zweig* representando a personagem Dorothea, uma judia exilada no Brasil, declarou em entrevista que o filme a fez enxergar de forma mais crítica alguns fatos e acontecimentos ocorridos na Era Vargas. "Eu aprendi muito com esse filme, então eu acho que a plateia toda vai aprender[11].".

Ao longo da obra cinematográfica é possível percebermos que algumas cenas, principalmente as que Zweig aparece sozinho, possuem aspecto mais escuro ou mais triste, com uma iluminação mais fechada. Essa característica pode ser considerada uma representação do sofrimento e angústia vividos pelo protagonista. O mesmo aspecto de pouca iluminação na cena ocorre quando também aparece a personagem protagonista, Lotte, em seus momentos de angústia, de reflexão ou de crises de asma que ela sofria constantemente.

Essa questão da luminosidade das cenas está diretamente relacionada a uma das funções do cinema, que é moldar objetos, cenários e personagens a partir do contraste existente entre a luz e a sombra próprias da natureza. Contudo, a iluminação é direcionada de acordo com o efeito que o diretor pretende causar: cenas cujo foco é o sofrimento do personagem ou de reflexão e solidão são, geralmente, com baixa luminosidade; cenas cuja intenção é mostrar momentos ou situações de alegria e liberdade costumam apresentar mais clareza nas imagens.

Ao analisar uma obra cinematográfica é possível encontrarmos diversos elementos narrativos do cinema. Estes elementos caracterizam cada uma das cenas e o conjunto deles constitui as respectivas formas de cada uma das produções cinematográficas. Em *Lost Zweig* ocorre claramente a aparição de diversos destes elementos. Em uma das cenas finais, Stefan Zweig está isolado, vivendo o seu exílio no Brasil, em um canto escuro da casa de Petrópolis, jogando xadrez sozinho, como de costume. A cena foi filmada com baixa iluminação para melhor representar aquele canto singular do judeu, mostrando a questão da solidão do personagem, que jogava xadrez até sozinho. Na ocasião, para apresentar uma sensação psicológica de inferioridade do protagonista, a cena foi filmada por cima do personagem, chamada de ângulo zenital vertical, cuja câmera é colocada no alto do cenário apontando diretamente para baixo (Imagem 9). Podemos perceber que a cena com essa iluminação

[11] CLAUDIA Netto fala sobre o filme "Lost Zweig". Canal Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qTLKM7bwQdY>. Acesso em: 20 jan. 2016.

reforça a tristeza e solidão do protagonista em seu exílio no Brasil. De acordo com Gilles Deleuze:

> [...] o próprio conjunto fechado é um sistema ótico que remete a um ponto de vista sobre o conjunto das partes. Evidentemente, o ponto de vista pode ser ou parecer insólito, paradoxal: o cinema mostra pontos de vista extraordinários, rente ao chão, de cima para baixo, de baixo para cima, etc. (DELEUZE, 1983, p. 25).

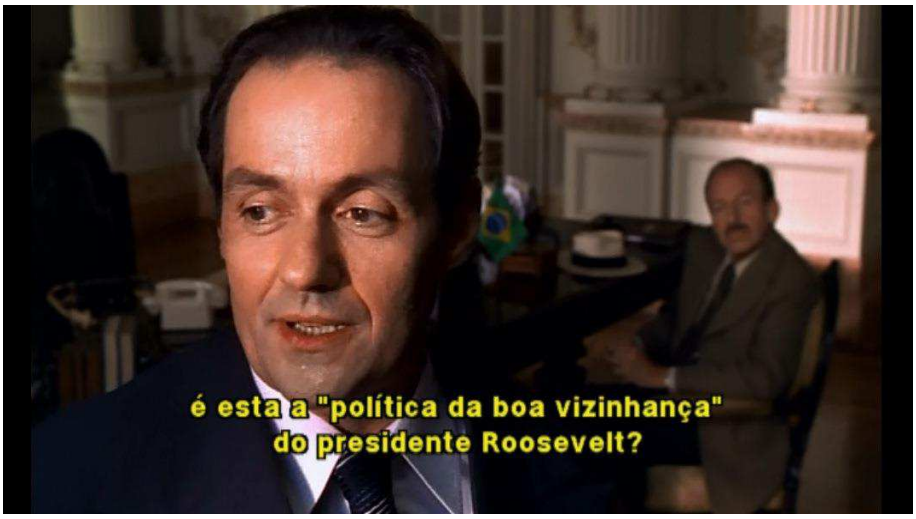
Figura 9 – Cena do filme *Lost Zweig*. Zweig jogando xadrez sozinho.

Fonte: Filme *Lost Zweig*, longa metragem do cineasta Sylvio Back, lançado em 2003.

Outra cena em que o público pode observar claramente mais um dos elementos narrativos do cinema ocorre aproximadamente aos vinte e sete minutos de filme, no momento em que o ministro de imprensa e propaganda do governo Getúlio Vargas, Dr. Lauro Pontes, tenta convencer Zweig a "editar" o conteúdo do seu livro *Brasil, um país do futuro,* prestes a ser publicado no país, só com informações favoráveis ao Brasil e ao Governo Vargas. Nesta cena, Zweig fica desfocado e o personagem de Lauro Pontes aparece em Primeiro Plano, em um ângulo mais fechado posicionado em evidência (Imagem 10).

Na cena, o efeito a ser causado é uma sensação psicológica do poder de ameaça do personagem que está em evidência. Deleuze (1988, p. 28) explica que "Um sistema fechado nunca é absolutamente fechado; mas, por um lado, ele é ligado no espaço a outros sistemas por um fio mais ou menos "tênue", e por outro é integrado ou reintegrado a um todo que lhe transmite uma duração ao longo desse fio.". Portanto, na cena a seguir, temos a representação da imagem fechada no personagem Lauro Pontes, mas que não o isola completamente do todo, que é o cenário completo da cena:

Figura 10 – Cena do filme *Lost Zweig*. Personagem Lauro Pontes.



Fonte: Filme *Lost Zweig*, longa metragem do cineasta Sylvio Back, lançado em 2003.

Em março de 2015, o diretor de *Lost Zweig*, Sylvio Back, deu uma entrevista ao site do jornal *Correio Braziliense* explicando o que lhe motivou a transformar Stefan Zweig em um personagem dos cinemas:

> Os filmes biográficos hoje – sejam de músicos, escritores ou políticos – não têm o contraditório. É como se aquelas pessoas fossem santas em sua vida pessoal, em sua trajetória literária, poética ou musical. São pessoas acima do bem e do mal, e isso é o fim da picada. Eu procurei fugir disso porque isso acaba corroendo moralmente o personagem. Quanto mais você mostrar o caleidoscópio que é a vida, maior fica o personagem. Zweig tem toda essa complexidade. A bissexualidade que nunca foi explicita, mas aparecia em gestos, em atitudes, diluída em alguns personagens de sua obra. E como escritor ele era um homem muito curioso. Frequentava altas rodas, sabia cinco ou seis línguas. Era um homem cosmopolita, conhecia a América Latina e a Europa toda. Um dos maiores intelectuais dos anos 1920 e 1930. Como se diz, Zweig estava à frente de seu tempo. Quando ele se matou, o próprio Thomas Mann criticou o gesto dele como se fosse uma covardia, mas foi um gesto de resistência, de protesto contra o que estava acontecendo[12].

Observamos, portanto, com essa fala do diretor, a complexidade de trabalhar no cinema biografias de personalidades renomadas, como era o caso de Zweig, e que além de ser um intelectual cosmopolita o diretor teve ainda que lidar com a difícil e polêmica questão da possível bissexualidade do protagonista.

[12] LIVROS e filmes mantêm viva a obra do escritor Stefan Zweig. Correio Braziliense. Diversão e Arte. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/03/11/interna_diversao_arte,474872/livros-e-filmes-mantem-viva-a-obra-do-escritor-stefan-zweig.shtml>. Acesso em: 03 jan. 2016.

Entretanto, o biógrafo de Zweig, Alberto Dines, demonstra uma visão crítica acerca dos "modismos" trazidos nas biografias contemporâneas, de terem necessariamente que falar sobre a sexualidade do biografado:

> As recentes insinuações sobre uma possível bissexualidade, além de irrelevantes na qualificação do personagem e da obra, fazem parte do modismo das biografias literárias que só autentica aquelas que contêm revelações sobre as inclinações sexuais dos autores. Apesar da novela *Confusões de sentimentos* e da perturbação causada pela pergunta de Sergei Eisenstein a respeito da fonte inspiradora, Zweig registrou nas memórias fortes críticas à devassidão sexual que imperava na Alemanha pré-hitlerista. [...]. (DINES, 2012, p. 666).

Sylvio Back já emitiu opiniões em algumas entrevistas atribuindo o sucesso de várias obras de Zweig nas telas do cinema ao apurado dom literário do escritor para criar personagens que se encaixam perfeitamente em uma cena cinematográfica. Ele fazia uso de uma riqueza de detalhes para dar destaque ao que escrevia deixando o leitor envolvido psicologicamente com os personagens. Além disso, em suas obras Zweig sempre trazia os perdedores e as figuras históricas traçando um paralelo com o seu moderno lado intelectual.

Um exemplo é o protagonista da novela *24 horas na vida de uma mulher* (1935), em que o jovem polonês, amor platônico da senhora Mrs. C., é um jogador compulsivo, cuja fixação pelos jogos o leva a perder toda a sua riqueza material e, em consequência do vicio, também o afasta das pessoas. O personagem, quando ainda estava vivendo os seus vinte e poucos anos, já apresentava ideias suicidas, dificuldades em lidar com a perda nos jogos e uma melancolia visível que, às vezes, o fazia pensar que a melhor solução para se livrar dessa pressão de viver perdendo era mesmo a morte. Anos mais tarde, o jogador se mata utilizando uma arma de fogo.

O diretor de *Lost Zweig*, que já produziu mais de 35 filmes, costuma chamar de "docudrama" a maioria das obras cinematográficas que produz, sendo elas uma forma de antidocumentário, mas que entrelaça ficção e documentário, onde cada um dos dois respectivos formatos completa o outro. Back acredita que esse formato de "docudrama" permite o cineasta ir mais a fundo na percepção da realidade da história, e isso rende a ele e as suas produções o título de polêmicos.

A estrutura cinematográfica, o roteiro e principalmente o enredo da forma como foi abordado em *Lost Zweig* demonstram exatamente a maneira como Sylvio Back gosta de

dirigir as suas produções e destacar os dramas dos personagens, como ele mesmo declara em uma entrevista ao site do jornal catarinense *A notícia*:

> Gosto de resgatar a dignidade perdida do homem, sua grandeza sempre surrupiada pelo poder das instituições, pelo Estado, ou quando se esquecem de sua obra, de seu risco espiritual. Detesto a visão unívoca de homens e fatos. Estou sempre em busca do seu avesso. Invisto na história dos que não estão na história, são rechaçados dela[13].

Sylvio Back apresentou desta forma a imagem de Zweig nas telas do cinema, trazendo ao público a questão da imigração de Zweig da Europa para outros continentes devido às perseguições antissemitas na Europa, o poder do Estado em aceitar ou não que esses imigrantes se refugiassem em diversos países, o exílio no Brasil e, sobretudo, a questão do "avesso" de Zweig, quando Back traz à tona a possibilidade de uma bissexualidade do escritor judeu.

A Literatura e o Cinema constituem dois campos de diferentes signos, porém ambas podem se complementar a partir da visibilidade que conseguimos obter em vários textos literários permitindo, assim, que estes sejam transformados em obras cinematográficas. Nessa perspectiva é possível percebermos que a Literatura exerce grande influência sobre a criação de diversificados signos e, no caso das produções cinematográficas, ela ainda possibilita ao produtor inserir na obra seus valores particulares, culturais e políticos. Entretanto, a linguagem padrão destes diferentes signos deve ser mantida de acordo com os valores individuais de cada um dos campos. Contudo, podemos dizer que há uma interação entre mídias, a qual permite adequações, interpretações e reelaboração de sentido que possibilitam essa transformação da Literatura em Cinema.

Podemos dizer que no caso de *Morte no Paraíso* (Biografia) e *Lost Zweig* (Produção cinematográfica) as adequações e diferentes interpretações ocorreram na tentativa de "modernizar" a obra literária, publicada pela primeira vez em 1981, para aproximar o enredo do público dos cinemas, já no ano de 2003.

A primeira edição de *Morte no Paraíso* foi lançada em 1981, e por se tratar de uma obra que requer minuciosa coleta de dados, imagens, depoimentos, documentos, dentre outros, podemos imaginar que ela tenha começado a ser elaborada na época do auge da ditadura militar brasileira, que ocorreu entre os anos de 1964 à 1985, e talvez devido à

---

[13] "OS MEUS SONHOS, eu os agarro com os dentes". A Notícia. Disponível em: <http://www1.an.com.br/grande/back/0gra1.htm>. Acesso em: 03 jan. 2016.

censura da época não se preocupou em investigar e trazer em suas páginas informações polêmicas, como a questão da bissexualidade de Zweig, como bem aponta Vilas-Boas: “Biografias revelam tanto quanto ocultam.”. (VILAS-BOAS, 2014, p.159).

Várias vezes ao longo desta pesquisa foi citado que *Lost Zweig* é uma produção cinematográfica adaptada da obra literária *Morte no Paraíso*. Entretanto, é preciso reforçar ao leitor que ao longo do processo de adaptação muitos fatos são levados em conta. As informações contidas em *Morte no Paraíso* não foram alteradas no longa-metragem. O cineasta apenas optou por acrescentar alguns fatos, como a cena que gera no público a impressão de um Zweig levemente atraído por outro homem, o momento do provável encontro do escritor judeu e o cineasta americano, Orson Welles, e a visita de Zweig e Lotte a um terreiro da religião Umbanda. Esses fatos causaram polêmica acerca da fidelidade da obra cinematográfica à história real dos últimos dias de vida de Stefan Zweig.

Contudo, é importante entendermos que *Lost Zweig* é uma produção com possibilidades de adaptações biográficas, tanto pelo meio de veiculação da obra, que é o cinema, quanto pela época de sua produção e lançamento pós-ditadura militar. Assim, o cineasta encontrou mais liberdade para adaptar o enredo e sugerir fatos polêmicos, como essa questão da possível bissexualidade de Zweig. Entretanto, em um diálogo com Sérgio Vilas-Boas, Dines demonstra certa indignação por essa opção muito utilizada no biografismo contemporâneo de sempre querer polemizar e dar enfoque à vida sexual do biografado:

> [...] Hoje em dia, se você não se preocupar com a vida sexual de sua “celebridade”, você está falhando. Isso virou uma exigência. Silvio Bach fez um documentário sobre o Zweig baseado em meu livro e insinuou que ele era bissexual, sem que eu tenha dedicado uma linha sequer a esse assunto, simplesmente porque não localizei nenhuma evidência concreta, confiável a respeito. Tornou-se obrigatório hoje em dia classificar as pessoas conforme suas escolhas sexuais. O biografismo moderno exige que se enquadre o personagem num gênero: machão, hetero, bi, gay, sei lá. Uma coisa ridícula... (DINES, apud, VILAS-BOAS, 2014, p.141).

O Cinema teve grande influencia no imaginário em geral da população no século XX. Foi uma grande criação de origem Ocidental que surgiu em 1895, ainda em preto e branco e também sem som (cinema mudo), a partir da criatividade dos irmãos Lumière e, desde então, se tornou um grande meio de entretenimento e de divulgação das diversas culturas do mundo, sendo a invenção de maior destaque da modernidade. Definitivamente, o surgimento do Cinema foi um acontecimento quase que fantástico e sem precedentes. Alguns pesquisadores relatam que logo no início as pessoas assistiam às cenas com seus olhos curiosos e compenetrados na atração em busca de algum truque, alguma mágica. Aos poucos foram

entendendo como se dava o andamento daquela novidade e de como as imagens se passavam diante de seus olhos, mas eram impossíveis de serem tocadas.

Em 1930 começaram a surgir as primeiras versões cinematográficas contendo a fala dos personagens trazendo ao público mais intimidade, mais diálogos, mais inteiração entre os atores em cena. A troca de olhares seguida de sussurros também agregou mais sensibilidade às cenas. Posteriormente, a beleza das cores se instalou nas imagens e foi dando mais vida aos personagens. A industrialização crescia cada vez mais e, consequentemente, abria espaço para novas invenções e outras artes. Assim, o Cinema foi se desenvolvendo a partir da mistura da literatura, do teatro, das pinturas, das fotografias entrelaçado com o progresso técnico que caminhava paralelo ao desenvolvimento industrial que acontecia naquele momento histórico.

Na condição de ferramenta tecnológica para a representação, o Cinema exerce a incrível função de ampliar e entrelaçar espaços e tempos bastante diferentes. Por exemplo, um filme de ação é desenvolvido partindo de uma diversidade de lugares e transcreve outra dimensão de tempo e espaço e, além disso, é exibido em outra forma de tempo e espaço, que pode ser a sala de casa, uma sala de aula ou a própria sala de cinema. Outro aspecto relevante em relação à temporalidade é o ligamento textual que ocorre entre som e imagem numa produção cinematográfica, que demonstra que cada um destes recursos dispõe de duas formas temporais. Contudo, estas formas temporais, reciprocamente, causam alterações uma à outra de uma maneira comparativa.

> [...] - a utilização normal da palavra permite suprimir a praga do cinema mudo que eram as legendas – ela liberta, de certo modo, a imagem da sua função explicativa e permite-lhe consagrar-se à sua função expressiva, tornando inútil a representação visual das coisas que podem ser ditas, ou melhor, evocadas – finalmente, a voz fora de campo abre ao cinema o rico domínio da psicologia em profundidade, tornando possível a exteriorização dos pensamentos mais íntimos (monólogo interior). (MARTIN, 2005, p. 71).

Assim, tendo o diálogo e a imagem trabalhando já em conjunto, no século XX várias produções cinematográficas tiveram como enredo obras já consagradas na literatura brasileira, como *Memórias póstumas de Brás Cubas* (2001), do produtor André Klotzel, baseado na obra de Machado de Assis; *Lavoura Arcaica* (2001), dirigida por Luiz Fernando Carvalho, a partir do livro original de Raduan Nassar; *Macunaíma* (1969), do diretor Joaquim Pedro de Andrade, baseado na obra de Mário de Andrade e Cidade de Deus (2002), do diretor Fernando Meirelles, inspirado no livro homônimo de Paulo Lins. Em todas essas obras os diretores

tinham uma das seguintes intenções: promover uma aproximação, equivalência, tradução, diálogo, correspondência ou uma adaptação da obra literária à cinematográfica.

Ao analisarmos um texto literário percebemos que este estabelece uma ligação com o leitor de forma individual e tem disponível como recurso a linguagem e não a imagem. Já as produções cinematográficas são exclusivamente desenvolvidas para exibições de imagens, principalmente em ambientes escuros, cuja intenção é alcançar um perfil específico de público. Porém, é importante entendermos que as diferenças existentes entre Cinema e Literatura não se limitam propriamente na linguagem visual e escrita, respectivamente, mas está relacionado com tudo o que for particular de cada uma delas. Também acontece de a relação entre a Literatura e o Cinema gerar a percepção de subserviente e parasitária, respectivamente, principalmente pelo fato de as obras cinematográficas serem elaboradas a partir de obras escritas. Porém, hoje em dia, esta relação já é considerada como dialógica e intertextual.

Diante de tantos fatos é possível percebermos como o Cinema conseguiu inventar uma linguagem inédita a qual, desde o início, o público era incapaz de interpretar e compreender facilmente. Essa nova linguagem se configurou no momento em que os produtores cinematográficos começaram a dividir o filme em cenas caminhando para o processo de montagem e de edição. Surgia ali uma nova versão de linguagem nunca antes apresentada por nenhum outro veículo de comunicação. Para o diretor Jean-Claude Carrière:

> Mas ele se formou, antes de mais nada, a partir de si mesmo. Inventou a si mesmo e imediatamente se copiou, se reinventou e assim por diante. Inventou até mesmo funções ainda desconhecidas: operador de câmera, diretor, montador, engenheiro de som; todos, gradualmente, desenvolveram e aperfeiçoaram seus instrumentos de trabalho. E foi através da repetição de formas, do contato cotidiano com todos os tipos de plateias, que a linguagem tomou forma e se expandiu, com cada grande cineasta enriquecendo, de seu próprio jeito, o vasto e invisível dicionário que hoje todos nós consultamos. Uma linguagem que continua em mutação, semana a semana, dia a dia, como reflexo veloz dessas relações que constituem o singular tecido conjuntivo das sociedades humanas. (CARRIÈRE, 2014, p. 21).

Assim, percebemos que realmente a realização do cinema é uma difícil arte em que o diretor deve estar sempre atento a esse jogo de mudanças que ocorrem no dia a dia das produções cinematográficas.

As adaptações se tornaram peças-chave na cultura ocidental, onde uma arte sempre deriva de outra arte e uma história sempre surge a partir de outra história. Hoje em dia, não é difícil percebermos à nossa volta uma série de adaptações existentes nas telas do cinema e da

televisão, nos jogos de videogames, nos palcos do teatro, nos parques temáticos, nas histórias em quadrinhos e na internet. Contudo, podemos dizer que as adaptações são como uma espécie de companhia umas às outras. Shakespeare, por exemplo, passou para os palcos do teatro um pouco da história de sua cultura, e que era divulgada incialmente em obras escritas. Assim, essas obras atingiam dois perfis muito diferentes de público.

Um fato discutido constantemente no processo de adaptação é a questão da fidelidade ao texto original. Geralmente, o público leitor questiona determinados fatos narrados na obra original ausentes nas obras cinematográficas. Mas, o contrário também acontece, quando se coloca na obra cinematográfica algum fato, personagem ou elemento inexistente na obra original. Contudo, é preciso entender que a obra literária e a obra cinematográfica representam dois extremos, numa escala que permite ao cineasta realizar alguns ajustes de conteúdo para melhor adaptar o enredo original às cenas, ao tempo e ao público do momento.

O processo de adaptação não é uma cópia fiel do texto escrito, podendo ter inserção de novas informações fictícias ou não, atualização do contexto histórico da obra para se adaptar ao formato de película, corte de cenas que se tornariam extremamente extensas e, portanto, fora dos padrões cinematográficos se traduzidas integralmente, dentre outros elementos que constituem o processo de adaptação. Assim, as adaptações podem resultar em um conflito em relação aos diferentes perfis de públicos, pois a Literatura permite ao leitor imaginar por conta própria cenas acerca da leitura realizada, enquanto que o Cinema coloca o público diante de cenas já pré-estabelecidas eliminando, de certa forma, a possibilidade da imaginação.

A Literatura em si sustenta certa superioridade em relação aos diversos tipos existentes de adaptação, já que ela ocupa na história uma posição cronológica bem mais antiga. Porém, as adaptações não devem ser inferiorizadas pela justificativa de nem sempre terem o conteúdo adaptado fiel à obra fonte. É interessante observarmos que as adaptações vêm ocupando uma importante posição no mercado televisivo, como, por exemplo, no formato de minisséries, e grande porcentagem dos filmes indicados ao Oscar também são frutos de adaptações. O foco da adaptação cinematográfica é transmitir o seu conteúdo a partir de mais imagens e menos palavras:

> Pode-se muito bem dizer que, enquanto o filme é capaz de expressar uma diversidade de informações através das imagens, as palavras podem somente buscar uma aproximação - e talvez isso seja verdade -, porém a aproximação é valiosa em si mesma, pois traz consigo a marca do autor. (HUTCHEON, 2011, p.21).

Um aspecto relevante que caracteriza uma adaptação cinematográfica, mas que não é uma regra, é o fato de o filme apresentar o mesmo nome que o texto original. De uma forma mais estilística, a adaptação cinematográfica é um processo pelo qual determinada obra (seja ela literária, televisiva, radiofônica, dentre outras) tem seus principais elementos transferidos para uma narrativa cinematográfica. Nesse processo deve ser considerada a tentativa de fidelizar a adaptação ao texto original ou a recriação de determinados elementos em diversos contextos, que podem envolver também influencias de diferentes pontos de vista narrativos e ideológicos. Partindo da teoria da adaptação, Robert Stam ressalta:

> A teoria da adaptação é o que a translinguística bakhtiniana chamaria de "enunciado historicamente situado". E, da mesma forma que não se pode separar a história da teoria da adaptação da história das artes e do discurso artístico, tampouco pode-se separá-la da história *tout court,* definida por Jameson como "aquilo que dói", mas também como aquilo que inspira. (STAM, 2006, p. 36).

Alguns elementos da literatura não podem ser transferidos para o cinema. Esses elementos exercem funções integracionais - como elementos de origens diversas, que têm alguma ligação com a atmosfera, os de natureza sentimental e os que caracterizam os personagens - e possuem a necessidade de serem ajustados ao novo formato a partir das três classificações estratégicas narrativas: a *mise-en-scene* (tudo aquilo que aparece diante das câmeras), a edição e a trilha sonora.

A análise de uma adaptação cinematográfica deve considerar a premissa de que as obras cinematográfica e literária a serem relacionadas constituem “dois extremos de um processo que comporta alterações de sentido em função do fator tempo, a par de tudo o mais que, em princípio, distingue as imagens, as trilhas sonoras e as encenações da palavra escrita e do silêncio da leitura.” (XAVIER, 2003, p. 61.).

A ideia de fidelidade estilística da obra cinematográfica em relação à obra literária que se adapta apresenta uma tendência em criar uma forma de excelência no que diz respeito às obras, definindo um valor inicial ao texto original, que seja importante o filme resgatar e ajustar a seus respectivos códigos representativos. Essa padronização da fidelidade ganhou destaque, pois, como ressalta Stam (2006, p. 20), “(a) algumas adaptações, de fato, não conseguem captar o que mais apreciamos nos romances fontes; (b) algumas adaptações são, realmente, melhores do que outras; e (c) algumas adaptações perdem pelo menos algumas das características manifestas em suas fontes”.

Apesar de ser adaptado de uma obra biográfica, o longa-metragem *Lost Zweig* exibiu alguns acréscimos no enredo que valorizaram mais ainda o momento vivido por Zweig no período de seu exílio no Brasil, sobretudo no carnaval de 1942. A começar pela própria mudança de título de uma obra para a outra "*Lost Zweig* (*Zweig perdido)*", que faz uma referência direta à condição psicológica na qual o escritor se encontrava. Outro destaque logo no início foi a cena em que Zweig e sua esposa Lotte descem para assistir o desfile de carnaval no Rio de Janeiro, que acontecia na praia, e no meio da festança de carnaval houve um encontro inusitado entre a pessoa ilustre de Zweig e o cineasta norte-americano, Orson Welles. O americano filmava todo o desfile de carnaval para posteriormente realizar em seu país o documentário, que ele não finalizou, denominado *It's All True,* que falava sobre o Brasil, embora sua real intenção fosse filmar as favelas, os nativos e as possíveis mazelas da sociedade brasileira. Sylvio Back acredita, inclusive, que o documentário do americano foi, na verdade, desenvolvido baseado no livro de Zweig, *Brasil, um país do futuro.*

Na realidade, o encontro inusitado entre Zweig e o cineasta americano nunca aconteceu. Welles realmente estava filmando o carnaval de 1942, mas o encontro entre eles foi apenas uma adaptação que Sylvio Back decidiu fazer no enredo desta história, com o provável intuito de evidenciar mais ainda o reconhecimento internacional que Zweig tinha, independente do país que estivesse e também para mostrar a imagem negativa e de inferioridade que os americanos tinham em relação ao Brasil. Essa verossimilhança no enredo é um aspecto que alguns leitores chamam de "infidelidade ao texto original". Entretanto, os ajustes, inserções e cortes de informações nas adaptações cinematográficas são característicos deste próprio modelo de produção e, assim, devem ser visto pelo público como uma adaptação que busca aplicar e ajustar da melhor forma a obra literária à obra cinematográfica e, portanto, não deve ser classificado como uma "tradução infiel" do texto original. Contudo, é importante compreender que uma adaptação pode apresentar modificações mais ousadas ou que provoque mais interação com o público, mas é imprescindível que ela apresente em sua maior parte aspectos que a mantenha ligada ao texto original.

Vários questionamentos são feitos em relação à fidelidade da obra cinematográfica à obra literária, porém podemos repensar até mesmo se a própria obra escrita é correspondente à verdadeira história. No caso das biografias, como *Morte no Paraíso*, que garantias totais de lealdade o público leitor pode ter dos fatos apresentados? Estamos trabalhando aqui com a informação de que Dines recebeu diversas contribuições em arquivos, documentos,

fotografias, cartas, depoimentos de diversas pessoas ligadas à Zweig, desde a produção da primeira edição da Biografia. Então, é possível que em alguns momentos o próprio biógrafo possa ter manipulado informações por achar que daria mais emoção às mais de seiscentas páginas da biografia. Portanto, independente de serem escritos por historiadores, jornalistas ou admiradores, os textos biográficos frequentemente são manipulados conforme o interesse e envolvimento de seus biógrafos, como ressalta Sérgio Vilas-Boas:

> Como na escrita da História, que é uma resposta provisória sobre o passado, a escrita biográfica também transporta a carga de seu autor, suas impressões pessoais, sua formação, sua história de vida, seus compromissos com a sociedade que o formou e consigo – o mesmo amplo conjunto de valores, aliás, que constituem o biografado, evidentemente. (VILAS-BOAS, 2014, p.153).

As narrativas biográficas contemporâneas, também chamadas de "novo biografismo", buscam apresentar ao público uma "verdade absoluta definitiva" sobre a vida do biografado. É como se toda a vida do personagem se resumisse em algumas páginas e nada mais além daquilo. Porém, não existem biografias definitivas, nada é definitivo quando se trata de uma história que só pôde ser contada a partir de contribuições alheias, pois a qualquer nova foto, arquivo, depoimento, contribuição que surgir mudará os rumos da história e, por isso, a biografia não deve ser considerada uma obra definitiva.

Acerca dessa impossibilidade de classificarmos uma biografia como definitiva, no final do ano de 2016, mais precisamente no dia 27 de dezembro, o jornal brasileiro *Folha de S.Paulo* veiculou uma matéria sobre o surgimento de cartas inéditas de Stefan Zweig para Hans Rosenkranz, um jovem escritor judeu austríaco que lia e correspondia as cartas de Zweig, em quem se inspirava. As correspondências entre Zweig e Rosenkranz começaram em 1921, quando o escritor iniciante tinha apenas 16 anos e Zweig já completava quatro décadas de vida, e a troca de cartas durou cerca de 12 anos. Ficaram guardadas desde 1979 em um cofre de banco, sob a guarda de Hannah Jacobson, que é filha da esposa de Rosenkranz, e só agora ela resolveu doar à Biblioteca Nacional e deu uma entrevista à *Folha de S.Paulo.*

As cartas inéditas mostram alguns posicionamentos de Zweig, que ele não discutia publicamente, sobre o sionismo do final do século XIX, o judaísmo e fazem algumas revelações sobre os aconselhamentos que Zweig dava ao jovem Rosenkranz, que lhe contou em carta que pretendia se mudar para a Palestina, como mostra esse trecho extraído da página do jornal online da *Folha de S.Paulo*: "Se você quiser fazê-lo (imigrar para a Palestina) com toda a sua força, com toda a sua fé, tudo bem. Mas vá para lá somente se você acreditar, não

por desgosto desse mundo alemão ou devido à procura amargurada de um caminho para escapar." [14]. Essa descoberta tão recente, que acabou de "sair do forno" só reforça o fato já discutido aqui de que as biografias não devem jamais ser consideradas como algo definitivo, conclusivo, verdade absoluta. Sempre há a possibilidade de um novo dado, um novo fato, uma nova declaração que pode de alguma forma alterar os rumos da história daquele personagem.

Um pouco diferente da interpretação feita por Dines na narrativa apresentada em *Morte no Paraíso*, o longa-metragem não demonstrou muito do apreço de Zweig pelo Brasil e nem à imagem do país de 1942. Foram poucas as cenas em que o país apareceu na película, sobretudo, o Rio de Janeiro, e ainda assim, não foi exibido um cenário que mostrasse os problemas sociais e a população em geral, enfim, o Brasil como ele realmente era. A pouca divulgação da estrutura física e política daquela época faz o público realmente acreditar que o Brasil era um país do futuro. Assim, podemos considerar três diferentes influencias no desenvolvimento da imagem de Zweig: a interpretação pessoal do biógrafo para escrever a biografia, em seguida a interpretação pessoal do cineasta para produzir o longa-metragem e, logo, a interpretação do leitor ao analisar as duas obras sobre o mesmo objeto, mas com diferentes nuances interpretativas.

Por se tratar de uma adaptação, *Lost Zweig* sugeriu ao público, nas entrelinhas das cenas, uma série de possibilidades acerca da misteriosa morte de Zweig e sua esposa Lotte. Desde as diversas conversas com conflito de interesses do escritor judeu com Lauro Pontes e Vargas às declarações que Zweig mesmo deixou em cartas antes de se suicidar. A produção cinematográfica deixou no ar algumas interrogações a serem interpretadas individualmente pelo próprio público, como na cena do velório de Zweig e Lotte quando Alberto D'Ávila conversa com o casal de judeus amigos de Zweig, Hubert e Dorothea, também exilados no Brasil, sobre como se deu a morte de Zweig e Lotte. A partir das informações divulgadas na imprensa, todos acreditaram que ambos tomaram raticida para se suicidarem. Porém, Vargas proibiu que se fizesse autópsia nos corpos, alegando que esta decisão era em respeito à privacidade do casal.

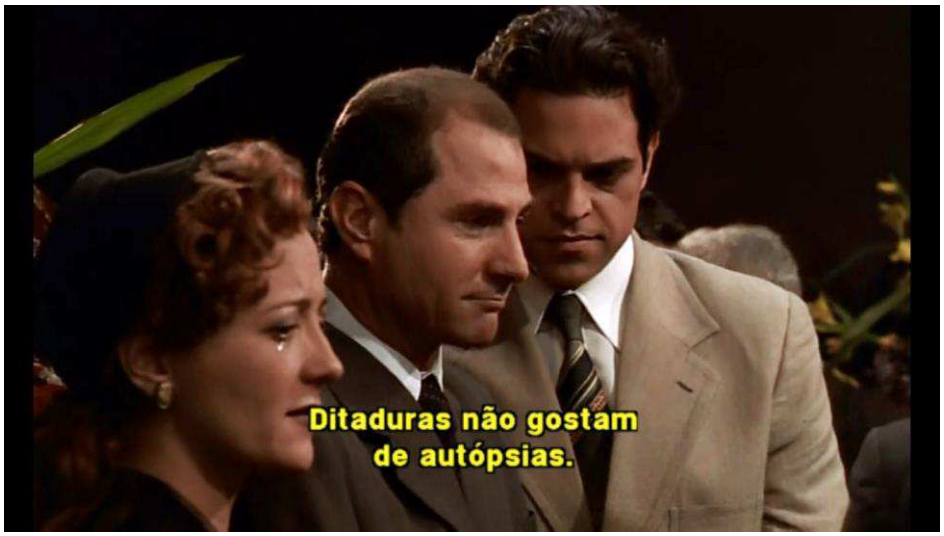
O desfecho da cena é com Alberto D'Ávila afirmando que "Ditaduras não gostam de autópsias". (Imagem 11). A partir dessa afirmativa surgem algumas dúvidas a serem

---

[14] KRESCH, Daniela. Stefan Zweig orienta jovem sobre sionismo em correspondência inédita. *Jornal Online Folha de São Paulo*. Ilustrada. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/12/1844799-stefan-zweig-orienta-jovem-sobre-sionismo-em-correspondencia-inedita.shtml>. Acesso em: 11 jan. 2017.

interpretadas pelo público: Por que Ditaduras não gostam de autópsias? Por que o governo Vargas não autorizou realmente que fosse feito a autópsia nos corpos, ainda mais se tratando de um casal judeu, cujo um dos membros era um renomado escritor conhecido internacionalmente? Teria ocorrido ali um suicídio coletivo ou uma emboscada nazista? Será que houve omissão da parte de Getúlio Vargas na busca de explicações para o ocorrido? Enfim, essa é apenas uma das lacunas interpretativas que esta produção cinematográfica deixa nas entrelinhas para a sua plateia.

Figura 11 – Cena do filme *Lost Zweig*. Personagem Alberto D'Ávila.



Fonte: Filme *Lost Zweig*, longa-metragem do cineasta Sylvio Back, lançado em 2003.

Em *Morte no Paraíso* o biógrafo foi enfático ao afirmar que "Ditaduras abominam autópsias. Também os suicídios." (DINES, 2012, p.589) e relatar algumas possíveis substâncias que poderiam ter sido utilizadas por Zweig e Lotte para se matarem. Naquele período, Zweig estava vivendo à base de soníferos e calmantes, cuja compra não tinha uma fiscalização muito rígida. Lotte vivia frequentando médicos e fazendo uso de fortes medicamentos para controle do seu problema crônico de asma que, inclusive, vinha lhe causando uma aparência cadavérica.

Dines também destaca uma informação dos investigadores da época, que não se fez relevante logo após o suicídio, mas sim quarenta anos depois, que Zweig afirmava carregar consigo, desde 1940, quando a França começou a ser invadida pelos nazistas, um frasco de morfina que poderia estar bem guardado e apenas a quantidade necessária para o suicídio de ambos armazenada dentro de uma insignificante caixinha de fósforos encontrada no local. Talvez a parte mais interessante e que possa gerar algumas reflexões acerca do por que essa

informação só foi divulgada à imprensa tantas décadas após sua morte: “Ninguém estava interessado em descobrir a droga letal, junto poderiam aflorar outros mistérios.” (DINES, 2012, p.589).

É importante que o leitor tenha em mente que uma adaptação cinematográfica não é igual à obra escrita, até mesmo porque os próprios meios de veiculação das obras são diferentes e, portanto, a obra cinematográfica tem sua originalidade e seus elementos próprios. Dentro das perspectivas da “fidelidade” Stam traz uma explicação:

> Se "fidelidade" é um tropo inadequado, quais os tropos seriam mais adequados? A teoria da adaptação dispõe de um rico universo de termos e tropos - tradução, realização, leitura, crítica, dialogização, canibalização, transmutação, transfiguração, encarnação, transmogrifícação, transcodificação, desempenho, significação, reescrita, *detoumement* - que trazem à luz uma diferente dimensão de adaptação. O tropo da adaptação como uma "leitura" do romance-fonte, inevitavelmente parcial, pessoal, conjuntural, por exemplo, sugere que, da mesma forma que qualquer texto literário pode gerar uma infinidade de leituras, assim também qualquer romance pode gerar uma série de adaptações. Dessa forma, uma adaptação não é tanto a ressuscitação de uma palavra original, mas uma volta num processo dialógico em andamento. O dialogismo intertextual, portanto, auxilia-nos a transcender as aporias da "fidelidade". (STAM, 2006, p. 21).

Em síntese, é importante ficar claro para o público da obra original e o da obra adaptada que a questão da fidelidade é apenas um ponto de vista. Um leitor, por exemplo, pode ter determinada interpretação de uma cena narrada na obra escrita, mas essa mesma cena representada na obra cinematográfica pode gerar outra interpretação ao público desta. Com isso, percebemos a ausência da fidelidade até mesmo na interpretação de ambas as cenas que, em um primeiro momento, foram classificadas como “cenas fiéis”.

As adaptações cinematográficas também sofrem influências das questões relacionadas ao gênero e as intertextualidades trazidas nas teorias da adaptação. Assim, partindo dessas teorias, as produções são classificadas em tipos, alguns hereditários da literatura, como comédia, drama, tragédia e outros que são mais bem representados no formato cinematográfico, denotando características mais visuais, como os desenhos animados, ações e ficções. O trabalho artístico da adaptação cinematográfica, portanto, se pauta principalmente na escolha dos gêneros que melhor se encaixam na respectiva adaptação e se vai ser necessário realizar algum descarte, transcodificação, suplementação ou até mesmo substituição de gênero.

As produções cinematográficas podem ser consideradas hipertextos que surgem a partir de hipotextos já definidos. Essa transformação de hipotextos (obra literária original) em

hipertexto (obra cinematográfica adaptada) ocorre a partir de ações mais ligadas à estrutura fílmica, como a seleção, a ampliação, a concretização e a efetivação nesse processo. No caso de *Lost Zweig* o diretor estabelece um diálogo intertextual com a biografia *Morte no Paraíso*, do jornalista Alberto Dines, fazendo uma adaptação da obra de Dines para a obra cinematográfica.

O grande destaque da hipertextualidade não gira ao redor das possíveis semelhanças que esta adaptação possa ter com o hipotexto. Na realidade, o hipertexto às vezes gera uma desvalorização da obra original, modernização do estilo do texto fonte, modificação no momento da transposição do conteúdo, alteração do enredo, podendo ter como produto final uma admiração ou descontentamento de parte do público. Enfim, em grande parte das adaptações o que se transfere e representa de um hipotexto para o hipertexto não é apenas e especificamente a obra original, mas sim a transferência de um gênero por completo. Dentro dessa perspectiva da hipertextualidade, Thaís Flores Nogueira Diniz ressalta:

> O maior grau de hipertextualidade acontece quando uma obra inteira é derivada de toda uma outra obra e o processo é oficialmente explicitado. Quanto maior e mais explicita for a hipertextualidade de uma obra, mais sua análise dependerá da decisão interpretativa do leitor. (DINIZ, 2005, p.44).

É importante ressaltar que a partir dos anos 1970 começa a se estabelecer no Brasil uma onda de biografismo que se estendeu até os dias de hoje. Antes, as biografias que circulavam por terras tupiniquins eram meras traduções sobre personagens estrangeiros. A partir de então, a produção biográfica passou a ser um alvo comercial dos escritores brasileiros, com foco em personalidades brasileiras ou que tinham alguma relação direta com o país, como no caso de *Morte no paraíso* (Alberto Dines - 1981), *Olga* (Fernando Morais - 1985) e *Getúlio* (Lira Neto - 2012).

O estabelecimento desse novo biografismo é também uma grande ponte para o surgimento de diversas cinebiografias a partir de adaptações direcionadas ao cinema, à televisão, aos docudramas, dentre outros meios de comunicação, entretenimento e interação em massa. Como exemplo, temos o longa-metragem brasileiro *Olga* (2004), com a direção de Jayme Monjardim, que foi baseado na biografia sobre a comunista Olga, feita pelo escritor Fernando Morais. Nessa mesma vertente da relação entre biografia e obra cinematográfica, temos a produção de *Lost Zweig* (2003) dirigida pelo cineasta brasileiro Sylvio Back, que foi baseado na biografia desenvolvida pelo jornalista Alberto Dines sobre o escritor judeu, Stefan Zweig. De acordo com Pierre Bourdieu:

> Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações* e *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado. O sentido dos movimentos que conduzem de uma posição a outra (de um pasto profissional a outro, de uma editora a outra, de uma diocese a outra etc.) evidentemente se define na relação objetiva entre o sentido e o valor, no momento considerado, dessas posições num espaço orientado. O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou [...]. (BOURDIEU, 2006, p.190).

Nessa perspectiva, Dines e Back souberam representar em suas obras, com riqueza de detalhes e em uma ordem cronológica, o desenrolar dos acontecimentos históricos que precederam as últimas semanas de vida de Stefan Zweig.

Alberto Dines, que também é judeu, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1932. Foi um professor universitário, jornalista, crítico de cinema, roteirista e, atualmente, apresentador do programa *Observatório da imprensa*. Dines é o segundo biógrafo de Stefan Zweig, sendo o primeiro Donald Arthur Prater (1918-2001), que foi professor, músico, diplomata e militar em Cingapura durante a Segunda Guerra Mundial. O jornalista, inclusive, se correspondeu com Prater algumas vezes para compartilharem algumas informações, fotos e documentos sobre Zweig, quando Dines ainda estava em processo de produção da primeira edição de *Morte no Paraíso* (1981), enquanto o diplomata já biografava Zweig.

A ditadura militar foi uma fase terrificante na história do Brasil. Nem mesmo Alberto Dines conseguiu escapar da censura. Em 13 de dezembro de 1968 ocorreu o decreto do Ato Institucional nº5 (AI-5) e, desde então, os anos seguintes foram considerados o período mais violento da história da Ditadura Militar brasileira, que teve fim apenas em 1985, com a eleição de Tancredo Neves como presidente da República. Após o decreto do AI-5 alguns políticos, intelectuais, escritores, jornalistas, artistas, dentre outros que se atreviam, criticaram a criação do mesmo, sobretudo em relação à censura exacerbada que se espalhava sobre a mídia e a população em geral. “Só se publicava aquilo que era permitido ou dito pelos cidadãos de maior poder sobre a sociedade e que seria mais viável tornar de conhecimento público.” (OLIVEIRA, 2015, p.14). Nessa época, Alberto Dines, como professor universitário, foi convidado a ser paraninfo de uma turma da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e, aproveitando o ensejo, realizou um discurso de crítica à censura a qual o governo estava submetendo a sociedade. Em consequência à sua manifestação, Dines foi preso em dezembro de 1968 e, posteriormente, foi submetido a inquérito.

Assim como Sylvio Back, Alberto Dines também tem sua preferência em escrever sobre personagens de origem hebraica, sobretudo por se sentir familiarizado com a temática, já que ele também é judeu. Em 1992, Dines escreveu um livro chamado *Vínculos do fogo*, que trata do dramaturgo luso-brasileiro, Antônio José da Silva Coutinho, "O Judeu", o qual morreu queimado na fogueira da Inquisição portuguesa, em 1739. Dines já escreveu mais de dez livros, mas o destaque está para a biografia *Morte no paraíso,* que teve sua 4ª edição lançada no ano de 2012, a qual, inclusive, está sendo utilizada como fonte de estudo e pesquisas no desenvolvimento desta dissertação.

Não por acaso, Alberto Dines começou a se interessar por Zweig. Desde criança, ele se deparava frequentemente com a imagem do escritor austríaco e ouvia muitas pessoas falando sobre ele, já que era um renomado escritor com reconhecimento internacional. Durante muitos anos seu pai manteve uma foto de Stefan Zweig, com dedicatória, exposta em seu gabinete. O jornalista considera que a imagem no retrato mostrava um homem com uma feição tranquila e de boa aparência, apesar de o seu bigode se assemelhar com o de Hitler. Na biografia que escrevera sobre o autor de *Brasil, um país do futuro*, Dines relata:

> Seu suicídio foi um dos primeiros contatos que tive com a morte e com jornais. Li-os para entender por que meu pai fora a Petrópolis no dia anterior e chegara tão arrasado. Não consegui perceber aquela mágica idiota de deixar de viver. Eu o vira dois anos antes na escola – alto, vistoso –, agora nas fotos estava morto. O episódio entrou de cambulhada em minha vida, trazendo uma noção de guerra sem fardas e tambores. (DINES, 2012, p.23.).

Esses primeiros contatos indiretos de Alberto Dines com Stefan Zweig foram fundamentais para despertar no jornalista o interesse sobre a trajetória de vida deste judeu, então exilado no Brasil, e que o levou a produzir as quatro edições da biografia, que se expande e revela mais fatos da vida do austríaco a cada nova edição. *Morte no paraíso*, que também foi traduzida para outros idiomas, como o espanhol e o alemão, traz ao público leitor de forma poética, numa mescla de ficção e história, riquezas de detalhes sobre a vida (e morte) de Zweig, sobretudo as angústias que o levaram à difícil decisão de findar a própria vida e induzir a sua segunda esposa, Lotte, a fazer o mesmo. Relata também algumas estratégias políticas que ocorriam naquele período entre guerras, principalmente em relação à ditadura nazista que assombrava os quatro cantos do mundo.

Desde que lançou a primeira edição da biografia - em 1981 e a segunda foi logo em seguida - Dines foi recebendo contribuições em arquivos, fotos e documentos sobre Zweig e, por isso, conseguiu cada vez mais engordar o conteúdo biográfico sobre o judeu exilado e

aumentar as páginas de cada nova edição. Em 1981, no mesmo ano da comemoração dos cem anos de nascimento de Zweig, vários periódicos foram lançados comentando a morte do escritor, inclusive uma Fotobiografia editada por Donald Prater, que foi o primeiro biógrafo de Zweig, com algumas contribuições fotográficas de Dines. A 3ª edição foi publicada no Brasil no ano de 2004. Já a 4ª edição de *Morte no Paraíso* foi lançada em 2012 e está distribuída em dez capítulos e alguns adendos preenchendo longas e históricas 733 páginas. Para Dines:

> Transgredir é essencial na arte biográfica. Mais do que gênero literário, a biografia é um desacato. Insubordinação contra a morte, fixação na vida, exercício de suscitação, ressuscitação dos finados e esquecidos. Este relato contém outras rebeldias além da recusa do biografado em desaparecer: o biógrafo vê-se obrigado a rejeitar o ponto final – não existem biografias definitivas. (DINES, 2012, p. 11).

Esta 4ª edição da biografia está ilustrada com as diversas fotografias que Dines detém em seu acervo pessoal sobre Zweig, a partir das inúmeras contribuições que recebeu de amigos do exilado e de várias outras pessoas relacionadas ao autor de *24 horas na vida de uma mulher* de alguma forma. Fotografias em preto e branco mostrando Zweig e seu círculo social, os políticos daquele tempo e diversas paisagens de uma época que vai ficar marcada para sempre na história mundial como a "era do medo".

Uma das imagens mais polêmicas que foi divulgada pela imprensa mundial foi a fotografia pós-morte de Stefan Zweig e sua esposa Lotte. Ambos se suicidaram, ele primeiro e ela algumas horas depois, mas nem mesmo quando já estavam a alguns passos de alcançarem a tão sonhada liberdade não deixaram de ser preocupados e perfeccionistas. Trajavam roupas escolhidas especificamente para a ocasião. Optaram por não romper a ligação do pacto suicida que selaram nem no último instante de suas vidas, se preocupando em manter unidas suas singelas camas de solteiro até o momento derradeiro (Imagem 12):

> O casal como foi encontrado pelas autoridades policiais na tarde de 23 de fevereiro de 1942: Stefan matou-se antes, por isso está com os braços cruzados sobre o peito. Lotte esperou para certificar-se de que o marido já não respirava, ingeriu o seu veneno e abraçou-o. Sua cama mal foi usada, uma ponta do penhoar aparece entre as cobertas. Móveis modestos, duas camas de solteiro serviam de cama de casal. (DINES, 2012, p.674).

Figura 12 - Petrópolis, 22 de fevereiro 1942. Fotografia de Stefan Zweig e Lotte juntos na cena do suicídio.

Fonte: DINES, Alberto. *Morte no Paraíso*. A tragédia de Stefan Zweig. 2012, p. 674.

Através de um apurado olhar biográfico de Dines sobre a situação, a imagem mais comentada na época consegue perfeitamente ser descrita em uma única frase: "[...] cadáveres unidos, mortes desiguais. Ele, sossegado, porque optou; ela, entortada, arrastada pela opção do outro.". (DINES, 2012, p. 586).

Dines se preocupa em preencher com detalhes as linhas do último capítulo da biografia sobre Zweig – *Capítulo X: O candelabro enterrado* – ao descrever a conturbada situação acerca do enterro de Zweig e Lotte, devido à questão da religião judaica:

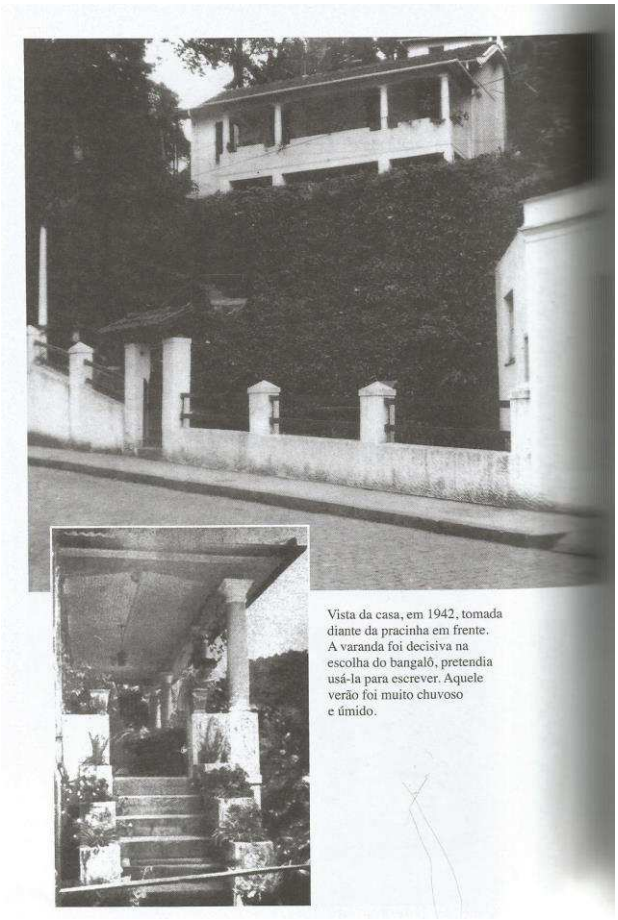
> Em nenhuma outra oportunidade mostrou-se mais cruamente como nesta o antissemitismo oficial, que queria evitar à força que se desse a Zweig um enterro judaico... o escritor Cláudio de Souza estava visivelmente enojado com o nosso pleito... foi a única ocasião em que vi a representação judaica apresentar-se sem servilismo, numa posição digna, diante da arrogância oficial. (Aron Neuman, 1942, apud, Alberto Dines, 2012, p. 605).

A casa na qual moravam Zweig e Lotte em Petrópolis não foi escolhida por acaso. Sofreu forte influência da ampla varanda que o imóvel disponibilizava (Imagem 13). Esse era um aspecto fundamental para Zweig, pois o exilado era um fiel admirador da natureza que circundava a casa, e que era possível observar a partir da varanda. Além disso, também sentado nela que Zweig desfrutava seus momentos de inspiração e reflexão:

> Casa térrea, estilo bangalô, provavelmente do início dos anos 1930. No mesmo lugar houve outra, de madeira, enfeitada com florões, vagamente vitorianos e muito

> comuns em Petrópolis. O encanto, além da varanda, está na sua situação: rodeada de verde, no alto de um jardim. O que implica uma subida íngreme – para a asma de Lotte, mais problemas. Não pensaram nos seus sofridos brônquios. Nem ela. (DINES, 2012, p. 488).

Figura 13 - Petrópolis, 1942. Casa onde Stefan Zweig e Lotte estavam morando antes de cometerem suicídio



Fonte: DINES, Alberto. *Morte no Paraíso*. A tragédia de Stefan Zweig. 2012, p, 578.

Zweig, que mantinha um estreito relacionamento amigável com sua ex-esposa Friderike, a qual permaneceu sua amiga confidente até os últimos dias de sua vida, lhe revelou alguns detalhes de sua nova moradia no Brasil através das correspondências que trocavam, como demonstra o trecho da carata abaixo:

> Hoje nos mudamos, felizes. É uma casa minúscula, mas com um amplo terraço coberto e uma bela vista, um pouco fresca agora no inverno, e o local é tão maravilhosamente deserto como Ischl em outubro e novembro. Finalmente, um lugar para descansar durante alguns meses, e as malas serão guardados para não serem mais vistas durante longo tempo[15].

[15] Stefan Zweig em carta para Friderike, em 17 de setembro de 1941. Disponível em: <http://www.casastefanzweig.org/sec_casa.php?sub=casa.>. Acesso em: 16 jan.,2017.

Após mais de 70 anos de sua morte, a casa em Petrópolis, que fica na rua Gonçalves Dias, no número 34, no bairro Valparaíso, passou por algumas modificações em sua estrutura e foi transformada em um museu em memória de Stefan Zweig. O local também exibe alguns objetos pessoais de Zweig, livros e textos, além de disponibilizar riqueza de informações sobre a vida e obra do judeu exilado (Imagem 14). A Casa também representa um Memorial do Exílio em homenagem a tantas outras pessoas que foram exiladas e emigradas na mesma época e que contribuíram de alguma forma para a cultura popular brasileira:

> Em 2005, foi resgatada por um grupo de admiradores da vida, da obra e dos ideais de Zweig para abrigar a "Casa Stefan Zweig", tal como propôs Raul de Azevedo. Naquele cantinho de Petrópolis escolhido pelo próprio Zweig, na rua que leva o nome do autor da "Canção do exílio", um museu-monumento destinado a lembrar como os expatriados inventam paraísos. (DINES, 2012, p.651).

Figura 14 – Petrópolis. Nos dias de hoje, a casa em que morou Stefan Zweig e Lotte.

Fonte: Site CASA STEFAN ZWEIG[16].

Dentre as mais de setecentas páginas escritas por Dines sobre a vida do vienense nessa 4ª edição da biografia, o jornalista expõe o último poema que Stefan Zweig escreveu devido à comemoração do seu sexagenário aniversário que se aproximava carregando nas entrelinhas um tom de premonição sobre o que estava por vir. Posteriormente, o poema foi traduzido pelo poeta brasileiro, Manuel Bandeira, após o suicídio do exilado:

> **Último poema de**
> **Stefan Zweig[17]**

[16] CASA STEFAN ZWEIG. Disponível em: <http://www.casastefanzweig.org/sec_casa.php?sub=esp>. Acesso em: Acesso em: 11 jan. 2017.

Suave as horas bailam sobre
O cabelo branco e raro.
A áurea taça a borra cobre:
Sorvida, eis o fundo, claro!

Pressentimento da morte
Não turba, é alívio profundo.
O gozo mais puro e forte
Da contemplação do Mundo.

Só o tem quem nada cobice,
Nem lamente o que não teve,
Quem já o partir na velhice
Sinta — um partir mais de leve.

O olhar despede mais chama
No instante da despedida.
E é na renúncia que se ama
Mais intensamente a vida.

Como já foi dito várias vezes ao longo desse texto, quando comparamos uma obra cinematográfica com uma obra literária um dos aspectos que mais observamos é a questão da fidelidade da adaptação, como se ela tivesse a obrigação de reproduzir na íntegra todo o conteúdo do hipotexto. No caso de *Morte no paraíso* (hipotexto) e *Lost Zweig* (hipertexto) há vários pontos que o público poderia considerar como infiel, tanto na biografia quanto no longa-metragem. Dines descreve Zweig e toda a sua trajetória até a morte minuciosamente e com muita convicção sobre os fatos e aquele momento histórico em que viveu o vienense, deixando transparecer certo apreço pelo biografado. Embora o jornalista tenha recebido diversas contribuições em documentos, fotos e depoimentos que comprovam o então conteúdo biográfico de *Morte no paraíso,* suas emoções pessoais em relação ao exilado podem ter influenciado a ênfase e a forma como Dines organizou e dispôs as informações na obra escrita. Esse apreço pessoal poderia ser considerado como uma forma de "infidelidade", levando o jornalista a ser tendencioso a ressaltar apenas as qualidades de Zweig e omitindo fatos ou posturas que possam denegrir a imagem do escritor como, por exemplo, deixar transparecer ao público a questão da sua possível bissexualidade como Back fez em *Lost Zweig*.

Um exemplo relacionado ao contexto supracitado é a questão trazida à tona em *Lost Zweig,* e que não é abordada em *Morte no Paraíso*: uma referência a uma possível bissexualidade de Zweig, que ele manteve em segredo por toda a sua vida, principalmente

[17] O último poema de Stefan Zweig. Tradução póstuma, por Manuel Bandeira. In: *Morte no paraíso*, 2012, p.519.

pela difícil época ditatorial em que ele viveu seus anos de exílio em vários países, como Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Essa informação inédita causa no público uma sensação de que a biografia não estava completa ou que esta informação teria sido omitida por Alberto Dines, gerando indiretamente uma desmotivação em relação ao hipotexto. Contudo, sua sigilosa condição sexual transparecia sutilmente em algumas pequenas atitudes e gestos pessoais que ele demonstrava em seu comportamento, além de aparecer também discretamente dissolvida em vários personagens que ele criava em suas obras literárias.

Nas telas do cinema a suspeita da bissexualidade de Zweig surge em uma cena em que o judeu vai a um prostíbulo, que estava acostumado a frequentar quando vinha ao Rio de Janeiro, acompanhado de seu amigo Alberto D'Ávilla. Na cena em questão, ao sair do recinto Zweig demonstrava estar um pouco confuso, meio tonto, e vai caminhando em direção ao seu amigo que o aguardava. Nesse momento, eles trocam algumas palavras, em que Zweig elogia D'Ávilla pelo companheirismo nos últimos dias e, então, se cumprimentam com um aperto de mão. É quando Zweig aproxima seu rosto ao de D'Ávilla na tentativa de beijá-lo, mas o mesmo se afasta fazendo uma expressão facial de estranhamento e, em seguida, Zweig parece despertar de seu momento de devaneio, pede desculpas ao amigo e vai embora sozinho, sentindo-se envergonhado (Imagem 15).

Figura 15 – Cena do filme Lost Zweig. Tentativa de Zweig beijar D'Ávila.

Fonte: Filme *Lost Zweig*, longa-metragem do cineasta Sylvio Back, lançado em 2003.

Essa cena deixa o público surpreso, principalmente por se tratar de uma novidade em relação ao escritor judeu. Nunca antes alguém teria deixado tão claro essa possibilidade de

bissexualidade da pessoa de Stefan Zweig. Sylvio Back relaciona essa exposição de Zweig à importância que ele gosta de dar aos personagens em suas produções:

> Os filmes biográficos hoje – sejam de músicos, escritores ou políticos – não têm o contraditório. É como se aquelas pessoas fossem santas em sua vida pessoal, em sua trajetoria literária, poética ou musical. São pessoas acima do bem e do mal, e isso é o fim da picada. Eu procurei fugir disso porque isso acaba corroendo moralmente o personagem. Quanto mais você mostrar o caleidoscópio que é a vida, maior fica o personagem. Zweig tem toda essa complexidade[18][...].

Outra situação, no mínimo curiosa, que foi apresentada ao público apenas na obra cinematográfica foi uma possível conversa entre Zweig, Lotte e Vargas. Na cena em questão, nos, aproximadamente, 47 minutos de filme, o casal de judeus almoça junto com o presidente Getúlio Vargas, na esperança que o mesmo fosse dar algum parecer em relação aos vistos permanentes para eles e outros judeus se exilarem no país. Porém, Vargas se esquivou durante toda a conversa e, em um determinado momento, ele pergunta para Zweig se ele já havia sonhado que estava morto ou que estava se matando. Lotte e Zweig mantinham-se sempre na defensiva diante das ironias e sarcasmos de Vargas. Contudo, essa cena impressiona, pois é uma passagem adaptada, já que ela não existe na obra *Morte no Paraíso*, de Dines, e trata exatamente da forma como os três personagens em questão morrerão posteriormente, até onde se sabe, ou seja, de suicídio.

A criação desta cena não oficial pode ter sido encaixada no contexto pelo cineasta para levar o público a pensar em uma possibilidade de morte dos protagonistas que não foi abordada na biografia. Vargas teria dado uma pista ao casal de que estava "planejando" a morte deles? Será que o casal realmente se suicidou voluntariamente ou será que foram induzidos a cometer um suicídio coletivo para não levantar rastros de perseguição do governo ditador? Quanto ao suicídio de Getúlio Vargas, que aconteceria anos depois na história do país, teria Vargas deixado claro naquele almoço, em 1942, que já cultivava ideias suicidas? Enfim, parece que quanto mais possibilidades de intepretação nos são dadas mais direcionamos nossa atenção em busca de outras explicações. Talvez *Lost Zweig* não tenha o objetivo de colocar uma biografia em prática, mas, sim, juntar as informações extraídas da

---

[18] LIVROS e filmes mantêm viva a obra do escritor Stefan Zweig. *Correio Braziliense. Diversão e Arte.* Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/03/11/interna_diversao_arte,474872/livros-e-filmes-mantem-viva-a-obra-do-escritor-stefan-zweig.shtml>. Acesso em: 03 jan. 2016.

obra biográfica de Alberto Dines aos relatos e entrevistas de pessoas ligadas diretamente a Zweig e dar um embasamento para uma série de hipóteses. Todo esse processo é o que Sylvio Back sabiamente vai nomear de "resgate ficcional".

Percebemos, assim, que a adaptação é vista como um processo de criação que vai sempre envolver um processo de (re)interpretação ou de (re)criação. Tudo vai depender da perspectiva do diretor e podemos chamar esse processo de apropriação ou recuperação.

No caso de *Lost Zweig*, o próprio diretor já nutria certo interesse e curiosidade particulares em criar uma obra cinematográfica sobre a vida de Stefan Zweig. Porém, não podemos deixar de analisar as adaptações para o cinema pelo aspecto comercial. A partir do momento em que já se tem uma consagrada obra literária em circulação e com um público expressivo a adaptação fílmica se torna mais viável, pois já se subentende uma plateia destinada para ela. Geralmente, os leitores da obra literária que será adaptada são os primeiros a lotar as salas dos cinemas, ainda na estreia, para sentir de perto aquela emoção que, até então, só existia no papel. Contudo, estima-se que o público de uma adaptação cinematográfica seja superior ao público da obra literária fonte, que é uma situação justificável, já que, geralmente, quase todos os leitores da obra literária vão assistir à adaptação, mas nem todos que a assistem leem a obra original.

Percebemos, portanto, que cada obra existente possui o seu valor individual. Nenhuma é por si só o bastante que não possa ser representada, modificada, reinventada, adaptada. Sobretudo, as adaptações cinematográficas trazem consigo a emoção das imagens e oferecem ao público mais clareza e direcionamento para se imaginar naquele contexto, naquela história. As emoções trazidas nas adaptações cinematográficas se misturam às nossas vidas, ao nosso cotidiano e algumas adaptam até o nosso comportamento influenciando a maneira que temos de enxergar o mundo, além de ajudar a nos posicionarmos politicamente, também nos auxiliando nas reflexões acerca dos tempos sombrios. "Assim, a adaptação é uma derivação que não é derivativa, uma segunda obra que não é secundária - ela é a sua própria coisa palimpséstica.". (HUTCHEON, 2011, p.30).

Dentro do estudo do universo literário versus cinematográfico, principalmente quando esses universos estão atrelados ao gênero biografia, percebemos, portanto, que não há uma total individualidade em ambas as obras. Elas se completam, uma dando sentido à existência da outra. Nessa perspectiva, Sylvio Back fez algumas alterações e adaptou a biografia *Morte*

no paraíso de Alberto Dines dirigindo e produzindo o filme *Lost Zweig*. Contudo, tanto Dines quanto Back, cada um a seu estilo, representou de forma artística, um através da palavra e o outro através da imagem, os momentos finais do escritor judeu Stefan Zweig, revelando também ao leitor e ao espectador uma fase polêmica do Brasil, ainda pouco conhecida por grande parte da população nativa: a vinda de judeus para o Brasil na era Vargas fugindo da ditadura de Hitler.

Estudar e analisar tanto a biografia *Morte no paraíso* quanto a película *Lost Zweig* nos proporciona uma reflexão acerca de um período conturbado da história do Brasil e da Europa e que, infelizmente, ainda perdura com recentes fugas de refugiados de guerra do Oriente Médio para a Europa e América Latina. Isso, em pleno século XXI, assombra e entristece a todos nós na atualidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui desenvolvida foi fundamentada a partir da leitura de obras relacionadas aos temas principais abordados nesse trabalho, como o Antissemitismo, Judaísmo, Primeira e Segunda Guerras Mundiais, Stefan Zweig, Hitler, Totalitarismo, Adaptação Cinematográfica, Literatura, Cinema, Biografia e Autobiografia. Todas essas temáticas tiveram, em algum momento, uma relação direta ou indireta com o objeto de estudo desta pesquisa, que é o escritor judeu Stefan Zweig.

Além das obras consultadas, também foi feita uma visita ao *Memorial da Imigração Judaica*, inaugurado em fevereiro de 2016, na cidade de São Paulo, no bairro Bom Retiro. Passear por cada parte do Memorial é como viajar nas páginas de um livro. A cada passo uma nova possibilidade de aquisição de conhecimentos sobre a trajetória dos imigrantes judeus para o Brasil: as contribuições do grupo hebraico para o desenvolvimento do bairro Bom Retiro no auge da imigração, os meios de locomoção dos imigrantes, suas comidas tradicionais, os idiomas mais falados pelos judeus, a Sinagoga construída em 1912, as celebrações judaicas, as famílias mais tradicionais da época, os objetos construídos pelos hebreus, enfim, uma diversidade de conhecimentos disponíveis para o acesso de todos.

Ainda sobre a questão da aquisição de conhecimentos, outra surpreendente fonte é o livro *Brasil, um país do futuro*. Com certeza Stefan Zweig foi uma pessoa à frente de seu tempo. Soube empregar muito bem neste livro cada um dos comentários que emitiu e profetizou acerca daquela atual e futura condição física, social e econômica do Brasil. Ele descreveu, explicou e teceu comentários sobre cada região que visitou no país trazendo aos leitores um interessante relato sobre como era o Brasil do início do século XX. O livro é praticamente uma Biografia sobre o Brasil.

Hoje em dia, Zweig é pouco conhecido no Brasil, mas no início do século XX ele era um escritor renomado também no país e encantava principalmente o público feminino, com seus romances novelísticos. Na época em que se suicidou causou grande comoção social justamente pela sua popularidade. Entretanto, ao longo deste trabalho, percebemos que no período das duas guerras mundiais e, também, nos anos pós Segunda Guerra o suicídio se tornou algo comum entre aqueles que, de alguma forma, sofreram com perseguições políticas,

raciais, religiosas e, inclusive, entre aqueles que conseguiram sobreviver aos difíceis dias de tortura nos Campos ou no exílio.

Algumas obras literárias que foram lidas para discussão, entendimento e análises das temáticas do exílio e antissemitismo, como por exemplo, *É isto um homem?,* de Primo Levi, *Paris, a festa continuou*, de Alan Riding e a *Autobiografia: o mundo de ontem*, de Stefan Zweig, nos mostram o quanto era aterrorizante o ódio, a intolerância e o preconceito implantados por governantes totalitários, sobretudo, no período da Segunda Guerra Mundial. O quanto as frustações pessoais de um cidadão comum tiveram força e importância suficientes para lhe transformar em um *Führer* conhecido e temido mundialmente: Hitler.

O foco deste trabalho foi a vida e a obra do judeu Stefan Zweig, sobretudo, em sua trajetória de exílio. Porém, sabemos que existem na história do antissemitismo relatos sobre a vida de muitos outros judeus que passaram pelas mesmas (e até piores) situações de exílio e sofrimento que Zweig. Não menos importantes foram também aqueles judeus que viveram o mesmo caos, as mesmas angústias, mas que nunca foram identificados ou registrados em linhas históricas.

Também é relevante ressaltar ao leitor um aspecto que foi observado ao longo desta pesquisa: o quanto as guerras representam um perigo de extinção de um país, cidade ou comunidade. Conflitos de grandes proporções se tornam uma ameaça às taxas de natalidade e desenvolvimento de uma nação, devido ao grande número de homens em idade produtiva e reprodutiva que vem a óbito.

Entender sobre o processo de adaptação cinematográfica a partir da literatura também é, sem dúvidas, um enriquecedor aprendizado. Saber que as adaptações podem ser feitas sem a necessidade de serem totalmente fieis à obra original esclarece muita coisa para o leitor, que quando vai ao cinema assistir a uma determinada adaptação fica sem entender o porquê de determinadas cenas estarem representadas de forma diferente do que se lia na obra literária de origem. Sobretudo, agora entendemos que a adaptação pode ocorrer também nas páginas da própria biografia. Tudo vai depender do envolvimento pessoal do biógrafo com o biografado e também com o que é interessante revelar ao público leitor.

Observamos, portanto, o quão enriquecedor foi desenvolver esse trabalho. A pesquisa trouxe alguns conceitos literários e exibiu um contexto histórico pouco explorado nas

instituições ultimamente, apesar de não se ter aprofundado em determinados aspectos ou períodos históricos, pois no atual momento acadêmico esse não era um objetivo na pesquisa, mas, talvez, o aprofundamento das temáticas estudadas possa surgir em um futuro Doutorado.

Ao aproximarmos as duas obras, biográfica e cinematográfica, percebemos ali um mesmo enredo, mas que foi contado de formas diferentes. Dines preferiu a discrição ao escrever a biografia em um tom conservador, sem fugir à censura do momento em que o texto foi elaborado. Back preferiu ousar na montagem das cenas, sobretudo, na inclusão de alguns acontecimentos apenas hipotéticos, aproveitando toda a liberdade de expressão disponível na época da produção da película e, também, pelas inúmeras possibilidades de adaptação que a própria mídia proporciona. A biografia traz ao leitor boa parte da trajetória de exílio de Zweig até se estabelecer definitivamente no Brasil e cometer o suicídio junto com sua segunda esposa. Já o longa-metragem foi produzido focalizando apenas a última semana de vida de Zweig no Brasil até a sua morte precipitada.

Temos em ambas as obras um Zweig melancólico, preocupado. Achou que ao deixar a Europa estaria deixando também suas angústias, seus medos. Equivocou-se. O país que ele mesmo chamou de "País do futuro" foi lhe mostrando ao passar dos dias de exílio que toda aquela natureza exótica não significava proteção nem segurança.

A temática do exílio, que foi trabalhada ao longo desta pesquisa, sobretudo abordando a trajetória de Zweig, nos leva a refletir sobre o quanto é difícil viver nessa condição. Mesmo que o exilado tenha para onde ir com boas condições financeiras para tal mudança, como no caso de Zweig, abandonar o seu país, as suas origens é uma atitude difícil de ser tomada. Para o exilado, até os dias parecem passar mais vagarosamente de formas que ele passa a sentir mais profundamente a sensação de não pertencimento a lugar nenhum.

Dar início ao desenvolvimento desta pesquisa não foi uma tarefa fácil nem encorajadora. Havia pouco material disponibilizado em alguns acervos para consulta sobre a vida e obra de Stefan Zweig. Entretanto, à medida que o texto foi sendo produzido, diferentes fontes de informações sobre o escritor foram surgindo e, aos poucos, novos acessos a diversos livros e materiais online também. Hoje, com a pesquisa concluída, espero poder ser mais uma fonte de efetiva contribuição para o desenvolvimento de trabalhos de outros pesquisadores envolvendo as temáticas da adaptação, do exílio, dentre outras estudadas aqui, mas, sobretudo, de Zweig.

Vimos que novos relatos e informações surgiram recentemente acerca de Zweig, mesmo tantos anos depois de sua morte. Isso o torna cada dia mais vivo na memória das pessoas. Essa mesma possibilidade de se manter presente entre nós devemos aplicar às temáticas aqui pesquisadas para que jamais deixemos adormecer na memória coletiva o conhecimento sobre a nossa própria história, sobre os fatos trágicos que já se passaram, pois nada está completamente isento de acontecer novamente. Portanto, a fim de evitarmos que um novo caos mundial venha a acontecer sob o comando de governantes totalitaristas nos coloquemos sempre prontos para discutirmos as temáticas do Holocausto (Shoah), antissemitismo, nazismo e exílio com os nossos colegas e alunos e, assim, que as lembranças desses trágicos períodos da nossa história possam ser como Stefan Zweig que nunca morre.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIAS

ADORNO, Theodor. *Mínima Moralia*. São Paulo: Ática S.A., 1993.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: SCHWARCZ S.A., 1979.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do século XX*. 2. ed., São Paulo: Fundamento Educacional Ltda, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). *Usos e abusos da história oral***.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-semitismo na Era Vargas*: fantasmas de uma geração (1930-1945). São Paulo: Perspectiva S.A., 2001.

CARRIÉRE, Jean-Claude. *A linguagem secreta do cinema*. Tradução de Fernando Albagli e Benjamin Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

DELEUZE, Gilles. *Cinema*: a imagem-movimento. São Paulo: Brasiliense S.A., 1983.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka*: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*: 1300-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DINES, Alberto. *Morte no Paraíso.* A tragédia de Stefan Zweig. 4. ed., ampl. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

DINIZ, Thaís Flores Nogueira. *Literatura e cinema*: tradução, hipertextualidade, reciclagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

FUCHS, Angela Maria Silva; FRANÇA, Maira Nani; PINHEIRO, Maria Salete de Freitas *Guia para normalização de publicações técnico-científicas*. Uberlândia: EDUFU, 2013.

HALL, Stuart. *Da Diáspora*: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HASTINGS, Max. *Inferno, o mundo em guerra*: 1939-1945. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação.* Tradução André Cechinel. Florianópolis: UFSC, 2011.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. Lisboa, Portugal: Dinalivro, 2005.

OLIVEIRA, Isabela Almeida de. *A crítica social em O Carnaval dos Animais, de Moacyr Scliar*. 2015. 21f. Artigo de Conclusão (Iniciação Científica). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu*. São Paulo: Annablume, 1998.

RIDING, Alan. *Paris, a festa continuou*: a vida cultural durante a ocupação nazista. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHORSKE, CARL E. *Viena fin-de-siècle*: política e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SCLIAR, Moacyr. *A condição judaica*: das tábuas da lei à mesa da cozinha. Porto Alegre: L&PM, 1985.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura*: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: UNICAMP, 2003.

STAM, Robert. *A Literatura através do cinema*: realismo, magia e a arte da adaptação. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

VATTIMO, Gianni. *A tentação do realismo*. Rio de Janeiro: Lacerda; Istituto Italiano di Cultura, 2001.

VILAS-BOAS, Sérgio. *Biografismo*: reflexões sobre as escritas da vida. 2. ed., São Paulo: Unesp, 2014.

XAVIER, Ismail (Org.). *A experiência do cinema*: antologia. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

ZWEIG, Stefan. *24 horas na vida de uma mulher*. Tradução Lya Luft. Porto Alegre: L&PM, 2013a.

_____. *Autobiografia*: o mundo de ontem. Tradução Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. *Brasil, um país do futuro*. Tradução Kristina Michahelles. Porto Alegre: L&PM, 2013b.

CONTEÚDO ONLINE

ATAQUE em sede do jornal Charlie Hebdo em Paris deixa mortos. Portal de Notícias G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/tiroteio-deixa-vitimas-em-paris.html>. Acesso em: 11 jan. 2017.

ATIRADOR invade supermercado e mantém reféns em Paris. *Revista Veja online.* Disponível em: <http://veja.abril.com.br/mundo/atirador-invade-supermercado-e-mantem-refens-em-paris/>. Acesso em: 11 jan. 2017.

CASA STEFAN ZWEIG. 2016. Disponível em: <http://www.casastefanzweig.org/sec_casa.php?sub=esp>. Acesso em: 03 jan. 2016.

COUTO, José Geraldo. Sylvio Back finaliza a produção internacional sobre escritor austríaco. *Jornal Online Folha de São Paulo.* Ilustrada. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u22654.shtml>. Acesso em: 03 jan. 2016.

CRONOLOGIA da Segunda Guerra Mundial. *Almanaque Online da Folha*. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/mundo40.htm>. Acesso em: 11 jan. 2017.

HERCULANO, Alexandre. *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal.* Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/inquisicao.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2017.

HITLER, Adolf. *Mein Kampf.* Disponível em: <http://sanderlei.com.br/PDF/Adolf-Hitler/Adolf-Hitler-Mein-Kampf-PT.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2017.

KRESCH, Daniela. Stefan Zweig orienta jovem sobre sionismo em correspondência inédita. *Jornal Online Folha de São Paulo*. Ilustrada. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/12/1844799-stefan-zweig-orienta-jovem-sobre-sionismo-em-correspondencia-inedita.shtml>. Acesso em: 11 jan. 2017.

LIVROS e filmes mantêm viva a obra do escritor Stefan Zweig. *Correio Braziliense*. *Diversão e Arte*. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/03/11/interna_diversao_arte,474872/livros-e-filmes-mantem-viva-a-obra-do-escritor-stefan-zweig.shtml>. Acesso em: 03 jan. 2016.

LOST ZWEIG. *Críticos*. Disponível em: <http://criticos.com.br/?p=1242&cat=1>. Acesso em: 20 jan. 2016.

MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO JUDAICA. 2016. Disponível em: <http://www.memij.org.br/>. Acesso em: 11 jan. 2017.

"MINHA LUTA", de Adolf Hitler, esgota na Feira do Livro de Lisboa. Portal de Notícias G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2016/06/minha-luta-de-adolf-hitler-esgota-na-feira-do-livro-de-lisboa.html>. Acesso em: 11 jan. 2017.

"OS MEUS SONHOS, eu os agarro com os dentes". *A Notícia.* Disponível em: <http://www1.an.com.br/grande/back/0gra1.htm>. Acesso em: 03 jan. 2016.

PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. Memorias de un judio: el mundo visto por Stefan Zweig. Arquivo Maaravi. *Revista digital de Estudos Judaicos da UFMG.* Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/1787/1862>. Acesso em: 13 jan. 2017.

POLÍCIA faz operação contra grupo neonazista no Rio Grande do Sul. *Revista Veja online.* Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/policia-faz-operacao-contra-grupo-neonazista-no-rs/>. Acesso em: 11 jan. 2017.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho da Shoah e literatura. *Revista Diversitas*. Núcleo de estudos das diversidades, intolerâncias e conflitos da USP. Disponível em: <http://diversitas.fflch.usp.br/files/active/0/aula_8.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2017.

TJ-RJ proíbe venda e divulgação de "Mein Kampf", autobiografia de Hitler. *Portal de Notícias G1*. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/02/tj-rj-proibe-venda-e-divulgacao-de-mein-kampf-autobiografia-de-hitler.html>. Acesso em: 11 jan. 2017.

DOCUMENTÁRIOS

CLAUDIA Netto fala sobre o filme "Lost Zweig". *Canal Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qTLKM7bwQdY>. Acesso em: 20 jan. 2016.

DOCUMENTÁRIO Arquitetura da destruição. *Canal Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dbn2wkECDp0>. Acesso em: 11 jan. 2017.

STEFAN Zweig (documentário de Sylvio Back, 1995). *Canal Youtube*. A Morte em Cena. <https://www.youtube.com/watch?v=NmACHd8yHjs>. Acesso em: 20 jan. 2016.

SYLVIO Back fala sobre Lost Zweig. *Canal Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EKwyE8A_7Zw>. Acesso em: 20 jan. 2016.

PRODUÇÕES CINEMATOGRÁFICAS

ALELUIA, Gretchen. Direção: Sylvio Back. Brasil: Embrafilmes, 1976. 1 filme (118 min), son. color.

LOST ZWEIG: os últimos dias de Stefan Zweig no Brasil. Direção: Sylvio Back. Brasil: Europa Filmes, 2003. 1 filme (114 min), son. color.

ANEXO A – DECLARAÇÃO DE VISITA AO MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO JUDAICA DE SÃO PAULO – JULHO DE 2016.

MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO JUDAICA

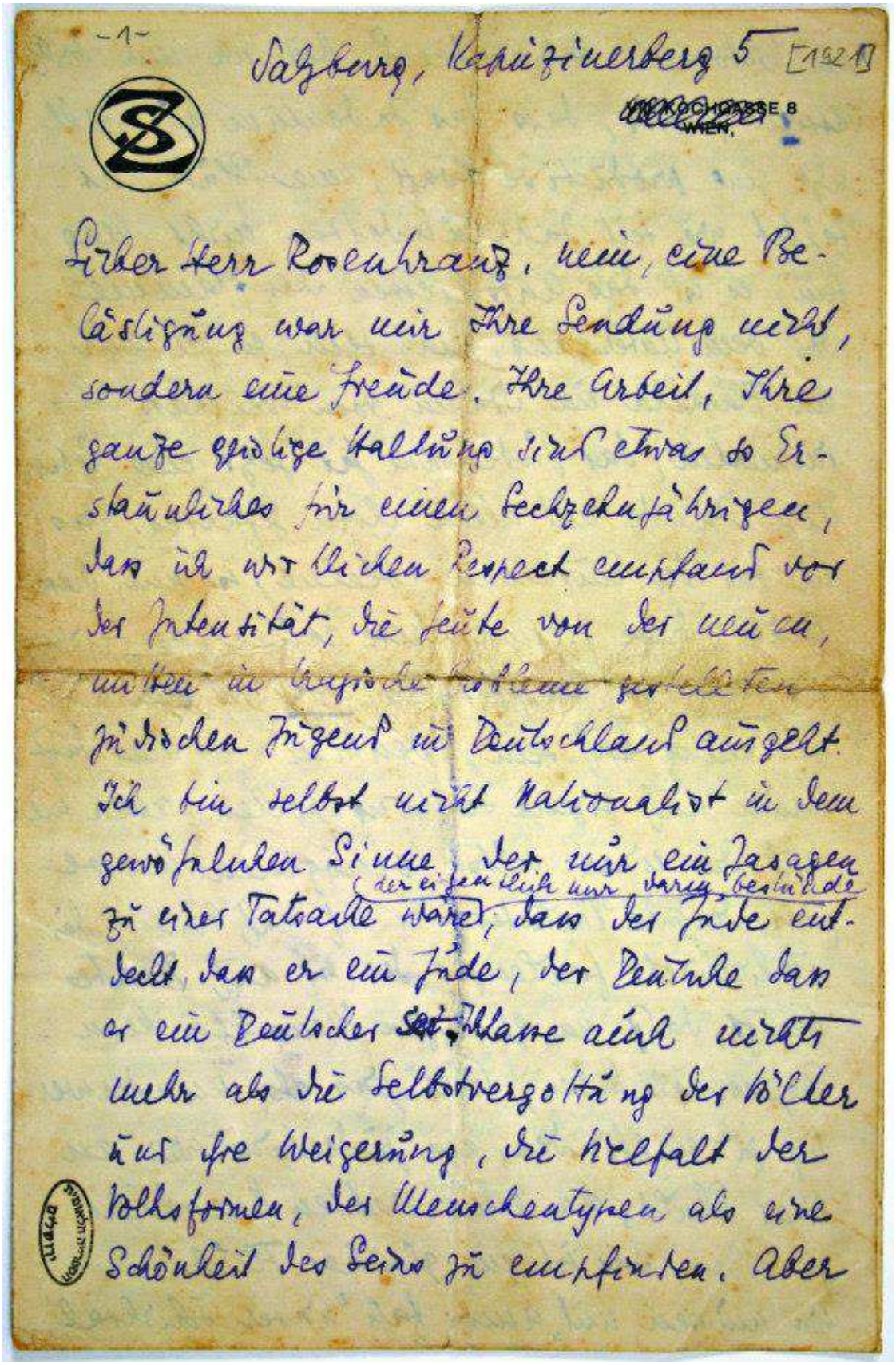
Declaro aos devidos fins que Isabela Almeida de Oliveira, portadora do documento de identificação RG.: MG14560730, compareceu ao Memorial da Imigração Judaica para visita na data de hoje.

São Paulo, 20/07/2016.

Isabel Leichand Paulino
Guia e Recepcionista
RG. 36483063-3

Associação Cultural Brasileira Kehilat Israel
R. da Graça, 160 - Bom Retiro - S. Paulo - SP | 01125-000
TEL. MEMORIAL: (11) 3331-4507 | TEL. LOJA: (11) 2667-1867
www.memij.org.br

ANEXO B – CARTA INÉDITA DE STEFAN ZWEIG PARA HANS ROSENKRANZ DIVULGADA À IMPRENSA EM DEZEMBRO DE 2016.



-1-

Salzburg, Kapuzinerberg 5 [1921]

~~VII. KOCHGASSE 8~~
WIEN,

Lieber Herr Rosenkranz, nein, eine Belästigung war mir Ihre Sendung nicht, sondern eine Freude. Ihre Arbeit, Ihre ganze geistige Haltung sind etwas so Erstaunliches für einen Sechzehnjährigen, dass ich wirklichen Respect empfand vor der Intensität, die Leute von der neuen, mitten in tragische Probleme gestellten jüdischen Jugend in Deutschland ausgeht. Ich bin selbst nicht Nationalist in dem gewöhnlichen Sinne, der nur ein Jasagen zu einer Tatsache wäre (der eigentlich nur darin bestünde), dass der Jude entdeckt, dass er ein Jude, der Deutsche dass er ein Deutscher ~~sei~~. Ich hasse auch nichts mehr als die Selbstvergottung der Völker und ihre Weigerung, die Vielfalt der Volksformen, der Menschentypen als eine Schönheit des Seins zu empfinden. Aber